

ÓRGÃO DA SECRETARIA DE CULTURA, DESPORTOS E TURISMO DO PIAUÍ
TERESINA, ANO V • Nº 12 • JULHO/SETEMBRO 1984

PRESENÇA

Assis Brasil : "A Humilhação Cósmica
é maior que a social"

Santa Cruz dos Milagres — Fé, traço cultural

III Salão de Humor do Piauí

Povoado Canto — um jeito de falar

Pe. Cícero — O ponto de contradição

Bugyja Britto — vida e obra.





Promover a integração pelo progresso. Esta é a nossa bandeira.

O Banco do Nordeste é o banco de 35 milhões de brasileiros, quase um terço da população do País.

Sua política, voltada para a defesa dos interesses do Nordeste, se fundamenta num ideal que transcende o âmbito regional: a integração nacional.

Pois os milhões de brasileiros que vivem, amam e fazem o Nordeste, pensam Brasil.

Para ajudar neste esforço, o BNB conta com o apoio das lideranças políticas e empresariais, do Governo e do povo do Nordeste.

E faz da promoção do

progresso do Nordeste a sua palavra de ordem, a sua bandeira.

Uma divisa que exalta o trabalho comum, aponta os caminhos do futuro e irmana todos os brasileiros.

MINISTÉRIO DO INTERIOR

bnb BANCO DO NORDESTE
DO BRASIL S.A.

© Contelmea

No dizer de Dagoberto Carvalho Júnior, "nenhuma cidade é portuguesamente brasileira se não nasceu em derredor de uma igreja." Em verdade, desde o alvorecer de nossos dias, a presença da cruz compõe a paisagem urbanística e social brasileira. E de forma nítida, dominadora. Terra de Santa Cruz, o símbolo da igreja aqui fincou profundos alicerces e decora os pátios de nossas fazendas e as praças de arraiais, vilas e cidades.

É marco inconfundível de nosso processo colonial, da civilização originária dos currais de gado. Com a igreja, os festejos religiosos. É inegável sua importância na vida de nosso povo, principalmente nas pequenas comunidades rurais. Não raro, constituem o maior acontecimento social do meio e espelham, em cores vivas, traço cultural significativamente marcante. Sim, as festas religiosas interioranas, com seus gestos de humildes devoções, quermesses, danças, competições, crendices, brincadeiras e cantigas pastoris, mobilizam todas as camadas da sociedade local, envolvendo-as em atividades alegres e descontraídas. É bem de ver que nenhuma política cultural poderá alcançar foros de autenticidade se não considerar esse painel de realidades e misticismos. Por isso é que, preocupados com a afirmação de nossa identidade cultural, temos procurado apoiar essas manifestações e, assim, vitalizá-las como expressões da genuína cultura popular piauiense.

Jesualdo Cavalcanti

PRESENÇA

Órgão Oficial da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí
Governador do Estado do Piauí
HUGO NAPOLEÃO

Vice-Governador
JOSÉ RAIMUNDO BONA MEDEIROS

Secretário de Cultura, Desportos e Turismo
JESUALDO CAVALCANTI BARROS

Presidente do Conselho Estadual de Cultura
BENJAMIN DO RÊGO MONTEIRO NETO

Editor
Lena Monteiro de Carvalho

Conselho Editorial
Carlos Evandro Eulálio
Glória Sandes Freitas
Amaury Teixeira Nunes

Diretor Comercial
José Elias Martins Arêa Leão

Secretária
Sônia Maria Setúbal Cunha e Silva

Colaboradores:
Bugya Britto, A. Tito Filho, Herculano Moraes, Assis Brasil, Francisco Miguel de Moura, Pe. Matusalém Sousa, Osvaldo Lemos, Arthur Filho, Moura Rego, Carlos Evandro Eulálio, Magalhães da Costa, João Emílio Falcão, Aci Campelo, Dagoberto Carvalho Júnior,

J. Ribamar Oliveira, Nenira Castelo Branco, Paulo Moura, Rutemberg, Nelson Araújo, Catarina de Sena da Costa, Humberto Guimarães, M^a. G. Figueiredo Reis, Fabiano de Cristo Rios Nogueira e Giovanni do Rego Barros.

Endereço da redação
Av. Miguel Rosa, 3.300-Sul
Fone: 223-4656 — 223-4657

Teresina — Piauí — Brasil

Os conceitos e opiniões aqui emitidos, são de responsabilidade exclusiva dos autores dos textos.

Planejamento gráfico, com posição, fotolito e impressão
Companhia Editora do Piauí
— COMEPI.



Devocionário Piauiense — Santa Cruz dos Milagres 8

Música — Uma Valsa Piauiense 11



Assis Brasil — “A Humilhação Cósmica é maior do que a social” 14

Povoado Canto — Considerações Socio-linguística 22



Pe. Cícero — O Ponto de Contradição 27

Vúlio Verne, o incrível homem do futuro também no Brasil 42



Bugyja Britto — Vida e obra 52

Aspectos da força pública no governo Zacarias de Góis 58



Boqueirão, o código ético do sertão 64

O estilo simbolista de Félix Pacheco 68

NOSSA
CAPA

PRESENÇA



A cruz que representa a fé, a catedral de N. S. da Vitória de Oeiras e a Igreja de Santa Cruz dos Milagres, do município de Aroazes. Produção de Alcide Soares Filho.



Rio, 13 de setembro de 1984

Em primeiro lugar quero dar parabéns pela edição da revista *Presença*, que tenho recebido regularmente. É órgão cultural de alto nível e de *presença* marcante do nosso Estado no restrito círculo nacional das boas coisas relacionadas com a inteligência e a autenticidade do nosso povo. Revista e assuntos divulgados, mostram um Piauí a que poucos têm acesso, ou seja, aos seus valores artísticos e seus homens de sensibilidade criativa e de idealismo. *Presença* pulsa forte no coração de todo piauiense, e sei que todo brasileiro lhe dará o devido valor, descobrindo ou redescobrendo um Estado que quase sempre esteve à margem da arte e cultura. E isso se deveu à atuação de homens insensíveis, omissão e lacuna que hoje, com *Presença*, já foram resgatadas para orgulho de todos nós.

Assis Brasil

Prezado Editor,

Li com bastante atenção a Revista *Presença* n° 10 e achei muito interessante o artigo sobre a comunidade MIMBÓ. Gostaria de parabenizar o jornalista Virgílio de Queiroz pela excelente informação e pedir que artigos desta natureza continuem a fazer parte da conceituada revista.

Francisco Laércio

São Paulo, 14 de agosto de 1984

Os chineses têm um provérbio famoso: "Cavalo ganha uma vez, sorte; cavalo ganha duas vezes, coincidência; cavalo ganha três vezes, aposte no cavalo".

Num país em que as revistas culturais têm vida tão efêmera, vocês já estão no número 11 de "Presença" e ela está cada vez melhor. Como ensinam os chineses, podemos apostar no seu sucesso.

Não sei de muitos Estados brasileiros que possuam uma revista cultural do nível desta.

Parabéns

Renato Castelo Branco

Juazeiro do Norte, 20 de agosto de 1984

A edição que me foi remetida, a de n° 11, da revista *Presença*, traz um artigo sobre o Padre Cícero, escrito pelo Pe. Matusalém Sousa, e que me interessou sobretudo como pesquisador da vida e obra do "Patriarca do Nordeste". Os demais assuntos inseridos na *PRESENÇA* são da melhor qualidade, estando, portanto, de parabéns a Secretaria de Cultura do Estado do Piauí.

Atenciosamente,

Daniel Walker Almeida Marques

Piripiri, 8 de agosto de 1984

Tomei conhecimento da Revista "Presença" através de um amigo e muito admirei esse magnífico trabalho, que só veio ajudar a divulgar a cultura em nosso Estado, que há muito tempo se encontrava no anonimato, esquecida.

Através desta, quero parabenizar a equipe responsável pela revista e fico à disposição para ajudar nesse trabalho cultural que me envia dece.

Cordialmente,

Abílio

Petrópolis, 23 de julho de 1984

Às nossas mãos chegou um exemplar de *PRESENÇA*. Que linda publicação, que divulgação da cultura, que maravilhosa criação do Governo desse Estado, de mãos dadas com a cultura e aprimoramento do povo. É assim que se faz verdadeira política: cultivo do corpo e do espírito. Parabéns.

Joaquim Eloy Duarte dos Santos
Presidente da Academia
Petropolitana de Letras

Brasília, 7 de agosto de 1984

Ao tempo em que agradeço recebimento *Presença* v.g. correspondente trimestre abril junho v.g. reiterno aplausos excelente publicação v.g. que do ponto de vista apresentação et conteúdo constitui exemplo ser imitado demais Estados pt abraços

Senador Helvidio Nunes

Nazaré do Piauí, 23 de julho de 1984

Através desta conceituada revista, tive o prazer de ler a entrevista do nosso grande escritor Fontes Ibiapina, *Presença* n° 10 págs. 10/12, no mesmo n°. Mimbo a Resistência da Comunidade Negra, pág. 21, A Luta pelas Diretas no Império, pág. 46. Depoimento Renato Castelo Branco fala de sua vida e sua formação.

No n° 11 complemento do depoimento Renato Castelo Branco (II), o que mais me impressionou a entrevista do Mestre Dezinho, um escultor para o mundo, págs. 50/53. Mestre Dezinho, rogo a Deus que toda sua trajetória seja coberta de júbilo. Seu passado foi conturbado, seu presente está sendo magnífico e seu futuro será glorioso, Deus lhe ajude.

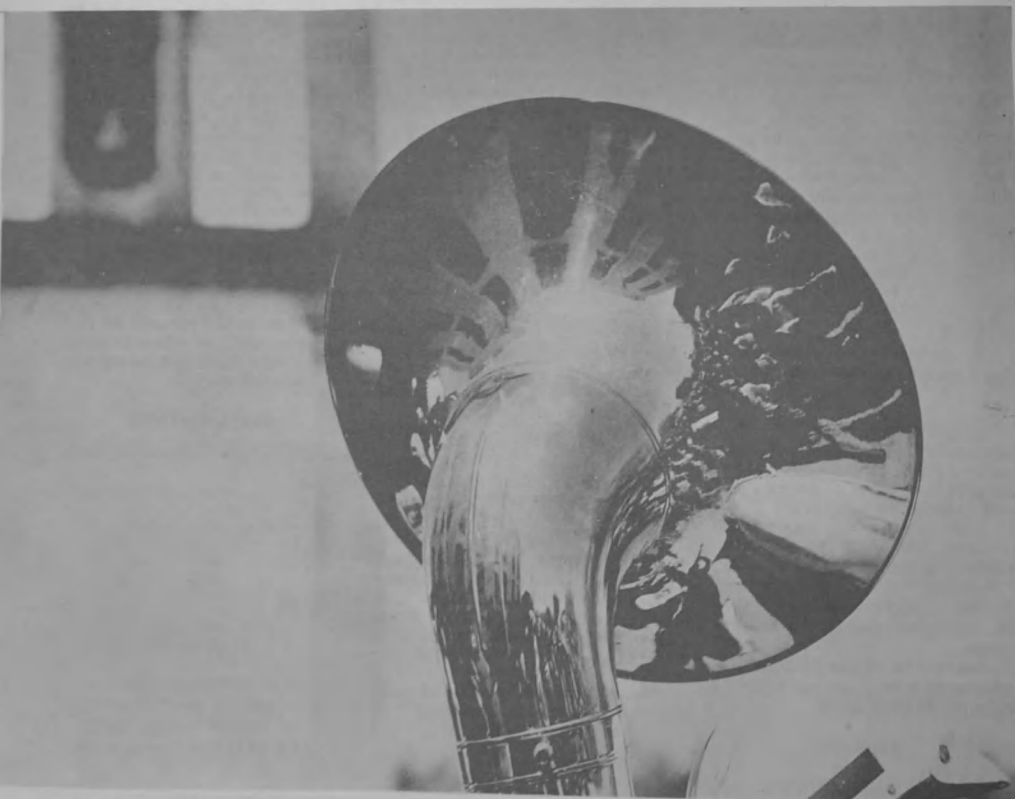
José Borges Reis

Correspondências para
a redação da revista *Presença*:
Av. Miguel Rosa, n° 3.300
CEP 64.000 — Teresina - PI.



Fogo, Portas Verdes, Bica. . .
O desalinno das ruas batizadas pelo povo,
Mudas madrugadas.
Ranços e braços estocando pólvoras !
VITÓRIA ???
O E I R A S ...
Um desbote na memória !

Alcide



DIA DO FOLCLORE

Em comemoração ao Dia do Folclore, transcorrido no dia 22 de outubro, a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo realizou o concurso de desenho "Figuras do Folclore" e a exposição "Cultura Popular e Motivos Folclóricos".

Os trabalhos dos 18 participantes do concurso de desenho foram avaliados por José da Providência, Fred Ramos, Paulo de Tarso Batista

Libório e Noé Mendes de Oliveira, que escolheram o do estudante Genivaldo de Castro Silva, de 13 anos, como vencedor e, respectivamente, os de Godofredo Couto de Carvalho e Anfrísio José Rocha Lopes como segundo e terceiro colocados.

A exposição "Cultura Popular e Motivos Folclóricos" aconteceu na Galeria de Artes do Theatro 4 de Setembro e apresentou uma boa receptividade por parte dos visitantes

FLORIANO TERÁ CENTRO CULTURAL

As diversas expressões da cultura de Floriano constituem uma riqueza que durante muito tempo exigiu um espaço físico conveniente para se manifestar. Com a restauração do prédio da antiga Usina Elétrica da cidade surge finalmente o Centro Cultural esperado, local que certamente valorizará as artes, os costumes e as tradições da região. O Secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Jesualdo Cavalcanti Barros, anunciou que técnicos da Secretaria farão um levantamento da situação do prédio, a fim de que seja determinada a sua recuperação e a instalação do Centro Cultural, inclusive com teatro. "É uma reivindicação que certamente será atendida, pois se enquadra dentro da filosofia do governo", explicou Jesualdo Cavalcanti.



Balé Agitate

I ENCONTRO NORDESTINO DO ENSINO DA DANÇA

A arte da dança no Piauí recebeu novo impulso com a realização do I Encontro Nordestino do Ensino da Dança, promovido pela Academia Agitate e que teve o apoio da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo. O evento visou "intensificar o intercâmbio cultural entre os Estados nordestinos, despertar a atenção para a profissão de bailarino e professor de dança, pro-

mover mostra de dança em Teresina e enriquecer o patrimônio cultural da dança no Piauí".

O Encontro reuniu grupos de dança do Piauí, bailarinos do Rio de Janeiro e São Paulo e também contou com a participação dos Estados do Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Bahia, Alagoas e Pernambuco, possibilitando mini-cursos de balé clássico, balé moderno, dança contemporânea, jazz e sapateado,

além de debates sobre temas livres e conferências sobre "Metodologia da Arte e Ensino da Dança" e "Anatomia da Dança".

Os coordenadores do Encontro, Heli Batista e Maria das Medilhas, da Academia Agitate, agradeceram a cooperação das empresas privadas e órgãos públicos que não pouparam esforços para o êxito do evento, plenamente vitorioso.

Devocionário Piauiense

POR: Dagoberto Carvalho Jr.

Rica história religiosa, a de Valença. Tão recuada, a presença da Igreja Católica na região antecede — como no geral — a própria organização civil da comunidade. No caso, a ermida pequenina de Nossa Senhora do Ó que definiu o local da vila fundada em 1762 (na Matriz de Aroazes), por João Pereira Caldas, é remanescente do discutido arraial de paulistas de Domingos Jorge Velho.



**Santa Cruz dos
Milagres**

Para Odilon Nunes, o exterminador de Palmares habitou mesmo o vale do Caatiguinha. E, que outra razão teria tido nosso primeiro governador na escolha do local para a vila. Por que não sediá-la em Aroazes mesmo onde já estava (e por muito tempo permaneceria) a matriz? Decerto não seriam desprezíveis as fundações do arraial primitivo, muito menos a capela já arrolada no recenseamento de 1758, do Vigário Manuel Teixeira Nunes.

De 1725 — escrevemos em Notícia Histórica da Freguesia de Nossa Senhora do Ó e Conceição — é a mais remota notícia da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Aroazes. Menciona-a o "Termo da Junta das Missões em São Luís do Maranhão", transcrito por Serafim Leite em sua História da Companhia de Jesus no Brasil. Naquele ano, os Aroazes que até então se haviam mostrado irredutíveis, "...queriam as pazes com os Brancos e queriam ao dito P. Me. Gabriel Malagrida" que foram encontrar como missionário dos Caicazes, por ele aldeados, havia dois anos, no Itapicuru. Foi Malagrida quem construiu a "Aldeia, cazas e hua grande Igreja" de que, em 1728, deu notícia escrita João da Maia da Gama, Governador e Capitão General do Maranhão. Essa igreja, tida por Pereira da Costa (1883) como "ruínas de um templo gigantesco começado no século passado e não concluído", manteve-se como matriz possivelmente até 1840. Em 1826, apesar de contar "80 fogos", Valença ainda dispunha apenas da ermida de Nossa Senhora do Ó. Sua matriz — refere documento da época — fica em Aroazes, a 8 léguas e com 8 fogos.

Com a transferência da sede da freguesia, passou a primitiva capela por profundas e significativas reformas que a transformaram na igreja atual. De mais importante, a construção da nave central, abertura do arco cruzeiro e levantamento das sacristias laterais à velha ermida conservada como capela-mor. Concluída a nova matriz, foi a antiga ermida de Nossa Senhora do Ó, de novo, consagrada a São Benedito.

ORIGENS

Ao lado e, em parte, como decorrência mesmo dessa presença oficial da Igreja em Valença — precursora e contemporânea da própria colonização — assistiu a região o surgimento "sponte sua" de um devocionário popular sem precedentes na história da religiosidade piauiense. Aí por volta de fins do século XVIII ou, como outros querem, nos

primeiros anos do XIX, teve começo em terras da fazenda Jatobá, à margem esquerda do rio São Nicolau, a devoção valenciana de Santa Cruz. Santa Cruz dos Milagres. O nome, diz a lenda — e tudo, quase, se perde na lenda — foi dado por um desconhecido que levou o vaqueiro da fazenda a plantar o madeiro que se lhe apresentava no alto da elevação que domina a paisagem. Teria sentido o homem: "No cimo deste monte as gerações futuras irão observar grandiosos prodígios e este lugar será conhecido por Santa Cruz dos Milagres. A fonte, no São Nicolau, chamar-se-á Olho-d'Água dos Milagres. Também aqui fatos inexplicáveis serão observados" (1). A partir daí, como a comprovar que as crenças místicas prescindem

arquivos e vozes antigas e familiares, podendo olhar e ver as reminiscências fiéis do povo" (2).

A CAPELA

Tem-se como certa a existência, logo nos primeiros anos, de uma "casa de palha sobre a Cruz" que já definia também um pequeno cemitério. Nessa "casa" celebrou o Padre José Rufino Soares de Valamira que em 1878 era vigário de Valença. A primeira capela (de taipa), assim chamada, é do início do século atual. Nela celebrou outro conhecido vigário da paróquia, o Cônego Acylino Baptista Portella Ferreira. Somente no Bispado de D. Severino Vieira de Melo (1924-1955) foi construída a igreja. Encarregou-se da



de documentação escrita, a devoção só tem crescido. A propósito, Luís da Câmara Cascudo diz aplicar em suas pesquisas, de cuja validade não se duvida, fórmula do Prof. Bruno Schier: "Precisamos de nos habituar a considerar os fatos triviais de nossa vida popular como fontes históricas, que, em força testemunha, em nada ficam atrás dos velhos documentos e crônicas". E o grande mestre da etnografia brasileira diz recorrer "à História como à literatura oficial ou vulgar dos povos estudados... valendo-se de livros,

obra, por delegação do Bispo, o procurador da Capela, Agostinho Pessoa. A igreja foi ampliada no vicariato do Padre Raimundo Nonato de Oliveira Marques.

AS DATAS

A três de maio comemora-se a Invenção da Santa Cruz. A festa remonta ao tempo do Imperador Constantino e de sua mãe, Santa Helena. Assegura Eusébio de Cesárea referir-se ao dia anterior ao da partida de Constantinopla, que foi marcado pela conversão do grande

conquistador. A caminho de Roma que caíra em 28 de outubro de 312. Constantino teria sido despertado pela legenda: "In hoc signo vinces". Em 325, no Concílio de Nicéia, foi autorizada a restauração dos lugares santos, logo depois visitados por Santa Helena, "quando, de pronto, se descobriram o lugar autêntico da Crucificação, o Santo Sepulcro e a verdadeira Cruz do Senhor" (3).

Em 347, segundo São Cirilo, de Jerusalém, as relíquias já se espalhavam por todo o mundo. 14 de setembro, festa da Exaltação da Santa Cruz, comemora a dedicação da Basílica de Jerusalém, ano de 320. Com a tomada da cidade pelos persas em 614, perdeu-se a santa relíquia somente mais tarde devolvida aos cristãos. Depois o Padre João Leal "O Imperador (Heráclio II) pessoalmente levou de Tiberíades a Jerusalém, onde a entregou ao Patriarca Zacarias em 3 de maio de 630" (4). Para os ocidentais, esta, a data da Invenção da Santa Cruz. Não sem propósitos.

O DEVOCIONÁRIO

As santas cruzes interioranas associam-se quase sempre ao culto

das almas. "Toda religião, mesmo as tradicionalmente históricas, bem organizadas e transcendentais no lado do seu rigorismo doutrinário, do seu ritualismo rígido, da sua ortodoxia, recebe acréscimos, criados pelo povo, que se superpõem, como elementos paralitúrgicos" (5). Este, também, o caso da devoção valenciana como, de resto, de outros cultos populares regionais. Não há dúvidas sobre a influência do meio social quanto a influência do meio social sobre a prática místico-religiosa. O meio "age sobre as pessoas que as executam de modo marcante. De um lado pela tradição, não permite modificações súbitas tanto na forma como no conteúdo e na expressão do ato. De outro, exerce decisiva pressão sobre a população em geral, deve ela acatar com respeito a cerimônia que se realiza. Há mesmo para os fiéis, uma escala de atitudes religiosas que vai desde a simples oração a participação ativa regulada e mantida pela coletividade" (6). Pela promessa — escreve Oswald Xidieh — as partes se ajustam num mútuo auxílio, o homem fará um sacrifício que favorecerá as almas e estas pagar-lhe-ão (também o acordo pode ser feito diretamente com a divindade ou algum de seus

santos intercessores) o favor servindo-os de diversos modos. Feita a promessa o penitente ou penitentes cumprirão à risca todos os preceitos e rituais comuns ao meio em que vivem e a efetivação do ato interessará sobremaneira as datas cultuadas pela religião católica.

Assim tem vivido, também, o devocionário popular piaulense de Santa Cruz dos Milagres. ■

Dagoberto Carvalho Jr.

Piauiense médico, pesquisador e historiador, autor do livro "Passeio a Oeiras".

NOTAS:

- 1 — Marques, R. N. O., Pe.: Santa Cruz dos Milagres (página mimeografada)
- 2 — Cascudo, Luís da Câmara, Mouros, Franceses e Judeus; Perspectiva — Debate, 1934, pág. 10
- 3 — Leal, Juan, Pe.: Ano Cristiano, 1946; pág. 429
- 4 — Leal, Juan, Pe.: obra cit., pág. 849
- 5 — Valente, Valdemar; Folclore Brasileiro — Pernambuco, Furtado, 1979, pág. 35
- 6 — Xidieh, Oswald Elias; Sema-na Santa Cabocla, IEB-USP, 1972, pág. 30

GERAIS

CASA DA MEMÓRIA DE TERESINA

O Clube dos Diários foi declarado de utilidade pública para fins de desapropriação, usando transformado na Casa da Memória de Teresina, iniciativa invulgar do Secretário da Cultura, Desportos e Turismo deputado Jesualdo Cavalcanti.

A notícia dos jornais do Piauí trazida para Brasília, acrescenta que o Governador Hugo Napoleão assinou o decreto autorizando a Procuradoria Geral do Estado a proceder, na forma da legislação vigente, a desapropriação do casarão, já estando em tramitação no Conselho de Cultura uma proposta do Secretário no sentido de tombiar o prédio e inscrever-lo no Patrimônio Histórico e Artístico do Estado, possibilitando, com isso, a alocação de recursos federais para a restauração.

Essa notícia avissadeira não podia ficar sem o meu registro, porque ela conforta o espírito e faz palpitar o coração, gera entusiasmo em todos os que amam o patrimônio cultural da sua terra.

As novas gerações talvez não sintam nada com a divulgação do fato, não sabem o verdadeiro significado dessa medida oficial, mas nas que viveram intensamente a Teresina de antigamente, o apogeu desse clube social, sem infidelidade deixar passar o evento em brancas nuvens, impunha-se uma manifestação de alegria pelas providências governamentais, a sôbreja satisfação de todos os que viveram as glórias da casa de danças e de outros prazeres. Quem pertence às gerações contemporâneas do Clube dos Diários sente o impacto feliz da ideia magnífica do Secretário da Cultura e a sábia decisão do Governador Hugo Napoleão. O primeiro Magistrado, moço ainda, deve ter sofrido a forte pressão dos auxiliares da velha geração, saudistas inveterados, que conosco participaram da vida bulhosa e contagiante dos Diários, antes de tomar essa decisão, pois o perigo de demolição ronda-

va constantemente a estrutura que encerra um cadinho de cultura e de recordações. A cada momento sabíamos das ameaças à vida do prédio para destinação comercial ou bancária, face a privilegiada localização. O belo e tradicional casarão estava libado, sufocado, gritava por socorro, sofria, em silêncio, a dor da próxima imolação. Felizmente o pensamento cívico do Secretário Jesualdo Cavalcanti e o alto descortínio administrativo do Governador Hugo Napoleão livraram o nosso Clube da catástrofe, esse singular banco de memória de Teresina, "matriz da graça e da beleza", diria o nosso saudoso poeta Martins Napoleão. O Secretário disse bem quando justificou que "o Clube dos Diários foi por quase cinquenta anos o clube por excelência da sociedade teresinense, onde se realizavam as suas festas, as suas comemorações cívicas e seus eventos culturais mais significativos, compondo, assim, parte de nossa memória histórica", considerando que o "pardeiro" em que o Clube se transformou agrade a todos quantos, na administração pública ou fora dela, se preocuparam com a preservação de nossos bens culturais — razão porque o Secretário, "visando dar ao Clube outro destino mais compatível, propôs o seu tombamento".

Palmas calorosas, repetidos encomios, justas congratulações para o preclaro homem público, que soube traduzir a mentalidade do povo piauiense. O pensamento cívico do Secretário prevaleceu, salvando o grande patrimônio histórico das garras do mercantilismo e do impatrimônio. Todos aqueles que viveram intensamente na intimidade do Clube dos Diários sentem hoje o significado do decreto governamental. Cada um em particular, aquele que frequenta todo o festivo da casa de muitas danças; o seus bailes inolvidáveis, os dias festivos de lantos carnavales, as comemorações culturais, os encontros intelectuais, todos os que ainda têm a dívida da vida,

sentem um frémito de prazer, um arrepiado sentimental, porque, quem não dançou uma rumba, um baião, uma marchinha, um samba canção, até um tango, naquela época de ouro? Naquele tempo "que os anos não trazem mais", tempo de romantismo e de timidez, tempo da dança do açonchego, que dava calafrios de felicidade, com os cochichos e os sussurros ao pé do ouvido das namoradas. Quem não se lembra dos coloquios românticos dos terraços e dos cantos de parede, daquelas promessas de amor que se transformaram em casamentos e hoje são a multiplicação da espécie humana, essas gerações, modernas e rebeldes, que não sentem o Clube dos Diários como nós, sentimos cheios de saudades, apenas sabem por ouvir dizer que marcou época na cidade crescida e transformada, mas ouviram com certeza as confidências sentimentais dos pais.

Palmas prolongadas para o Secretário Jesualdo Cavalcanti e para o Governador Hugo Napoleão, pois a antiga geração sinceramente agradece a grande promoção.

Ah! — quem não se recorda do preto MARCELINO na porta do Clube dos Diários enfrentando os penetrar, tal qual cão de fria, disposto a expulsar qualquer afoito? Não necessário falar de outros personagens, vivos ou mortos, que povoam a nossa imaginação. Basta o MARCELINO para despertar outras recordações no fundo de cada memória.

Com a concretização da iniciativa do Secretário Jesualdo Cavalcanti, pois grandes patrimônios culturais do Piauí se conjuraram na mesma equidistância: o Theatro 4 de Setembro e o Clube dos Diários, ambos fontes inesgotáveis de memórias.

J. Ribamar Oliveira — Escritor, ex-editor da revista Presença.



Uma Valsa Piauiense

Moura Rêgo

Num dos capítulos de NOTAS FORA DA PAUTA, livro que acabo de escrever e em que passo em revista alguns fatos relacionados com a vida artística e cultural de Teresina no meu tempo, escrevi o seguinte ao tratar das serenatas:

Uma das músicas do nosso repertório, sempre ouvida com agrado, era a valsa "Momentos Felizes". Valsa de características tipicamente brasileiras, alegre, apesar de escrita em tom menor (ré), quase toda em colcheias que sobem e descem em escalas e arpejos, essa composição vive em minha memória desde 1921, quando a ouvi pela primeira vez, aos dez anos de idade. Foi na fazenda onde nasci, no interior do Maranhão, durante a celebração do casamento de minha prima Inah, que tem por ela, ainda hoje, grande estima. Tocaram-na os irmãos Deusdedit (violino), Astrolábio (flauta) e Levi Granja dos Santos (cavaquinho), rapazes piauienses amigos do noivo, com meu pai ao violão. O sucesso e o efeito da execução foram enormes. Daí ficaram inesquecíveis.

Anos mais tarde, já adolescente e estudante de música, ouvi-a novamente, desta vez numa das festas do Divino Espírito Santo em São José dos Matões, pela pequena orquestra que vinha de Caxias para animar os festejos. A pedido de meu pai, o clarinetista Godofredo Rosa lançou então a sua melodia no álbum de músicas de minha irmã Maria Cleofas, que tocava bândolim. Mas ele não mencionou o nome do autor. Daí em diante passei a tocá-la também, no violino ou na flauta, a que melhor parece adaptar-se, sempre ignorando-lhe a autoria. Em dois arranjos que fiz — para piano-solo e para violino com acompanhamento de piano — escrevi por baixo do título: "Valsa de autor piauiense desconhecido". A versão violino-piano anda hoje em mãos de amigos amadores, em cópias por mim oferecidas, os quais a executam em suas serenatas e reuniões familiares, substi-

tuído às vezes o piano pelo violão mas sempre com agrado.

Quando à autoria, continuei ignorando-a até 1978. Já havia solicitado os bons ofícios de Celso Pinheiro Filho, jornalista, advogado e intelectual amigo, no sentido de esclarecer o assunto, inclusive através de pesquisa no arquivo musical da Polícia Militar do Estado, cuja história ele escreveu tão bem. Infelizmente, logo em seguida o Piauí perdia para sempre aquele seu ilustre filho, meu querido confrade da Academia Piauiense de Letras. Falando a respeito com o Dr. Miguel Caddah Filho, arquiteto e pianista, foi este amigo que me forneceu a pista certa para a solução do problema. Com efeito, naquele ano, ao rever Teresina após dezenove anos de ausência, tive a alegria de aí conhecer pessoalmente Manoel Fabiano, piauiense de Batalha, antigo mestre de banda e autor da famosa valsa "Momentos Felizes". Ofereceu-me então cópia autografada de sua obra-prima, onde se lê a data em que foi composta: 18 de dezembro de 1918, três anos, portanto, antes daquela em que a ouvi pela primeira vez.

Alto, magro, desamponado, gestos rápidos, Manoel Fabiano não demonstra a idade que tem — uns 80 anos quando o conheci. É duro, vivo, conversador, de uma simpatia irradiante. A cor escura e a carência de recursos materiais não lhe trazem complexos. Espírito aberto, alma nobre, é bem relacionado e, apesar de velho e pobre, vive feliz. Fizemos logo boa amizade. Contou, para mim e a pianista Maria Yêda Caddah, com quem o visitei em casa do velho companheiro José Lopes de Sousa, como nasceu a conhecida valsinha. Regressava de uma festa, em lombo de burro, entre Batalha e Piracuruca, e depois de longo percurso resolveu parar para descansar e dar pequena trêgua ao animal. Sentou-se à sombra de uma árvore, à beira da estrada. Havia chovido. O cheiro da terra molhada e o farfalhar do mato acariciado pelo vento úmido lhe acordaram no peito a saudade de

casa. A solidão tomava conta de tudo. Foi aí que a inspiração o cutucou. Rápido, tirou o papel de música que trazia dobrado no bolso e, de um jato, lançou nele a melodia das duas primeiras partes daquela que viria a ser uma das mais famosas valsas piauienses. A terceira parte, em Fá maior, só veio dias depois, o que não demonstra a sua linha melódica de características exatamente idênticas às anteriores. Quanto ao título, não foi posto por ele. Informou que o deve a uma senhora amiga, bândolinista de Barras, a qual, interpretando a música certamente em estado de graça e pela primeira vez, achou por bem batizá-la como ficou conhecida, o que aceitou.

Em interessante artigo publicado na Revista da Academia Piauiense de Letras, de junho de 1979, no qual relata as peripécias de uma viagem de balisa de Santa Filomena a Teresina, Carlos Eugênio Porto escreve o seguinte: "A bebida correu farta, a orquestra da casa incorporou-se à nossa mesa, todo mundo se esgoelando na cantoria de uma valsinha de H. Neto, "Momentos Felizes".

Como se vê, o meu saudoso amigo, amante de música e bom de violão, cometeu equívoco. Equívoco aliás fácil de justificar, primeiro porque H. Neto, que deve ser o velho sanfoneiro de Campo Maior Honório Bona Neto, é também autor de muitas músicas espalhadas pelo Estado, e segundo porque inúmeras terão sido as cópias manuscritas de "Momentos Felizes" distribuídas não só no Piauí como no Maranhão sem indicação da autoria, como a primeira que me veio às mãos. O fato serve, entretanto, para demonstrar a popularidade da valsinha de Manoel Fabiano, chão adentro e pelas beradas festivas do rio Parnaíba.

Ao despedir-me de Manoel Fabiano, naquela ocasião, solicitei-lhe posar para uma fotografia. Queria guardá-la como recordação do nosso encontro. Ele já se apurava e ajeitava o colarinho da túnica que vestia, para a foto a ser batida em frente à casa de Zé Lopes, quando, pedindo licença, voltou ao interior quase aos pulos, de onde logo regressou com o boné, completamente indispensável de todo mestre de banda que se preza. Conservo assim a lembrança dele, ereto entre mim e Maryêda, como a de um velho amigo de muitos anos e que aguardasse apenas os "momentos felizes" de um encontro para se revelar. Milagre da música. □

21 a 23 DE NOV.
DE 1984

II CONPID

CONGRESSO
PIAUIENSE
DE IRRIGAÇÃO
E DRENAGEM

CONPID

O II Congresso Piauiense de Irrigação e Drenagem

— será realizado no período de 21 a 23 de novembro próximo, no Centro de Convenções de Teresina, juntamente com a II Feira Piauiense de Equipamentos e Materiais de Irrigação — FEPEMI.

Estarão presentes centenas de brasileiros que se interessam por irrigação: técnicos do setor agrícola, especialistas, fornecedores, agricultores, políticos e estudantes. Juntos, eles vão apresentar e debater métodos, idéias e processos de irrigação, numa abordagem ampla e significativa.

Participe. Confirme sua presença.

II CONPID

Promoção: Secretaria de Planejamento
Secretaria de Agricultura
Governo Hugo Napoleão



Vida Literária no Piauí

Como realiza a sua vocação literária um autor piauiense, seja ele jovem iniciante, ou de outra geração? Para ambos, os caminhos são os mesmos. As suas dificuldades reproduzem as que se conhecem da Bahia para cima, avultando desde logo os poderosos obstáculos que o presente momento brasileiro interpõe ao diálogo escritor-leitor, entre um e outro um sistema editorial que falhou quando se inspirou nos ideais da "livre empresa". É o que transparece das informações cedidas a este articulista por Francisco Miguel de Moura, ensaísta, poeta e ficcionista do Piauí, ora residente na Bahia.

Ao avaliar a literatura no Piauí, nos dias de hoje, Francisco Miguel de Moura rende homenagem preliminar a Fontes Ibiapina, nascido em 1921, em Picos, conhecido em todo o país graças aos seus romances impregnados de verdade humana e afeição à terra, um dos quais, *Palha de Arroz*, a Editora Cátedra reeditou no Rio, em 1975. Fontes Ibiapina figura entre os escritores que não emigraram para o Sul. Permanece na cidade portuária de Parnaíba, cultivando as lendas e a linguagem do seu povo atento ao sofrimento da gente piauiense, flagelada pelas secas e pela pobreza. É folclorista de renome. *Paremiologia Nordestina*, de sua autoria, "acordou o Sol, espanou a Lua", segundo Câmara Cascudo, que sobre ele acrescentou: "Livro poderoso pela documentação", que "vale uma dúzia de volumes na espécie". Sobre Ibiapina e a sua ficção escreveu Jorge Amado: "Você está recriando a vida do povo do seu Estado com talento e amor".

Mais moço do que Ibiapina, Orlando Geraldo Rego de Carvalho portou-se do mesmo modo que o seu confrade de Picos. Após uma temporada no Sul, voltou a fixar-se no Piauí, em Teresina. Seu romance *Somos Todos Inocentes* mereceu o Prêmio Coelho Neto, da Academia Brasileira de Letras, em 1972. Sobre ele declara Francisco Miguel de Moura: "A sua obra mais importante é *Rio Subterrâneo*. Obra extraordinária, tanto pelo aspecto da criatividade, como pelo estilístico".

Outros escritores emigraram, tangidos pelas notórias determinantes de melhores condições de vida e de tribunas de maior alcance. Em diferentes gêneros, são hoje

consagrados: Carlos Castelo Branco, Assis Brasil, Esdras do Nascimento, Francisco Pereira da Silva.

No Piauí, como na Bahia, ou onde quer que se pense, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, fatores diversos fizeram surgir, na década de setenta, a literatura dita "marginal", que se socorreu do mimeógrafo para dar o seu recado. Marginalidade pelo gosto da marginalidade não terá sido, hoje bem se sabe. O veto ao veículo editorial de larga audiência, pela implantação apressada de sistemas gráficos custosos, modernização para a drenagem de dólares via multinacionais, esteve — e está — nas raízes dessa poesia do desamparo e do relento. No Piauí esta geração pagou a sua quota de sacrifício, mas parte dela buscou outros meios, sacados da imaginação e do espírito de grupo, criando, a revista *Cirandinha*, que em setembro próximo passou publicou o seu décimo número. A revista se consolidou a partir de um movimento de novos intelectuais de Teresina, denominado "Ciranda", lançado nos anos setenta no Teatro 4 de Setembro, a tradicional casa de espetáculos da capital piauiense. Acolhe colaborações de todos os recantos do Brasil, mantém-se com a publicidade de firmas da terra e através de uma rede de assinantes. Outros autores dessa geração, que Francisco Miguel de Moura menciona: Robervam do Nascimento, Pereira Bezerra, João Pinto.

Do mesmo modo que em outros estados, o colapso da "livre empresa" editorial perpetuou no Piauí as "edições do autor" e transferiu para as instituições oficiais o dever de publicar o autor local. A Universidade Federal o faz, através de uma programação própria, inaugurada com um romance de Abdias Neves, autor do início do século. O primeiro a escrever ficção, entre os seus conterrâneos, Abdias Neves sofreu a influência do grupo de escritores cearenses do Realismo-Naturalismo. Seguindo o exemplo da Universidade, a Academia de Letras, ora presidida por Arimathea Tito Filho, franqueou-se à literatura, sem prejuízo dos seus compromissos com os trabalhos de História e Folclore. Imprime uma revista, que sai regularmente duas vezes ao ano. Não segrega, do meio dos seus editados, os

autores mais jovens. Um bom sistema de distribuição dá apoio a essas iniciativas.

A atuação da Fundação Cultural do Piauí e da Secretaria de Cultura do Estado tem sido positiva em relação às letras. Sob os auspícios do último desses órgãos, circula a revista *Presença*, já em seu quarto ano em 1984, e em março passado no décimo número. Ao lado da ficção de autores contemporâneos, há, nesse número, seções dedicadas ao ensaio, música, fotografia, teatro, história e cultura popular.

Cidade de aproximadamente 400.000 habitantes, Teresina tem quatro livrarias e em sua Universidade Federal está uma das principais bibliotecas do Piauí. Outra, a Desembargador Cromwell de Carvalho, pertence ao governo estadual e conta em seu acervo com uma documentação quase completa de autores piauienses. O Arquivo Público do Estado a esses também dedica espaço, conservando, por outro lado, os jornais ali editados. São quais possui importantes coleções. São valiosos os seus arquivos; parcela considerável dos documentos da História do vizinho Estado do Maranhão permanece sob a sua guarda, fruto da antiga junção dos territórios.

Francisco Miguel de Moura foi membro do Conselho Estadual de Cultura. A ele creditamos o mais das informações deste artigo, ressalvadas as indagações e interpretações de responsabilidade facilmente identificável. Tem um romance, *Os Estigmas*, a aparecer ainda este ano em São Paulo, com apresentação prevista também em Salvador. Seu ensaio *Linguagem e Comunicação*, análise crítica da obra de Orlando Geraldo Rego de Carvalho, foi editado em 1972, pela Artenova, do Rio. Organizou uma antologia de contistas piauienses, intitulada *Piauí: Terra, História e Literatura*, co-editada em 1978 pela Editora do Escriitor, de São Paulo, e pela Editora Cirandinha, de Teresina.

— Em que medida — permite-se indagar o articulista — esses e outros dos livros piauienses antes mencionados foram impressos às expensas das editoras, do eixo Rio-São Paulo? □

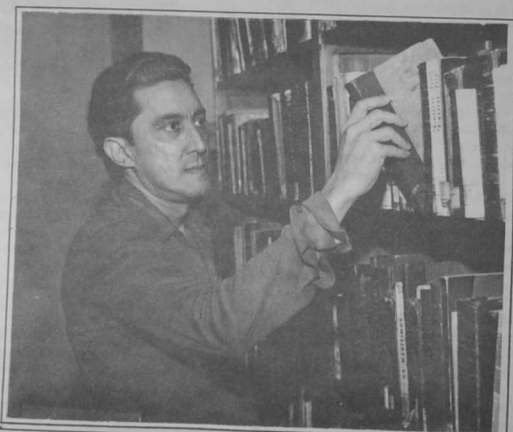
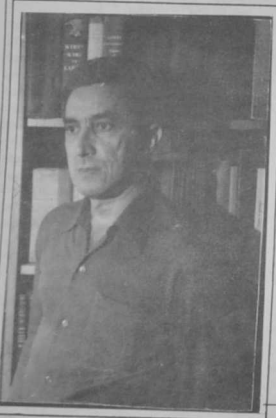


“ A HUMILHAÇÃO CÓSMICA É MAIOR DO QUE A SOCIAL ”

Depoimento de Assis Brasil

O escritor piauiense Assis Brasil acaba de reunir, num só volume, mais um Ciclo dos seus romances, publicados anteriormente. Trata-se de o **Ciclo do Terror**, de que fazem parte: **Os que bebem como os cães**, **O aprendizado da morte**, **Deus o Sol**, **Shakespeare**, **Os crocodilos**. Todos estes romances foram premiados em concursos nacionais. Anteriormente, também num só volume, ele publicara a **Tetralogia Piauiense**, agrupando os roman-

ces **Beira rio beira vida**, **O salto do cavalo cobridor**, **A filha do meio quilo**, **Pacamão**, com que presta significativa homenagem à sua terra natal. Aqui, neste depoimento, Assis Brasil fala sobre a sua infância, sobre seus livros, sobre a vida literária e cultura em geral. É a visão do homem e do escritor. Podemos dizer, no entanto, que é um depoimento **piauiense**, pois o seu Estado é o foco e o centro, ainda, de suas preocupações humanas e literárias.





Primeiros anos

Eu era um menino meio solto, meio largado, embora tivesse apanhado várias vezes por causa disso. Queria me sentir livre: tomava banho no rio Parnaíba, sempre escondido e com alguns "moleques", como diziam alguns pre-conceituosos. À noite a gente pulava o muro das casas que tinham mangueiras carregadas e às vezes saíamos enxotados pelos cães. A certa altura eu ganhei uma bicicleta, o que me facilitou andar pelos subúrbios pobres da cidade, tomando os primeiros contatos com a miséria humana.

Quando me entendi, meu pai tinha uma quitanda, onde vendia fumo e cachaça. Depois ele cresceu um pouco e abriu um bar na Praça da Graça. Bar e praça são sempre citados nos meus romances. Mais tarde meu pai abriu uma fábrica de gelo no cais. Com caldeira a vapor, tudo montado por ele. Como não tinha para quem vender uma tonelada de gelo, passou a fazer picolé, e acho que foi aí que começou a sua decadência comercial, embora o pioneirismo do empreendimento. Lembro-me de que minha mãe dizia assim para os filhos: "Se perguntarem o que seu pai faz, digam que ele é um industrial. A fábrica, ele tentou reativar em Fortaleza, para onde nos mudados por volta de 1943. Outro fracasso. A família sofria com isso. Meu pai acabou sem nada em Manaus, onde tentou a exploração de um sítio de juta. Nessa altura, em 1957, quando andei por lá (eu já estava no Rio), ele tinha voltado àquela quitanda pobre que eu conhecera na infância. Neste périplo da família, entre Parnaíba, Fortaleza e Manaus, eu assumi a minha independência no Rio da década de 50, a partir dos meus dezito anos. Trabalhava no comércio e estudava à noite. Creio que frequentei o primeiro ou o segundo curso de Jornalismo da Universidade Católica.

Primeiros Personagens

Voltando ao cais velho de Parnaíba, foi ali que conheci Luiza, a

Dostoevsky dizia que o escritor tinha que sofrer para escrever. Eu acrescento: sofrer ou observar e sentir o sofrimento do seu semelhante

prostituta do romance *Beira Rio Beira Vida*. Ali também, creio, se formou o sentimento primário que levaria ao escritor. A mulher ia lá em casa, de vez em quando, pedir ajuda à minha mãe. As vezes eu levava, no cais, alguma coisa para ela, que morava num barraco miserável. Dostoevsky dizia que o escritor tinha que sofrer para escrever. Eu acrescento: sofrer ou observar e sentir o sofrimento do seu semelhante. Um dia vi na TV uma escritora grã-fina dizer que isso era bobagem: o curioso é que a sua literatura, feita em viagens de lazer num iate, não é nada, não alcança o humano: o lado profundo e misterioso do ser. Fica só na perpécia, no entrecho, como matéria de jornal. A criação literária é outra coisa. E digo mais: não é só o sofrimento social que conta para o escritor ou artista, mas também o que chamo de humilhação cósmica, a angústia metafísica. O homem se sente humilhado e ofendido por falta de um conhecimento mais profundo das coisas, do Mistério que, para mim, é uma categoria da Realidade que não precisa, necessariamente, ser desvendada. É como querer ver a face oculta de Deus. Aqui é onde entra o escritor com a sua intuição e apreende e sente o Mistério por outras vias que não nos passeios de iate ou jogando golfe.

Conheci mais três mulheres de vida patética em Parnaíba. Eram parentes de minha mãe, nossas tias velhas e uma prima. Foi na casa delas que recebi a primeira bofetada, sofri o primeiro trauma em relação à miséria social. A Luiza do cais tinha ficado algo envolta na paisagem do rio e dos navios-gaiolas: ela só iria doer em mim muito mais tarde. As tias velhas, não. Elas eram pobres e solteironas. As suas vidas foram tão violentadas, tão patéticas, que jamais consegui escrever sobre elas, mas, sem dúvida, elas são uma espécie de barro original de onde tenho tirado, com o sopro da criação, outros personagens sofridos. Por que nunca contei a vida delas tal e qual aconteceu? Não sei. Talvez por serem a chave do meu apreendido de vida e do meu impeto de registrar algo sobre a condição humana.

Uma daquelas mulheres era mãe solteira, o que é outro sortilégio nordestino, além da miséria. A outra, já bem velha, ainda esperava pelo "noivo" que tinha ido para a Amazônia quando moço e nunca mais dera notícia. Tia Cândida, como a chamava, andou lecionando, curso primário, pelo interior do Piauí, até perder as forças. Aposentadoria? Isso não existia. A filha da mãe solteira também ficou solteirona e com a história de um noivado algo escandaloso. No meu romance, *A Filha do Meio Quilo*, me aproximo um pouco da história delas, mas o livro é muito menos patético do que a realidade.

Bem velhas, as três viviam em função desses dramas pessoais e "escondidos". Fui sabendo de tudo aos poucos, por parte de minha mãe, que as ajudava. A tia Cândida me contava histórias e penteava seus longos cabelos, ainda negros. A tia Izidia era meio sensível e gostava de ler a "sorte" das pessoas através de um copo embebido numa mesa, que corria, sob a sua mão, por algumas letras em volta, formando palavras. Lembro-me de que ela não olhava para o copo e tremia muito, as palavras sendo formadas com coerência. O que me marcou: as duas velhas esperavam ainda pelos noivos e a filha, já também velha, ainda tinha esperança de conhecer um príncipe encantado. Elas mantinham uma espécie de nostalgia da volta. Em meus romances há muito isso: a espera, a volta. A filha da mãe solteira era quem sustentava a casa, com um emprego nos Correios. Como o país sempre foi o mesmo, o salário dela foi diminuindo em função do custo de vida, como agora. Lembro-me de que minha mãe vivia reclamando das coisas caras, subindo todos os dias. Então aquelas três mulheres patéticas, de repente, já não tinham quase o que comer. Eu ainda não prestava atenção à sua miséria social e humana porque era um menino e vivia o meu mundo de aventura e fantasia. Mas um dia, por acaso, cheguei na casa delas na hora do almoço e fui entrando até a cozinha. Elas ficaram nervosas e esconderam seus pratos, para que eu não visse o que estavam comendo: batata cozida e arroz. Nada mais. De tarde tomavam café preto com pão. Tia Cândida acabou tuberculosa. Fraca, muitas vezes tinha vertigens e se viau em cheirar éter, que a despertava por momentos. Eu a vi morta. Ela estava na sala, deitada no caixão, o rosto verde descoberto. Quando cheguei, a tia Izidia me pediu dez cruzeiros para comprar um lenço



para cobrir o seu rosto. Passei muitos anos sonhando com esta cena, vendo-a viva, eu querendo que visse, que ficasse boa. Tive um sonho, uma vez — em que ela me aparecia curada, saudável, alegre.

O fato é que eu tinha descoberto, a partir daquela cena do almoço, o lado sofrido e patético da vida. Sofri algo daquele choque — mal comparando — que Buda sentiu quando saiu do seu palácio de príncipe e descobriu a miséria, a pobreza, o sofrimento.

A tetralogia Piauiense

Todos os personagens da *Tetralogia Piauiense* são reais a partir daquelas vidas, daquele barro original, em que tem esculpido o escritor outras vidas. Sei que muitas pessoas olçaram a carapuça na cabeça em Parnaíba. Alguns nem chegaram a ler direito os romances e se sentiram insultados. Isso já aconteceu com outros escritores que escreveram sobre a sua província. Os livros de Joyce foram proibidos na sua terra, Dublin, e o baiano Jorge Medauar ameaçado de morte na sua Água Preta.

Ninguém escreve objetivamente para acusar este ou aquele ou tornar públicas as mazelas sociais. Mas que o escritor retrata um meio social, é claro que as mazelas humanas vêm à tona. O nome dos personagens são acidentais, coincidentes às vezes. Há um personagem no meu romance *Pacamão*, tido como real — o próprio ser "vivente" se identificou — que tem uma dimensão humana muito melhor do que o personagem dito real. Ele também foi uma espécie de barro original: estudando no Rio, no Colégio Militar, quando chegava em Parnaíba desfilava na Praça da Graça, de farda branca e espadim de lado. O menino o admirava; o escritor colhia o "embrão" de futuros personagens. Sei que ele ficou chocado quando leu — se é que leu — o romance. Por que? Talvez porque apareça como um boémio, que na realidade era. É que ele só olhou para este detalhe e não para a di-

menção humana que lhe dei, fazendo-o crescer como um ser sensível.

A Volta

Muitos perguntam por que nunca voltei a Parnaíba. Primeiro, a minha família saiu toda de lá e perdi a motivação emotiva imediata, de voltar. Segundo, vim muito moço para o Rio, logo que terminei o Científico em Fortaleza. No Rio o começo foi duro, eu sozinho, enfrentando tudo. Eu sofri todas as violências da cidade grande, e o que me salvou, espiritual e financeiramente, foi a literatura. Engraçado, não é? Num país como este onde não se dá valor à arte. Fui uma vez ver minha família em Manaus, quando meu pai estava por lá com uma plantação de juta... E recebi outra bofetada da vida: ele tinha voltado àquela quitanda pobre do começo e minha mãe estava tão envelhecida que não a reconheci. Passei os olhos pelas pessoas que me esperavam no aeroporto. Estava à sua procura. Não a reconheci, após apenas sete anos de ausência. Quando identifiquei minha irmã, reconheci nela os traços de minha mãe e voltei-me para aquela velhinha enrugada que, apreensiva e assustada, me olhava com ternura e pesar.

A área da cultura é muito restrita no Brasil, só um grupinho: que faz curso superior, que compra livro

Durante a primeira década de vida no Rio, não poderia pensar em voltar para lugar algum. Comecei a trabalhar no comércio — minha mãe me ajudou no começo, com sacrifício. Uma certa época, já no segundo emprego (1957), trabalhando como Correspondente nas Casas Pernambucanas, eu fazia diariamente a seguinte maratona: passava o dia todo trabalhando em S. Cristóvão, sala às seis da tarde correndo pra ir jantar no restaurante dos estudantes, no centro da cidade, e dali pegava um bonde pro Largo do Machado para tomar um loteação que me levaria à primeira aula do curso de Jornalismo, que estava fazendo na Universidade Católica. Sempre perdia a primeira aula.

Os Prêmios

O Walmap foi o primeiro grande prêmio nacional que conquisei.

Foi lançado pelo Banco Nacional. De vez em quando algumas empresas privadas têm essas veleidades de supostamente ajudar a cultura. O mesmo está acontecendo agora com a Nestlé. Eles pensam que vão se promover e se enganar. Prestígio? Não sei se isso interessa às multinacionais. A área da cultura é muito restrita no Brasil, só um grupinho: que faz curso superior, que compra livro. Uma província cultural dentro de um país miserável, que concentra poder político e econômico num pequeno círculo de privilegiados do sistema. Quando as multinacionais descobrem que estão investindo sem retorno, desistem.

Mas o Walmap foi importante para mim, como trabalho, como esperança, oportunidade de conseguir editor. Ganhei dois Walmap, o primeiro (*Beira Rio Beira Vida*) e o último (*Os Que Bebem Como os Cães*). De lá para cá, tenho ganho inúmeros outros prêmios literários. Na realidade, quase todos os meus romances foram premiados. No Brasil, isso não significa muito, afinal.

Estudo e Influências

Embora de vez em quando machucado, sempre enfrentei o Rio sem medo. Vi inúmeros outros nordestinos desistirem da cidade grande, voltarem, morrerem. Sempre acreditei em mim, com humildade. Para sair de um emprego que me desgostava, botava o boné e ia embora, refugiando-me no esteio maior, a literatura. O que me facilitava — digo sempre isso aos jovens escritores — era que eu tinha adquirido um suporte cultural muito bom, sabia escrever e me valorizava. Ler, estudar, é fundamental. Com crise ou sem crise, com onda de desemprego ou não, quem tem uma cultura se sai melhor, tem melhores oportunidades. Leva vantagem. Estudei muito sozinho no Rio e, ainda hoje, com minhas pesquisas, estudo muito. Isso dá um lastro a você, e você pode até escolher o emprego que quer e se impor.

Como comecei a ler literatura muito cedo, li a literatura brasileira quase toda, somando a isso a minha atividade de crítico literário de mais de vinte anos. Particularmente gosto de Graciliano Ramos, Machado de Assis e João Guimarães Rosa. Fui o primeiro crítico a escrever sobre o *Grande Sertão: Veredas*, isso em 1956. De vez em quando aparece um "esquerdinha" desinformado dizendo que Machado de Assis é um alienado. É aquela coisa do "sarampo" ideológico que sempre dá na adolescência política... Além de ro-



mancista, Machado de Assis foi um excelente crítico literário e um cronista do seu tempo. Nos romances retratou toda a burguesia brasileira em formação, após aquele pseudo-aristocracismo do tempo dos escravos. Na verdade não sei definir quem me influenciou. O único escritor que tentei imitar foi o José de Alencar, mas eu era um menino. Mais importante do que a influência direta, de um ou dois escritores, é a tradição, o que você encontra já feito, e a literatura brasileira tem uma tradição muito "nova", se podemos dizer assim, muito recente. Balzac tinha atrás dele dois mil anos de cultura.

Jornalismo e Literatura

Antes de ser jornalista profissional já era escritor. Comecei cedo. Escrevi um romance aos de-

Uma vez me perguntaram se a condição de jornalista me facilitou me tornar um escritor conhecido, se é que sou conhecido neste país dos mobraris. Não facilitou, não. O escritor que consegue fazer carreira paralela com o jornalismo cria até mesmo um certo atrito com os coleguinhas — todos com veleidades literárias — que não publicavam livros. Toda vez que eu publicava um livro e o mostrava para os colegas de redação, sentia que surgia um certo ressentimento no ar, um clima de frustração por parte deles. Muitos que me procuraram para me mostrar seus continhos, estão hoje afogados no jornalismo desgastante da televisão, sem poderem escrever literatura.

Então ser jornalista não ajudou a ser escritor em termos de promoção ou coisa parecida. É certo, no entanto, que algum conhecimento na área dos meios de informação ajuda um pouco, mas eu tenho que cavar, ainda hoje, uma promoçozinha do seu novo livro, pois os editores, todos pequenos não têm condições de investir em publicidade para o seu produto, o que é uma contradição do sistema, que vive do cigarro, do carro e dos eletro-domésticos.

Vocação e Espiritualidade

Eu acho que há um propósito

gas, de modo geral, no Ocidente, pregam as "maravilhas" da morte, de outro mundo, quando a vida é que é importante e Divina. Há um sentido místico, de mistério, de divindade em cada ser vivo que você observa. Cada vida tem um propósito. "Aceite a vida em sua forma pura e natural e floresça em sua plenitude" disse aquele incrível indiana Rajneesh.

As religiões declaram guerra contra o sexo, por exemplo, daí advindo a repressão social e familiar, e, pela reação ao contrário, a permissividade e a luxúria. "No momento do coito estamos perto de Deus", disse ainda Rajneesh. Nietzsche, que era cientista e poeta, já tinha dito que a religião tentara matar o sexo por envenenamento. Mas ele não tinha morrido e continuava vivo e cheio de veneno. Duas mentalidades, uma oriental e outra ocidental — um homem religioso e um ateu — dizendo a mesma coisa.

Vender livro no Brasil é um milagre renovado a cada instante

O Livro e o Escritor

Minhas maiores alegrias foram motivadas pela literatura. Não tenho queixas. Enfim, estamos no Brasil, um subproduto do capitalismo selvagem. No caso do livro, para vendê-lo, você tem que romper todo tipo de barreira: editor, vendedor, livreiro, distribuidor, caloteiros. Pode parecer um paradoxo, sempre digo: a maior barreira para a venda do livro é a livraria. No Brasil, é claro. Alguns editores estão saindo para vender diretamente nos colégios, com descontos, etc. Os livreiros não gostam, mas eles são culpados por isso. Eu tenho um livro que vende zero nas livrarias (de modo geral não é encontrado) e nos colégios num semestre. Um dia desses um escritor jovem me perguntou o que teria de fazer para vender o seu primeiro romance. Eu lhe respondi sem pestanejar: você mata a sua própria mãe e se suicida em seguida. Ou pula do Corcovado com o livro na mão, para apanhar a rebarba de uma publicidade macabra. E que vender livro no Brasil é um milagre renovado a cada instante. Ou o livro se vende sozinho ou por algum acidente, ou por algum modismo do momento. Por exemplo: de repente ficou na moda o exilado escrever livro. Como tenho uma vasta experiência nes-



Então, como atingir o povo com o livro, com a leitura, que é importante? Através das entidades públicas, criação de bibliotecas, infantis, para adultos, campanhas sobre o hábito da leitura

se setor, acho que o caminho nem é o livro barato nem as grandes tiragens de sentido popular, com papel inferior, etc. Este setor, que alguns editores querem atingir, ou seja, da massa (que não comprar caro nem barato) não existe no paradoxal Brasil. Existe um pequeno grupo de poder aquisitivo que compra o livro, por qualquer preço. E sabem o que compra? Os *bestsellers* americanos porque são atingidos pela propaganda que já vem de fora. Difícil um escritor brasileiro entrar neste circuito, só por acidente, como disse. Então, acho, o *marketing* do livro no Brasil teria de ser dirigido exatamente para este grupo, como fazem as multinacionais. Você já viu alguma multinacional querer vender alguma coisa na favela?

Então, como atingir o povo com o livro, com a leitura, que é importante? Através das entidades públicas, criação de bibliotecas, infantis, para adultos, campanhas sobre o hábito de leitura) etc. O Estado tem que ser o mecenas, sem pruridos ideológicos ou comprometimento do escritor, ou não chegaremos a nada.

Terminando este depoimento, gostaria de acentuar: Gosto de ser piauiense. Parnaíba continua viva em mim, pois dentro de si você sempre conserva o menino que foi. Meus romances piauienses ou nordestinos, são a exteriorização desse amor à terra natal. Por outro lado, nos meus livros de história literária sempre destaquei o Piauí. Agora mesmo acabei de fazer um longo verbete sobre o Piauí para um grande Enciclopédia. Sou um escritor brasileiro e

do Piauí. Embora de família modesta, tive uma infância feliz e livre às margens do rio Parnaíba.

OBRA DE ASSIS BRASIL

Romances:

TETRALOGIA PIAUIENSE: *Beira Rio Beira Vida*, 1965; *A Filha do Meio Quilo*, 1966; *O Salto do Cavalo Cobridor*, 1968; *Paca mão*, 1969; Edição conjunta da *Tetralogia*, 1979. CICLO DO TERRO: *Os Que Bebem Como os Cães*, 1975; *O Aprendizado da Morte*, 1976; *Deus o Sol Shakespeare*, 1978; *Os Crocodilos*, 1980. Edição conjunta do *Ciclo*, 1984. FÁBULAS BRASILEIRAS: *O Livro de Judas*, 1970; *Ulisses, o Sacrifício dos Mortos*, 1970; *A Rebelião dos Orifãos*, 1975. QUARTEIRO DE COPACABANA: *O Destino da Carne*, 1982.

CONTOS:

Contos do Cotidiano Triste, 1955; *A Vida Não é Real*, 1975.

Infanto-Juvenis:

Verdes Mares Bravios, 1953; *A Volta do Herói*, 1974/83; *Tiúbe, a Mestiça*, 1975/84; AVENTURAS DE GAVIÃO VAQUEIRO: *Um Preço Pela Vida* / 1º Episódio.

1980; *O Primeiro Amor* / 2º Episódio, 1980; *O Velho Feiticeiro* / 3º Episódio, 1980; *A Viagem Proibida* (reúne o 4º, 5º e 6º Episódios, respectivamente: *O Sequestro*, *A Viagem Proibida*, *A Pena Vermelha do Gavião*), 1982; *Tonico e Carniça*, 1982; *Mensagem às Estrelas*, 1983; *O Mistério de Kanitei*, 1984; *Zé Carrapeta, o Guia de Cego*, 1984; *O Menino-Candeeiro*, 1984.

Ensaio e Crítica Literária:

Faulkner e a Técnica do Romance, 1964; *Cinema e Literatura*, 1967; *HISTÓRIA CRÍTICA DA LITERATURA BRASILEIRA: Graciliano Ramos*, 1969; *João Guimarães Rosa*, 1969; *Clarice Lispector*, 1969; *Adonias Filho*, 1969; *Carlos Drummond de Andrade*, 1971; *A Nova Literatura: O Romance*, 1973; *A Poesia*, 1975; *O Conto*, 1975; *A Crítica*, 1975; *O Modernismo*, 1976; *Joyce, o Romance Como Forma*, 1971; *A Técnica da Ficção Moderna*, 1982.

Didáticos:

Redação e Criação, 1978; *Vocabulário Técnico de Literatura*, 1979; *Dicionário Prático de Literatura Brasileira*, 1979; *O Livro de Ouro da Literatura Brasileira*, 1980; *Estilos e Meios de Comunicação*, 1983.



Uma cadeia para a sua liberdade



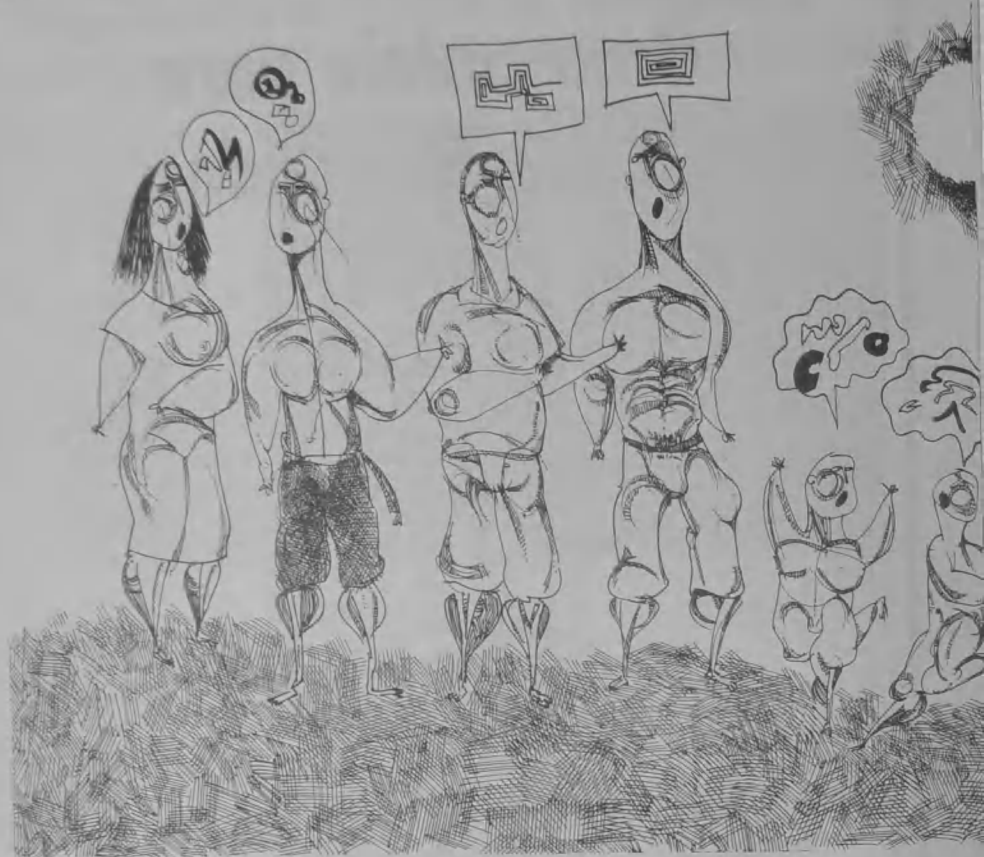
O Piauí confiante no desenvolvimento do Turismo interno, está implantando uma cadeia de hotéis para você desfrutar em liberdade, roteiros que você mesmo descobrirá.

O Hotel Rimo na cidade de Corrente, já está em pleno funcionamento e estão aprovados os projetos para Luiz Correia, Esperantina, Canto do Buriti e S. Raimundo Nonato.



Rede Integrada de Hotéis e Motéis do Piauí S.A. — RIMO
Fone: 223-3100 — Teresina - Piauí

Vinculada à Secretaria de Cultura,
Desportos e Turismo.



POR: Catarina de Sena S. M. da Costa

O Povoado Canto está situado na zona rural do Município de São Gonçalo do Piauí e possui aproximadamente 1.000 habitantes (1), distribuídos em oito "famílias" (2).

Professora de linguística da
FUFP

Esse povoado está inserido em um contexto social e político mais amplo, ao qual denominamos de "área de contato", constituído pelos municípios de Água Branca, Amarante, Regeneração, Angical do Piauí, São Pedro do Piauí, além do próprio município de São Gonçalo.

O grupo humano que habita o Povoado Canto mantém com os habitantes da área de contato, ou seja, os regionais, relações de mútua exclusão. Esses regionais consideram os habitantes do Canto "diferentes" deles regionais e apontam como indicador dessa diferença o "jeito de falar" peculiar desses habitantes. Depreende-se, pois, que em vista da diferenciação estabelecida, pode tratar-se de dois sistemas culturais em conjugação. Porém, os habitantes do Canto, por sua vez, cientes das diferenças que lhes são atribuídas,



Mestrado em Linguística, apresentada e defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Catarina, em dezembro de 1979. A referida dissertação teve como parte central a análise fonológica da variedade de fala dos habitantes do Canto em confronto com a variedade de fala falada na área de contato. Esta análise se baseou em um corpus (3) de 1.329 itens lexicais colhidos junto a falantes nativos do referido grupo, distribuídos em três faixas etárias (de 15 a 25 anos, de 26 a 45 anos e mais de 45 anos) conforme critérios explicitados pela autora (Costa, 1979); e de falantes nativos da área de contato. Os itens lexicais colhidos na área de contato correspondiam à mesma área de significados dos itens colhidos no grupo do Canto. Os aspectos fonológicos analisados foram aqueles aspectos mais frequentes no falar do Canto, obtidos a partir do corpus, notadamente o sistema "pitch" (4) e a redução parcial ou total da sílaba postônica no final de palavra.

A análise fonológica mencionada acima consistiu na aplicação de um modelo teórico baseado em pressupostos da Fonologia Natural (5) (Stampe, 1972) e da Fonologia Natural Pura (6) (Angenot, 1977). O resultado dessa análise mostrou que o sistema "pitch" da fala do Canto se difere significativamente do sistema "pitch" da área de contato. Enquanto o sistema "pitch" da fala do Canto

"se manifesta em várias configurações as quais refletem claramente um sistema tonal com três tons pontuais (baixo, médio e alto), dois tons modulados (ascendente e descendente) e um contraste bem definido entre sílaba mais longa e breve",

"...o sistema "pitch" da fala da área de contato manifesta-se claramente do tipo acentual com um contraste entre sílabas tônicas e átonas, sendo as sílabas tônicas as mais longas, e as sílabas átonas sempre as mais breves" (Costa, 1979)

Quanto à redução parcial ou total da sílaba postônica no final de palavras, só ocorre na variedade de fala do Canto.

O modelo teórico de análise apresentado, aplicados aos dados fonológicos das duas variedades, tanto do Canto quanto da área de contato, e considerando os dois aspectos fonológicos já aludidos, permitiu avaliar os graus de conservação e perda da variedade linguística do Canto em relação a um possível substrato linguístico (7) desse falar, como também o grau

de assimilação da variedade do Canto em relação à variedade de fala da área de contato (8). Concretamente, essa avaliação demonstrou que falantes do Canto que pertencem à faixa etária mais velha não são mais fiéis ao suposto substrato linguístico do que falantes da faixa etária mais jovem. Em contrapartida, falantes desta faixa etária apresentam um grau de assimilação da variedade de fala da área de contato maior do que os falantes da faixa etária mais velha. Quer dizer, quanto mais jovem é o falante, menor é a presença de traços fonológicos do suposto substrato linguístico, e maior a presença de traços fonológicos da fala da área de contato.

Os dados sócio-culturais coletados junto aos habitantes do Canto demonstram diferenças bastante acentuadas em relação à área de contato. Como exemplo mais significativo podemos citar, antes de tudo, a posse coletiva do território do povoado, o casamento preferencial dentro do próprio grupo, além de inúmeras outras práticas, religiosas de saúde, de lazer, etc., muitas das quais são próprias do Canto, enquanto outras são práticas da área de contato que nesta não se usam mais.

Com relação à pesquisa histórica não foi possível tirar conclusões definitivas acerca da origem do grupo, posto que nada foi encontrado na história do Piauí que se relacione diretamente com o Povoado Canto e seus habitantes.

Independentemente da definição de uma origem do grupo contemporâneo, o certo é que, no momento, o grupo apresenta, de fato, muitos aspectos linguísticos e sócio-culturais, de um modo geral, os quais não são encontrados na área de contato. Por outro lado, a própria organização social do grupo é um tipo diferente daquele encontrado na região de contato. Como ilustração disso podemos citar a organização do grupo em "famílias", cada uma ocupando uma determinada área física que não se confunde com a área de qualquer outra "família". Cada "família" é composta por indivíduos ligados por laços de parentesco consanguíneo, que possuem um ancestral comum, uma área do território exclusiva para suas residências e de seus descendentes, um nome (de "família") e um "jeito de falar" próprio.

Segundo os próprios habitantes do povoado e o "jeito de falar" de cada habitante o indicador explícito de pertinência de cada um à sua "família" (Costa, 1983).

A situação linguística do Canto é peculiar e de importância sócio-linguística porque os diversos falares falados no Canto são todos

recusam-se a admitir que são diferentes, bem como que falam diferentes deles regionais.

O primeiro estudo desenvolvido junto ao grupo do Canto foi realizado no período compreendido entre julho de 1977 e dezembro de 1978. Nessa ocasião realizou-se uma pesquisa de campo cujo objetivo principal consistiu em colher dados linguísticos para análise da variedade de língua falada pelos habitantes desse povoado. Além da coleta desses dados linguísticos foi feito também um levantamento de dados sócio-culturais do grupo. Paralelamente à pesquisa de campo, fez-se um estudo da história do Piauí na tentativa de verificar a existência de alguma informação que situasse historicamente o grupo. Tanto a pesquisa de campo quanto a investigação histórica fizeram parte de um projeto que se destinou a subsidiar a elaboração de uma dissertação de

PESQUISA

inteligíveis para a totalidade dos habitantes do povoado, embora cada um só fale seu próprio falar, isto é, o que é próprio de sua "família". Para eles, "jeito de falar" é uma maneira de falar indefinível que cada família apresenta, mas que é perceptível ao nível concreto da fala. Eles conseguem descrever apenas alguns poucos traços lingüísticos, de forma vaga e imprecisa. Mesmo assim, sem diferenciação muito marcante, constituem marcas de identificação e diferenciação social implicadas nas relações sociais entre grupos e pessoas.

Tem-se notícias fornecidas por pessoas tanto da área de contato, quanto do Canto segundo as quais os antigos habitantes do Canto falavam mesmo uma língua diferente. O "jeito de falar" diferente atribuídos pelos regionais aos habitantes desse grupo remete ao início das relações entre os dois grupos, as quais se davam, talvez, em outras bases. Mas ainda hoje, a população do Canto é discriminada pelos regionais, e o "jeito de falar" genérico, do Canto como um todo, é recriminado.

NOTAS

- 1) Cálculo baseado no levantamento anual de domicílios realizado pela SUCAM, em 1976.
- 2) O termo "família" como está sendo usado neste artigo, o é do mesmo modo que no Canto, e refere-se a um grupo de indivíduos unido por laços de parentesco consanguíneo, que têm em comum um ancestral, um nome (de "família"), um "jeito de falar", entre outras características. O termo não se confunde, pois, nem com as noções de família nuclear, nem de família extensa.
- 3) Corpus é um conjunto de enunciados tão variados quanto possível emitidos por falantes de uma dada língua, numa determinada época e lugar.
- 4) Fonologia Natural, segundo Stampe é uma teoria lingüística que explica a substituição de sons ocorrida na fala das pessoas como sendo um processo fonológico natural. Um processo fonológico natural é "uma operação mental aplicada na fala para substituir uma classe de sons, que apresenta uma dificuldade específica e comum à capacidade lingüística do indivíduo, por uma classe alternativa idêntica em todos os outros aspectos mas sem a propriedade difícil". "Apesar das pessoas terem uma capacidade inata para falar, essa



Povoado Canto-PI

- capacidade revela limitações (ou restrições) que são comuns aos falantes de qualquer herança genética" (Istre, 1980). Em todas as línguas, substituições de sons são feitas por crianças durante a aprendizagem da língua materna; substituições também são frequentes na aprendizagem de uma segunda língua. Essas substituições que ocorrem na fala de uma pessoa ou de um grupo social são regulares e quase sem exceções.
- 6) Fonologia Natural Pura é uma teoria que adota os pressupostos básicos da Fonologia Natural conforme Stampe, mas acrescenta algumas considerações novas, de importância decisiva como critério analítico: "A originalidade principal do modelo da fonologia natural pura consiste em afirmar que todas as regras fonológicas da competência do falante estão sujeitas a um condicionamento de natureza exclusivamente fônica".
 - 7) Substrato lingüístico é um sistema lingüístico ou língua provavelmente falada pelos antigos habitantes do Canto e que está desaparecendo em favor da aprendizagem da variedade de português regional.
 - 8) A variedade de fala dos regionais, como é referida no artigo, é uma variedade do português. O sistema fonológico dessa

variedade apresenta como característica básica um contraste entre sílaba tônica e sílaba átona, fato conhecido e difundido mesmo entre alguns falantes comuns da língua portuguesa.

BIBLIOGRAFIA

- 1) ANGENOT, J.-P. *Studies in Pure Natural Phonology* (a sair).
- 2) COSTA, Catarina de Sena S. M. da. *Um caso de Português tonal no Brasil?*. Dissertação de Mestrado, UFSC, Florianópolis, 1979.
- 3) ———. *Caracterização Fonética da Fala do Canto e da Falá de Angical*. Trabalho apresentado para seleção ao Curso de Doutorado em Linguística, UNICAMP, Campinas, S.P., 1981.
- 4) ———. *Os "jeitos de falar" dos Habitantes do Canto: uma estratégia de identificação social*. Comunicação apresentada no VIII Encontro Nacional de Linguística, Rio de Janeiro, setembro de 1983.
- 5) ISTRÉ, Giles L. *Fonologia Transformacional e Natural (uma introdução crítica)*. Núcleo de Estudos Linguísticos, Florianópolis, 1980.
- 6) STAMPE, David. *On the Natural History of Diphthong*. Papers of the Chicago Linguistic Society, Chicago, 1972.

COLABORAÇÃO PARA A "PRESENÇA"

As colaborações literárias destinadas a publicação na REVISTA PRESENÇA deverão chegar a sua redação (Av. Miguel Rosa, 3300-S — 64.000 — Teresina — Pi — Brasil), até o dia 30 de novembro.

Temos o maior interesse em contar com as mais diversas colaborações culturais.

O EDITOR



A MOEDA DE OURO

POR: João Emilio Falcão

O menino tinha a mania de roubar. Não que precisasse; por natureza: A mãe rezava, o pai praguejava, ambos choravam—Os dias não vividos renunciavam-se negros.

O sol que iluminou sua humilhação derradeira estava posto no início da vingança, futura glória. Em busca do desaparecido, mais uma vez, como sempre, os lampiões, velas e lamparinas acenderam à noite. As canoas percorriam as águas do Parnaíba porque, sendo a vida da minha terra, era, também, o grande assassino com que nos ameaçavam desde os primeiros passos. Na seca, como estávamos, mais o desafiávamos, deixando sempre dois ou três mortos que iam fazer companhia ao cabeça-de-cuia, povoar suas águas e encher de temores nossas noites. Busca inútil porque estava distante, no campo, dependurado de um cajueiro por embira trançada em três pernas: como amor, via-se.

O vento nos acompanhou suave na noite de procura, mas pela alvorada, quando alguns o encontraram, estava forte, as saias grudando na bunda das mulheres, distraíndo nossos pensamentos. Réus, quase todos de um crime público, não esquecíamos as risadas com que na véspera acompanháramos sua desgraça durante a manhã que, depois, passou a ser lembrado como a da vergonha.

Dez, quinze minutos, não importa o tempo. Seiscentos, oitocentos metros, tola questão. A morte ao seu lado na caminhada em que se despediu da cidadezinha, animada pelo incidente. Rimos, era de se rir, o coronel a atravessar a praça e os três quarteirões entre sua casa e o grupo, puxando-o pela orelha.

Lentos, Olhos no espaço, os outros não existiam. Olhos no chão, mas vendo que todos o viam. Olhos de um no outro, verde-canavia, ainda iguais naquele passeio, mas, depois, diferentes

para sempre. Vazio uns, mortos nos 23 anos e 212 dias em que o vimos amargurar seu destino. Os outros, verdes como as folhas nascidas após a primeira chuva. Eternos que a morte não os cerrou, a viverem na recordação de quantos os viram mortos. Como que se foi a nós olhar a nós os seus assassinos, um pouco cada.

Lembrava-me sempre como era seu pai antes de tudo ao vé-lo durante esses anos, bengala a perscrutar os caminhos que, senhor da terra, percorria altivo, chapéu de palhinha com fita preta, botas de couro, coronel do meu sertão. Nós últimos anos, triste coronel, respeitado não pelo poder, que por ele não se interessou mais, e sim pela decadência que o elevou aos nossos olhos. Foi, de início, odiado pela vergonha que tínhamos de nosso comportamento e pelo qual o responsabilizávamos, porém com o tempo lhe transferimos nossos pecados e verdadeiramente passamos a amá-lo.

Seu enterro, ontem, recordou-me nossa honra e nossa tragédia e reuniu quase todos da vila, mesmo os que vieram depois e não tinham, como eu, uma dívida com o passado. De burel e pés no chão, os companheiros de irmandade carregaram nos ombros a rede, os braços pendidos, que ele, desde quando negaram a seu filho o campo santo, pedira que o enterrassem como aos pobres.

Solitário coronel que conquistou nosso amor quando procurou a humilhação e pudemos vê-lo, todas as manhãs, a varrer a Igreja de São Benedito, a dos pretos. As tardes passeava lentamente com D. Inácia, no entanto, sofreu menos porque, fora da existência, continuou vendo-o, falando-lhe, como se ainda vivesse. Deu-lhe uma vida própria, ora queixando-se de suas travessuras de criança, ora referindo-se ao seu filho médico que, minuto depois, estava chorando no berço ou passeando na fazenda. Os homens descobrimos e as mulheres rezavam baixinho ao vé-los porque o filho deralhes outra alma. Fizera-os nosso.

Na alvorada o descobrimos, os grandes olhos abertos, o cabelo caído na testa. O coronel chegou no Negrinho, suado de correr a noite toda na procura desordenada. O coximilho branco quase arastando nas caçambas. Os vazios riscados de sangue pelas esporas de prata. Ninguém os viu chorar. Segurou as pernas do filho, que caíam à altura da sela, puxou o corpo para si e ficou longo tempo assim. Em torno, as pessoas aglomeravam-se como se muitos soubessem, desde o início, que ali estava e apenas houvessem esperado a alvorada para descobri-lo.

CONTO

Começaram a cantar "no céu, no céu, com minha mãe estarei..." e foram, depois, acompanhando-os até a casa onde D. Inácia, terço na mão, Padre Afonso ao lado, os aguardava. Os olhos à espera do que a cantoria lhe informara. Foi na lua da sela como desde que nascera percorria, com o pai, as leguas e léguas de domínio dos Valadares, que um dia seriam seus se não tivesse a mania de roubar.

O menino tinha a mania de roubar. Pequenas moedas desapareciam sempre em casa. Tirava-se do troco do mercado, da bolsa da mãe, do cofre do irmão. Gastava tudo em bala, na quitanda da praça. O pai brigava, a mãe o defendia; todos se torturavam. Fizeram tudo, o que pensavam ser tudo, bateram-lhe, contaram estórias, deram-lhe dinheiro, fizeram promessas a Deus e ao menino, castigaram-no. Nada. Continuou a tirar dinheiro de todos, até das empregadas. A mãe cobria os furtos, o coronel soltava.

"Triste fim. Rezo por ele todos os dias. Quando o ouvia em confissão jamais pensei que fosse condenar-se ao inferno. Quem se mata não pode ver Deus, nem ser enterrado direito. Logo o melhor aluno de catecismo... Parecia um dos preferidos do Senhor. Não era. Se fosse, não se matava. Esteve em minha casa naquele dia. Dormia a sesta, que neste calorão a gente não pode fazer nada depois do almoço. A Benedita me avisou. Pedi que viesse mais tarde. Não voltou".

"Eu o amava, amor de menina é certo. Sempre nos olhamos. Ficava de longe, vigiando. Gostava dele, porém, naquele dia acho que o magoei um pouco. No início da tarde estávamos juntas, na porta do grupo, quando passou, cabeça baixa. Uma colega nossa, do admissão, gritou: "Ai minha orelha". Rimos todas. Virou-se, encarou-me com o olhar que a morte lhe deu horas mais tarde. Eu o amava, estou certa".

O coronel tinha o maior orgulho de seus 46 patações de ouro, herança de família. Mostrava-os raramente, só depois de muita insistência. Ao tirá-los da caixa, com algodão para evitar que se chocasse, esfregava-os um a um com flanela e, antes de guardá-los, voltava a limpá-los. Ficava muito satisfeito quando o chamavam de "o coronel dos patações de ouro", um reconhecimento de sua origem que o distinguia dos outros que, tendo gado, terras e votos de cabresto, eram também coronéis.

Naquele dia Padre Afonso levou dois amigos para verem o orgulho do coronel, que se fez de rogado, mas resolveu mostrá-los. Como sempre estendeu a manta de veludo e foi colocando-os com o maior cuidado. Um dos amigos de Padre Afonso observou:

— Coronel, o senhor disse que são 46, mas tem apenas 45.

— São 46, então não sei...

— Eu só contei 45.

Contaram-nos juntos. Eram 45. O coronel esgarçou da caixa. Nada. Ficou parado lívido. De re-

pente saiu apressado, esquecidos os patações em cima do veludo azul.

"Engraçado a vida. Com a velhice a gente vê que não há fugas. Os erros permanecem. Outro dia comemoraram meus 25 anos de magistério, elogiaram minha coragem, exemplo moral, mas passei o tempo recordando como entrou no grupo. Arrancou da cadeira e levou-o pela orelha. Fingi que estava ocupado no quadro: não iria brigar com o irmão do Prefeito. Antes de sair vagueou a vista sobre mim e companheiros. É do que me lembro, não da coragem que a vergonha me deu. Uma covardia não se paga, não se esquece".

A praça é dois quarteirões entre o grupo e a casa, o coronel a bater-lhe de cinto ainda na rua, desvaído. Os primeiros gritos atraíndo as pessoas às portas, parando as que passavam. D. Inácio veio correndo, abraçou-o, tentando protegê-lo. À toa, o coronel empurrou-a na frente de todos. Ela caiu nos primeiros degraus da escada, ele se voltou para ajudar a mãe, o cinto em suas costas.

Na sepultura, aos pés do cajueiro em que morreu, já que a Igreja não o enterrou, o povo de minha terra se acostumou a jogar moedas em pagamento das graças recebidas. Hoje, entre elas, brilham os 46 patações de ouro pois um dia, varrendo a Igreja de São Benedito, a dos pretos, o coronel achou a seus pés a que faltava em sua coleção. E que seu filho, depois de morto, encontrou aquela pela qual se suicidara e a devolveu ao pai.

João Emílio Falcão

Piauiense, advogado, jornalista e contista,

diretor de publicações do Comitê de Imprensa do Congresso Nacional





PADRE
CICERO

O PONTO DE CONTRADIÇÃO

Esta afirmação explícita a postura da grande população nordestina de Juazeiro do Norte, ou de lá embrionada, para espalhar-se em todo o país. À luz desta mesma afirmação, aparentemente rebelde, outras afirmações vêm traçando o perfil de Padre Cicero, sua santidade e sua memória na alma do povo em diversas classes sociais dos brasileiros. É deste bojo bem popular que podemos arrancar a figura ciceriana sem estereótipos ou manobras intelectuais justificadoras de determinadas posturas ideológicas (cf. Matusalém in Rev. Presença. Ano V, n.º 11, abril/junho, 1984, pp. 40-41). A ideologização da realidade do povo é que constitui o maior perigo ao estudar-se um homem do povo. Perigo de desligá-lo de sua gente. Tudo isto equivale dizer que "é difícil compreender um santo prescindindo da consciência coletiva de seus devotos".

O perigo de ideologização do fenômeno "Padre Cicero do Juazeiro" constitui-se no próprio grito do povo. Este grito de pavor é a expressão popular dos romeiros e a manifestação angustiosa do **povo simples e devoto** a respeito do seriado de Doc Comparato, televisado há pouco tempo. A reação do povo não significa, em nenhum momento, a rejeição dos meios modernos de comunicação, nem da propagação de que **lhe é caro**, mas recusa duma ideologia intelectual ou política que se atrele ao patrimônio cultural popular. Esta consciência é clara nos versos do **poeta-cantador-de-violão** — Pedro Bandeira — no folheto "O Filme do Padre Cicero" levado à tela nos anos 70. Neste folheto, o poeta conduzido pelo sentimento e alma do povo cearense, comenta a produção cinematográfica de Helder Martins com muita fidelidade a sua gente:

"No Ceará que Iracema deixou seu nome plantado, o Padre Cicero também por Helder Martins, filmado prova que o inteligente faz-se viver no presente, o que se viu no passado.

Padre Cicero é imitado neste filme brasileiro por nosso Jofre Soares, grande artista e bom romeiro, que para aumentar a fama mostra o feliz panorama da história do Juazeiro".

No comentário de Pedro Bandeira, aparece — em todo o folheto — a preocupação de que não deve ser adulterada a índole nordestina e religiosa de Padre Cicero como o **missionário do sertão**, pressionado de um lado pela estruturada teologia do Seminário e, por outro lado, pelo quadro vivo de miséria onde passou

POR: Pe. MATUSALÉM

a viver. Quadro de pobreza e de fome; de nudez e de analfabetismo constante. Deste modo, a contagem do tempo para a decisão fundamental do missionário agir com o povo, é imensurável como as balas que saíam dos granadeiros dos **cangaceiros** — seguranças do sertão — e fazer brotar um tipo de vida conciliando entre a realidade vivida e a perspectiva aberta pela história de salvação a ser proclamada e assimilada na vida sertaneja (vide Rev. Presença Ano IV, nº 10 janeiro/março, 1984 pp. 27-31) de tal modo e proporcionar ao poeta popular as condições de traçar o perfil do **patriarca**:

"Padre Cícero é camponês porque nasceu no sertão, viveu e fez o bem de reza e de oração; É para ser respeitado e não é para ser zombado por outros da profissão.

Padre Cícero é o velhinho que já está perpetuado: como vigário, é um santo, como amigo é dedicado, como católico rezou, como político chegou ser governo de Estado.

Padre Cícero é o passarinho que voa sem ter problema, passou pros livros e contos, folhetos, música e poema, rádio, jornal e programa e, para completar a fama, agora está no cinema" (Pedro Pandeira, *O Filme do Padre Cícero*)

— **Crucifimam o Santo do Povo!** — tal expressão é que amplia a consciência doromeiro diante a problemática intelectual sobre a figura controversa de Cícero Romão Batista, cuja significação só é, fundamentalmente, experimentada pelo povo como diz o próprio Pedro Pandeira na sua "Carta Aberta ao Papa" (05/03/1980):

"A cidade progrediu com trabalho e oração, criada como refúgio para peregrinação quem vinha ouvir conselho do Padre Cícero Romão".

Em base a este e outros depoimentos cordelinos, carece penetrar na memória popular e traçar o perfil de Padre Cícero a partir da base. E, um dos elementos de comunicação desta base (povo) é Literatura de Cordel:

"Falei em nome do povo do nosso Brasil querido, se eu for contar mais coisa o cordel fica comprido;

agora chegou a hora de lhe fazer meu pedido" (Pedro Pandeira — "Carta Aberta ao Papa.")

2. O PADRE CÍCERO DO POVO

A imagem popular de Padre Cícero tem o cheiro da vida nômade do valente sertanejo. Sertanejo de **vida bem apertada** na simples expressão do velho Capistrano de Abreu — o sábio dos caminhos coloniais. A paisagem do centro primitivo colonial ou remanescente dele assim é pintada: "de couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde, cama para as mulheres parirem; de duro couro todas as cordas, a botracha para carregar água, o mocó ou o alforge para levar comida, a maca para guardar roupa, a mochila para milhar o cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, as brucacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os banguês para curtume ou para apurar o sal; para os açudes, o material do aterro era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com o seu peso, em couro pisava-se tabaco para o nariz.

As primeiras freguesias (paróquias de hoje) variavam de oitenta a cem léguas. Diz Capistrano de Abreu "que muito tempo viveu esta gente nordestina entregue a si mesma, sem figura de ordem nem organização". Como esta gente era católica e a Igreja obrigava-a à frequência dos sacramentos, naturalmente qualquer vigário ou alguém mais animoso, mais zeloso ou mais cúpidos saía de tempos em tempos a descobrigar as ovelhas remotas (MACEDO, Nertan. "O Padre e a Beata" Cruzeiro, Rio, 1961, 35).

Assim era, pois, o tempo com seus costumes: os vaqueiros pastoreavam o gado, os fazendeiros pastoreavam o povo e os padres as almas. Daí porque o povo especialmente do vale do Cariri, sempre teve as suas rezas e as suas orações. Dentre muitas a **Oração das Treze Palavras Retornadas**:

"Anjo Custódio, amigo meo, das treze palavras ditas, e retornadas, quero, que me digas uma. Uma he meo Senhor Jesus Cristo, que vive, e reina, para sempre, sem fim, Amém. Anjo Custódio, amigo meo, das treze palavras ditas, e retornadas, quero que me digas duas. As duas são as duas taboas de Moeses, a onde Deus Nosso Senhor, pôs os seus sagrados pés, uma é meo Senhor Jesus Cristo, que vive e reina, e reina vivo para sempre, sem fim. Amém. Anjo Custódio, amigo meo, das trezes palavras ditas e retornadas, quero que

me digas três. As três são os três Patriarcas, Abrahão, Isaac e Jacob, as duas taboas de Moeses onde Deus Nosso Senhor pôs os seus sagrados pés, e he meu Senhor Jesus Christo, que vive, e reina para sempre sem fim. Amém..." (oração rezada por Joaquim José Marrocos Teles e ensinada ao povo).

Como esta muitas e outras rezas do povo não foram ensinadas por Padre Cícero, mas apenas, este missionário quis se misturar com a sua gente porque assim estaria mais perto de Deus. Dentro deste contexto, confessa Amália Xavier Oliveira ter aprendido de Padre Cícero a seguinte oração:

"Mãe de Deus Mãe Soberana Mãe das Dores; De hoje para sempre eu me entrego a vós como vosso filho e servo, consagro ao vosso serviço a minha alma, o meu corpo e tudo o que me pertence; Abençoai a minha família, os meus trabalhos, os meus haveres; sede minha protetora na vida e conduzi-me ao céu para viver feliz por toda eternidade. Amém" (OLIVEIRA, Amália Xavier de. "O Padre Cícero que eu Conheci". Olímpica, Rio, 1969, 43).

Os primeiros povoadores de Juazeiro foram o Brigadeiro Leandro Bezerra Manteiro e seus descendentes. Os ancestrais do Brigadeiro descendiam em linha direta de Caramuru com Paraguaçu, sendo o mesmo da décima descendência. O brigadeiro Leandro era dono do engenho "Moquem", herança de seu pai Capitão Antonio Pereira Lobo que o recebera, como dote, por ocasião do casamento com sua mãe Joana Bezerra de Menezes. Assim, a gleba correspondia ao espaço entre o Rio Batateira até a Serra do Catolé (hoje Horto), mais especificamente, toda a fazenda "Taboleiro Grande", que partia do município do Crato e espalrava-se em direção à serra de São Pedro.

O ponto mais pitoresco da fazenda era a ligeira elevação do terreno próximo ao rio Salgadinho, onde haviam três grandes juazeiros, formando triângulo e sobressaindo, entre os demais, pelo tamanho de suas copas e pela beleza do verde de suas clorofilas. Sob esta fraude acolhedora, procuravam abrigo os viajantes feiristas que de Barbalha, Missão Velha e outros lugares, se dirigiam ao Crato para vender seus produtos e comprar mantimentos para a semana.

— Foram estas árvores que demoram nome ao Juazeiro!

Ali se encontravam os vendedores ambulantes. Ali combinavam: "vamos descançar lá nos juazeiros". Neste local do terreno, bem perto dos juazeiros, o Brigadeiro Leandro construiu sua casa da fazenda. Em torno espalharam-se os mombambos dos escravos, esparsos entre as terras, onde na época do inverno, faziam-se os roçados de milho, arroz, feijão e mandioca (MACELO, N. op. cit. 33-56; OLIVEIRA, A. Xavier de, op. cit. 23-29). A Igreja dedicada à Mãe de Deus e dosromeiros viria depois...

Tudo isto aconteceu antes de 1827 quando fora celebrada a primeira missa no Juazeiro. Esta data fora cantada e decantada na Literatura de Cordel, confessa Dr. Irineu Pinheiro, que registra o evento no livro *Efemérides do Cariri*:

"Quem ler 'O Sul do Ceará' hebdomadário cratense, de 16 de abril de 1905, lerá em artigo assinado por José Joaquim de Maria Lobo, ter sido sentada a Pedra Fundamental da Capela de Nossa Senhora das Dores de Juazeiro do Norte, em 15 de setembro de 1827, havendo Missa cantada na casa de Oração pelo padre Pedro Ribeiro Monteiro (o mesmo que assina Carvalho), assistida pelo Padre Joaquim Lima Verde (concelebração só vai aparecer com o Concílio Vaticano II), que cantou a Epístola, acolitado pelos seminaristas Antonio Pereira Oliveira e José Alexandre Correia Araud, mais tarde, aquele vigário de Lavra da Mangabeira e este de Cabrobó; assistindo o ato o avô do celebrante — o Brigadeiro Bezerra Monteiro e seus filhos, Coronel Gonçalo Luis Teles de Menezes, Capitão-Mor Joaquim Antonio de Menezes, Capitão José Geraldo Bezerra, Capitão Manuel Leandro Bezerra de Menezes inclusive, o menor Pedro Lôbo de Menezes, também sobrinho do Brigadeiro, conhecido não só pela patente de Capitão, como por ter dado de uma só vez dez contos de réis ao Revdmo Ibiapina, para a construção da Casa de Caridade de Barbalha, afora numeroso concurso de cavalheiros e senhoras".

— A capela, portanto, fora consagrada à Nossa Senhora das Dores, cuja imagem fora trazida de Portugal. Esta referida imagem é, hoje, conservada no salão da sacristia da atual Matriz, porque fora substituída por uma outra, vinda da França, a pedido de Padre Cícero e entronizada no dia 18 de setembro de 1887 e não dia 15, o dia de Nossa Senhora

das Dores. O motivo é desconhecido. Esta imagem francesa, medindo 1,65 m. de tamanho, substituiu, definitivamente, a outra de 0,75 centímetros, portuguesa em estilo bizantino, colocada por Padre Pedro Ferreira de Melo, o último capelão de Juazeiro antes de Padre Cícero Romão Batista.

Pe. Cícero celebra sua primeira missa na vila de Juazeiro dia 24/12/1871. Esta celebração, segundo Amália Xavier, representou "o primeiro ato aos pés de Nossa Senhora das Dores" — "mãe de Deus e mãe nossa a quem nos ensinou a amar e venerar" —, confessa a escritora (OLIVEIRA, A. Xavier de — "op. cit." 37). Esta missa foi o atendimento do pedido feito pelo professor régio Senhor Semeão e dos fazendeiros. Passa, portanto, Padre Cícero a celebrar dominicalmente em Juazeiro até que no dia 11 de abril de 1872, juntamente com a família, passa a residir definitivamente na cidade eterna, como a chamam osromeiros. Aí morou até o dia em que morreu às 6h30min da manhã de 20 de julho de 1934 depois de receber os sacramentos.

A família de Padre Cícero compreendia sua mãe — Joaquina Vicência Romana, conhecida pelos íntimos como Dona Quinou; duas irmãs solteiras — Angélica e Mariquinhas; uma escrava — Tereza, conhecida por Tereza do Padre ou Terezinha como chamavam-na os íntimos da casa. Assim, o jovem sacerdote iniciou suas atividades de apóstolo celebrando, rezando, com todos, o **Rosário da Mãe de Deus** como ele mesmo dizia.

Sobre esta prática da reza do terço, há uma curiosa constatação na vida do apóstolo do Juazeiro: "quando se iniciou, no Brasil, a campanha da reza do terço diariamente para atender ao apelo de **Nossa Senhora** em suas aparições em La Salette, Lourdes e, sobretudo em Fátima, em Juazeiro a mais desconhecida, humilde e pobre das aldeias, encravada num lugar longe da civilização, já se rezava, todos os dias não o terço apenas, mas o **Rosário Marial**. Os rezadores, todos eles, guiados pelo Padre Cícero, que além de pregar a necessidade de rezar, dava o exemplo rezando, ele mesmo, com os seus governados e orientados. E mais, fez com que usassem, ao pescoço, o Rosário, costume que ainda hoje é conservado (OLIVEIRA, A. X. op. cit. 39-40)". O uso sistemático do Rosário ao pescoço é, ironicamente criticado como sendo "a cartela de identidade do juazeirense" que identifica os que vivem ou pisam o solo do Cariri.

Todo este testemunho dado por Amália, seguido por Rachel de Queiroz e demaisromeiros, está ex-

plícitamente arraigado na alma do povo sertanejo, como retrata o jornalismo paralelo, a *Literatura de Cordel* nos seguintes textos e respectivos poetas:

"Nesse tempo o Juazeiro era uma povoação, tinha uma capelinha que o Padre Cícero Romão com muito gosto assumiu toda a sua direção.

Quem edificou-a foi padre Pedro Ribeiro e defronte a ela tinha um frondoso Juazeiro, daí surgiu da cidade o seu nome verdadeiro

Padre Cícero confiando em Jesus Rei dos Judeus ordenou várias famílias fechar cedo os lares seus para rezarem o rosário da sagrada Mãe de Deus" (Severino B. da Silva — *O Juazeiro e o Pe. Cícero*).

"Juazeiro era um deserto poucas casas encontrou, da Capela fez Matriz a Mãe de Deus entregou, vivendo a caridade com toda amabilidade ali tudo melhorou.

Começou a chegar gente para fazer romaria, de cem e duzentas léguas se formava a companhia todos a pé viajando, uns cantando, outros rezando o rosário de Maria.

Uns ficavam em Juazeiro e faziam motadia, viviam ali sem sobressa pois nada lhe ofendia, tendo Ele em seu amparo e a devoção do rosário da Sempre Virgem Maria". (Manuel R. Tenório — *Morte de Meu Padrinho Cícero*).

Apesar deste testemunho popular, a polêmica toma vulto no meio dos intelectuais e especialistas em Padre Cícero, haja vista as antagônicas posições de Azarias Sobreira e Edmar Morel quando tratam da pobreza vivida ou renunciada pelo missionário do Cariri.

Antes de traçar o perfil popular do patriarca de Juazeiro, carece apreender o nível forte desta polêmica. Diz padre Azarias que "Padre Cícero tinha o amor apaixonado da pobreza que foi por dilatados anos a dama eleita de seu coração". Evidencia-se os sinais desta postura eclesialística declinando suas vestes quotidianas, "uma grosseira batina de merino ou de brim, sapatos de lá preta, leite pobríssimo e, na mesa,

uma frugalidade bem digna de imitação como prova, jamais presentida de humildade evangélica" (cf. SOBREIRA, Pe. Azarias. "O Patrimônio do Juazeiro" 1969 pp. 35, 209).

Outra diferente posição é a de Edmar Morel: "Está para surgir no Norte do Brasil um eclesiástico mais simples no modo de trajar do que o Padre Cicero. Sua batina surrada e o chapéu sebento lhe dão maior simplicidade e isto mesmo o torna mais perto do coração do povo, composto do que há de mais heterogêneo. Talvez tudo isto premeditado, por simples espreiteza... Uma estranha ganância marca a vida deste padre rico" (MOREL, Edmar. "Pe. Cicero o Santo do Juazeiro". Rio, 1966. pp. 137-138).

Sobre esta questão, bastante forte, nada conclui o Padre Antonio Feitosa, senão com outra questão: "não pergunto o que teria sido mais verdadeiro. Pergunto antes; quem foi mais coerente? quem teve melhor visão da humildade? o Padre ou o Repórter (Morel)? Não se trata do comportamento do Padre Cicero, mas das conclusões a que chegaram os dois autores. Humildade diz o Pe. Azarias. Ganância e espreiteza, diz o repórter Morel" (FEITOSA, Pe. Antonio. "Falta um Defensor para o Padre Cicero". Loyola. S. Paulo, 1983. 31).

Nertam Macedo apresenta o capela de Juazeiro como paranóico e não como pobre de fato (MACEDO, Nertam op. cit. 68).

Todas estas posições contrariam ao conteúdo do livro de Tombo, escrito e assinado por D. Joaquim, segundo bispo do Ceará, ao benzer a igreja de Nossa Senhora das Dores:

"A capela de Juazeiro começada em 1875 pelo Pe. Cicero Romão Batista, sacerdote inteligente, modesto e virtuoso, é um monumento que atesta, eloquentemente, o poder da fé e da Santa Igreja Católica Apostólica Romana, pois é admirável que um sacerdote pobre (grifo nosso) possa construir um templo vasto e arquitetônico em tempos anormais, quais aqueles que atravessam esta diocese, assolada pela seca, fome e peste" (Livro de Tombo, Fortaleza-Ce. 23/08/1884).

Este paradoxo constatado vem confirmar a afirmação de Groenen sobre o catolicismo popular. Para ele, catolicismo popular "constitui uma interpretação religiosa do mundo, a qual tem sua própria lógica e coerência e exerce funções bastante vitais para o povo na luta diária, pela sobrevivência, na sociedade de classes em que vivemos. Para as pessoas que possuem outra interpretação — da Igreja oficial — é difi-

cil compreender o mundo religioso do povo. Este se apresenta como um mundo estranho e misterioso, pouco sistematizado e explicitado e, as mais das vezes, fechado para o entendimento dos de fora".

A religião do povo é um mundo de saber, de práticas e de reações, vivido no interior das classes populares. No caso da devoção ao Padre Cicero, deve-se dizer que nesta devoção inúmeros nordestinos expressam a sua interpretação da realidade: é o mundo deles. A disparidade de dois mundos dificulta toda uma compreensão porque "a grande maioria dos agentes da pastoral" e dos intérpretes dos anseios do povo "são ou não são mais católicos populares: emigraram daquele mundo vivencial religioso e habitam o mundo organizado e racionalizado do catolicismo oficial ou eclesial" (GROENEN, Pe. Henrique Estevão. "Catolicismo Popular: Os Romeiros do Padre Cicero e sua Devoção", in REB vol. 44. Vozes, Petrópolis, junho, 1984. pp. 323-324).

Na tentativa de conhecer o mundo religioso em que vive e pensa a pessoa que cultiva a devoção ao Padim Ciço, será importante e necessário que não se desprezem os devotos e, penetre-se no arquivo memorial, para colher o material importante e indispensável, que não está no catolicismo oficial, mas para além do mundo eclesial oficial. Lá por baixo do rosário bento, no peito do nordestino, na sua experiência e manifestação, na sua cultura e a peculiar modalidade de articulação de saber e de vida.

Na busca do que pensa e vive o tomeiro do Juazeiro, fará aparecer, com muita fidelidade, à gente nordestina, a imagem do Padre Cicero. Já se pode observar que dois caminhos conduzirão à imagem que os romeiros têm do patriarca: ouvir diretamente os devotos (as suas histórias, fatos históricos passados de boca em boca e que se repetem na atualidade noutras versões) e o que se pode ler quando o povo escreve de Padre Cicero na Literatura de Cordel. Andar nestes caminhos constitui objetivo deste artigo.

2.1. Padre Cicero na Boca do Povo

O quadro da tradição oral dá conta de dois tipos de estórias sobre Padre Cicero do Juazeiro. O primeiro tipo tratava das palavras e atos do Padre do Juazeiro (Padre Cicero histórico): são as histórias que se originaram em fatos históricos que, também na atualidade se repetem em várias versões. Nesta primeira fonte popular, destacam-se: a bondade, magnanimidade; hospitalidade e onisciência do Padim Ciço. Fortemente aparece o louvor do seu interesse pelos pobres; a sua capaci-

dade de aconselhar e de prestar auxílios (materiais e espirituais) nas horas mais difíceis. O povo gosta de comentar tudo isto e, especialmente, passar à frente o caráter de importância e de influência da personalidade do vigário do sertão alen-carino.

Dentre as estórias, a mais difundida é a do sonho que teve Padre Cicero quando assumiu a capelinha de Juazeiro: Sonhou que estava sentado à cabeceira da grande mesa da Escola (onde dormia) quando viu entrarem, na sala, os doze apóstolos tendo à frente o Coração de Jesus. Os apóstolos colocaram-se em pé, aos lados da mesa enquanto o Coração de Jesus colocou-se atrás da cadeira onde, ele, Padre Cicero estava sentado. Ouviu perfeitamente a voz, do Coração de Jesus, dizendo com voz forte e temível as seguintes palavras: "Eu estou muito magoado com as ofensas que os homens me têm feito e me fazem todos os dias. Vou fazer um esforço pela salvação de todos, mas, se não quiserem se corrigir, acabarei o mundo, E, quanto a ti (disse dirigindo-se ao padre) toma conta deles". E ao mesmo tempo disse ao padre: "Vi que começaram a entrar, na sala, diversos indivíduos particularmente sertanejos, mal vestidos e quase todos descalços". Acordou sob esta impressão viva que lhe pareceu muito real (OLIVEIRA, A. X. op. cit. 38).

Não demorou muito entrar no Juazeiro sertanejos dos lugares próximos, afastados e mais distantes para escutar os conselhos do padre e para serem ouvidos em confissão. Tudo isto deu a Cicero a convicção de ter sido escolhido, por Deus, para tomar conta de todo o povo do vale do Cariri.

Este sonho, também relatado na literatura de Cordel, lhe valeu como programa de vida e para a vida do povo da região cearense, que aos poucos fora envolvendo grande parte de brasileiros. Não foi apenas o Patriarca de Juazeiro a sonhar significativamente sobre a sua missão a executar, há os santos como S. João Bosco, Santa Teresinha de Jesus, Santo Cura d'Árs que tiveram avisos similares.

Os provérbios, no falar do povo, categorizam a forte personalidade de Padre Cicero. Conta-se que "ele com uma mão dá aquilo que recebe com a outra"; "ele nunca desprezou um pobre"; "Padre Cicero nunca mandou alguém de mãos vazias para casa e nunca ninguém o procurou para não ser ouvido por ele". Ainda o caráter co-rendente aparece na fala do povo: "Mesmo o mais criminoso podia chegar ao Juazeiro e, ao voltar para casa, volta com o coração purificado"; "o padim Ciço sabia de tudo: ele podia predizer os acontecimentos futuros, revelar

aquilo que as pessoas tenham feito ou poderiam fazer". Esta é a figura do conselheiro, figura tradicional e muito importante no Nordeste (consultar romanceiro nordestino da Literatura de Cordel desde o século XVIII).

Dentro desta primeira categoria de fala do povo, Padre Cícero é visto expressamente como sacerdote e sacerdote diferente dos demais pelo testemunho que foi capaz de viver no meio de sua gente: "ele não pediu dinheiro e por isso todo mundo lhe dava com alegria". Conta-se também que quando ele estava proibido de celebrar missa e fazer batizados o comentário era o seguinte: "ninguém duvida que a condenação de Padim Cíço pela Igreja — eles falam de perseguição — seja um caso de um mal-entendido ou mesmo de má vontade ou inveja, porque ele é diferente, não quis saber de dinheiro, estava ao dispor dos pequenos e não olhava se a pessoa estava bem vestida ou se fielmente frequentava a igreja". (cf. GROENEN, H. E. op. cit. 340-342).

Nestas colocações do povo, osromeiros, na experiência quotidiana, refutam, fortemente a Morel, Nertam Macêdo e a outros sem seguir muito a Padre Azarias. O povo acrescenta ainda que teve significação para a vida de todas as pessoas. Contudo, milagre no sentido estrito da palavra, não aparece na conversa do povo. Confirma Groenen, por exemplo: "conta-se que Padre Cícero curava um doente, acontece isto de forma estereotipada, nunca na sua presença ou no Juazeiro, mas somente quando o doente, seguindo as orientações de seu padrinho, já estava de volta em casa: lá no seu canto o devoto descobria que já estava libertado da causa do seu sofrimento". Como esta, as histórias se multiplicam como o encontrar coisas perdidas ou roubadas; encontrar empregos; melhoramento de condições econômicas, chuvas, etc.

O milagre no falar do povo, no seu entender, não é a quebra da ordem natural das coisas. Os feitos milagrosos do Padre Cícero se caracterizam mais como retomada dessa ordem que, talvez, por algum tempo fora quebrada. É notável, na consciência coletiva, o **invocar o patriarca** como recurso de argumento para proibir os filhos de ingressarem na vida moderna. Por outro lado, o povo afirma que "a fome que assola a humanidade, sobretudo os pobres, a carestia, a seca e outras mazelas da vida, não têm causas divinas. Mas, a causa fora a desobediência, o não escutar as palavras ditas por padre Cícero". Por isto mesmo ele previu tudo.

— A segunda categoria de estórias ouvidas e contadas pelo povo tratam dos acontecimentos que a

própria pessoa informante, ou conhecidos dela, viveram. Tais estórias, bastante numerosas, são antes testemunhos de fé. Seguem mais ou menos este estilo: "...E quando meu filho estava para morrer, e quando os médicos já me tinham desenganado, fiz uma promessa ao Padre Cícero. Prometi que, se a criança se salvasse, eu ia à Igreja do Juazeiro, em frente do altar tiraria uma fotografia. Ai o menino ficou bom. Levei ele para lá e mandei bater a fotografia com ele vestido de batina, com bastão e com o chapéu. Essa foto guardei e nestes dias, quando ele se casou dei para ele, assim ele nunca vai se esquecer do Padrinho Cícero" ... e nem do milagre! O que observamos aí, é a chamada **memória popular** que muitas vezes a nossa pastoral não permite ser criada. Nem a história do Brasil tem memória! — Não só isto, mas neste segundo seguimento de milagres estão incluídos: sucessos comerciais, policiais escapando de situações difíceis; reconciliações entre inimigos e resolução de velhos desentendimentos, etc.

As duas categorias portam estórias e mais estórias ou ainda histórias, esta é a consciência do povo simples, que possui um valor extraordinário de propaganda do Santo do Juazeiro. Tem função de testemunhos de conversão: uma situação anterior de pecado; uma situação de transição, de iluminação e conversão e de uma atual situação de salvação e felicidade. O complexo de estórias tocam o povo, atraindo-o para a exortação. "os crentes querendo se exortar mutuamente a permanecer firmes no estado atual da graça, através dos efeitos emocionais nos ouvintes pretendendo reforçar a fé comum.

O interessante é que merece atenção, é que a resistência, da Igreja oficial, a este dado do catolicismo popular sob o pretexto de eficientes métodos pastorais, não consegue destruir a fé do povo. O povo pode ser até acomodado aos novos moldes: cursilhos de cristandade, treinamento de liderança cristã, encontro de casais com Cristo, etc. Contudo, nada o impede de ir anualmente ao Juazeiro.

2.2. Padre Cícero na Poesia Popular

É na leitura cuidadosa de muitos **folhetos de cordel** que percebe-se o reforço da figura de Padre Cícero moldada pela oralidade da fala da gente nordestina. Os textos condensam uma fixação em alguns pontos peculiares: Padre Cícero que profetiza o bem e a desgraça para quem não o escuta atentamente; aparece a defesa da bondade e integridade do pastor; é forte a condenação dos adversários do Padim Cíço com forte protesto.

Os poetas se experimentam portadores do patrimônio cultural religioso deixado pelo patriarca de Juazeiro e responsáveis guardiões da figura ciceriana:

"Eu desci lá das alturas
Para o último aviso dar
Você foi o escolhido,
É preciso me escutar
Porque este mundo velho
Está para se acabar"
(Tomé de Lima — "O Último
Aviso de Pe. Cícero")

A estrofe acima caracteriza os poetas populares. Esta autoridade é comum à literatura de cordel. O poeta evoca a não só ao Padre Cícero, mas sempre a Deus, Jesus Cristo, Salomão ou aos sábios de Israel, com referência à sabedoria do judaísmo bíblico (cf. SOUSA, M. M. Jerusalém — "Cordel, Fé e Viola" Petrópolis, Vozes, 1983, pp. 15-23).

Uma das técnicas fundamentais da literatura de cordel é a fidelidade à realidade, o que não deve ser confundido com o aspecto lírico ou apocalíptico de uma expressão de uma cultura dominada. Neste sentido, é indevida a incriminação que acusa os poetas populares de mocinhas pledosas, visionárias e sunharforas encarregadas de escrever uma prática comprimida de moralização em forma rimada (cf. GROENEN, H. E. op. cit. 345-346).

Groenen demonstra-se leitor de uma inenarrável dúzia de folhetos sobre Padre Cícero, igualmente, confessa-se pessoa que ignora o potencial publicado desde o século XVIII em literatura de cordel. O Nordeste brasileiro, em todos os níveis de experiência, está muito bem retratado nos folhetos de feira. Ao escritor, recomenda-se a leitura de Leandro Gomes de Barros, João Martins de Athayde, Francisco das Chagas Batista e os mais contemporâneos como José Costa Leite, Crispiniano Neto, Sebastião Nunes Batista, Rodolfo Cavalcante ou ainda os irmãos Bandeira. Dos referidos poetas os três primeiros apresentam 8.000 títulos diferentes, que preenchem bem o tempo que lhe é devido viver, pela contingência da vida humana e a idade que possui, para classificá-los. E, caso haja tempo suficiente, deverá partir para o conhecimento profundo da literatura de cordel, patrimônio genuinamente nordestino. Nunca uma bibliografia secundária possibilita o conhecimento da obra ou da vida de um pensador, nem tampouco de um produtor de cultura popular.

O melhor conhecimento da índole da literatura popular jamais será atingido pela pura contemplação. Somente quando os intelectuais renunciarem o gabinete e o presépio da cultura dominante — dona da verdade e dos conceitos —, a Itália

ra dê povo passará do real para a vacuidade.

— A literatura de cordel apresenta Padre Cícero tomando-o do quadro real de sua história que é narrada com o cheiro e o lirismo do sertão das vaquejadas e do baio: ambiente popular de uma religião paralela — não oficial — que se sujeita à pregação da religião eclesástica, que na época ciceriana, em Juazeiro, era um catolicismo cuja mensagem se fazia predominar pela escatologia moralizante. Contudo, o saldo é positivo:

a — Padre Cícero Pastor e Conselheiro

“Foi assim que Padre Cícero
Entre sábios e matutos
Semeou a fé de Cristo
Naqueles corações brutos
Semente que, bem regada
Ainda hoje dá frutos.

Com poucas casas de barro
Um local quase deserto
Para espera de boiadas
Ali era o ponto certo
Como também os tropeiros
Arranchavam-se por perto

Este povoado foi
Transformado em Juazeiro
E Cícero transformou-se
Em amigo e conselheiro,
De todos os sofredores
Era um pastor verdadeiro.

Assim pouco a pouco foi
Dominando aquela gente (1)
Transformando o mau em bom
Fazendo do ateu crente,
Consolando a alma aflita,
Curando o corpo doente”
(Manuel d’Almeida Filho —
Padre Cícero o Santo de
Juazeiro — 1979)

“Logo que tu resolveres
Humildemente viver
Volta aqui no Juazeiro,
Que posso te defender;
Abandona este cangaceiro
Que eu te garanto e faço
O governo te proteger”
(Francisco das C. Batista —
Conselhos de Pe. Cícero a
Lampião).

“Padre Cícero é o regente
do divino Juazeiro
convertendo à humildade
na lei do seu padroeiro;
pregando as santas palavras
nosso pastor conselheiro.

Guiador do povo crente
qual Moisés do povo hebreu,
pregador firme potente,
bradando sou todo teu
do altruísmo combatente
pregando o verbo seu.

O Padre Cícero é falado
pelo centro em Juazeiro,
é um padre venerado,
um pastor mui verdadeiro
tem seu nome decantado
pelo vasto mundo inteiro”
(J.B. da Silva — **Manifestação
do Pe. Cícero R. Batista pelo
povo de Juazeiro — 1965).**

“O pastor é bom e justo
Mas o que havia de fazer?
Esgotou todos os meios
Mais nada pôde obter,
Quem por causa de uma ovelha
Deixa um rebanho perder?

Depois que o Padre Cícero
Falou à população
Disse: meus irmãos queridos
Perdoa aos teus inimigos
A grande perseguição”
(Leandro G. de Barros — **Festas
do Juazeiro no Vencimento da
Guerra — 1914).**

b — Padre Cícero: Missionário
e Amigo do Povo

“Padre Cícero dispunha
de importante missão
assistente psiquiátrico, (2)
a única consolação
dos pobres e desvalidos
desse imenso sertão”
(Abraão Batista — **“O Nascimento
do Padre Cícero)**

“Por isso o padre pediu
Que o povo o ajudasse
Porque o Estado em peso
Pedia que o libertasse
E elle acudia o povo
Embora que se arriscasse.

Ali inúmeros estampidos
Enchiam serra por serra,
O povo gritava viva!
O libertador da terra,
Viva! viva o Padre Cícero!
Que terminou toda guerra.

Chegava um dali mesmo
Ou de outro Estado vizinho,
Se aproximava do Padre
O rico e o pobrezinho
Dizendo muito contente:
Meus parabéns meu Padrinho”
(Leandro G. de Barros — **“Festas
do Juazeiro no Vencimento da
Guerra” — 1914).**

A leitura destes textos faz perceber a simbologia mais profunda da **espiritualidade popular**: uma procura de Deus e da esperança; o povo recorrendo mais à sua simbologia religioso-cultural (devoções) do que aos caminhos eclesiais oficiais. Daí porque a simbologia popular, por sua vez, exprime a experiência religiosa do povo, que é difícil de veicular em formulações racionais. A cultura popular ao exprimir o seu **ethos**

espiritual, é basicamente **simbólica** (SEGUNDO GALILÉIA — “Religiosidade Popular e Pastoral”. Paulinas, S. Paulo, 1978, 78-87). Contudo, é imprecidente negá-la ou simplesmente condená-la porque o seu objeto, profundo, é Deus, o único libertador no qual se pode confiar. E, assim uma espiritualidade de libertação, em processo, é a religiosidade popular mantendo uma **esperança peculiar** — O Juazeiro é, ainda hoje, a expressão simbólica desta esperança (cf. GUIMARÃES, T. Stella. “O Padre Cícero por Ele Mesmo. Vozes, Petrópolis, 1983 pp. 48-55).

3. SIGNIFICADO SIMBÓLICO E SIMBOLÓGICO DO JUAZEIRO

Quando levantava-se a questão sobre a validade e simbologia de Juazeiro, a resposta é esfacelada mas, capaz de concentrar uma única experiência: “Juazeiro é a cidade do Padre Cícero, um lugar santo, onde o céu está mais perto e mais aberto do que os outros lugares”. É por isto mesmo que o Juazeiro veio tornar-se o maior centro de romarias do Nordeste (cf. SOUSA, M. “Escultura Popular”, in Rev. Presença, Ano IV, N.º 9, outubro/dezembro, Teresina, 1983 pp. 35-37).

A romaria alcança para osromeiros pleno êxito e realização: volta oromeiro, para casa, sobre um caminhão vivendo um ar festivo. Em casa, oromeiro, se transforma num discípulo propagando, entusiasticamente, a devoção ao patriarca e a viagem ao Juazeiro.

A mensagem a ser transmitida em linhas gerais, se explicita em dois movimentos: **gratidão** e o **pedido de ajuda** (cf. FACÓ, Ruy. “Cangaceiros e Fanáticos. Civilização Brasileira, Rio, 1978, 136-137). Oromeiro vem antes de mais nada, expressar, no lugar sagrado, na terra pisada pelo **Padim Cicho**, a sua gratidão em festa. Assim a romaria é festa e, como se sabe, festa é sempre situação fortemente emotiva. Oromeiro vai à cidade santa sabendo que ao se arrumar para a viagem ao Juazeiro, está se preparando para ir a um lugar onde é aceito.

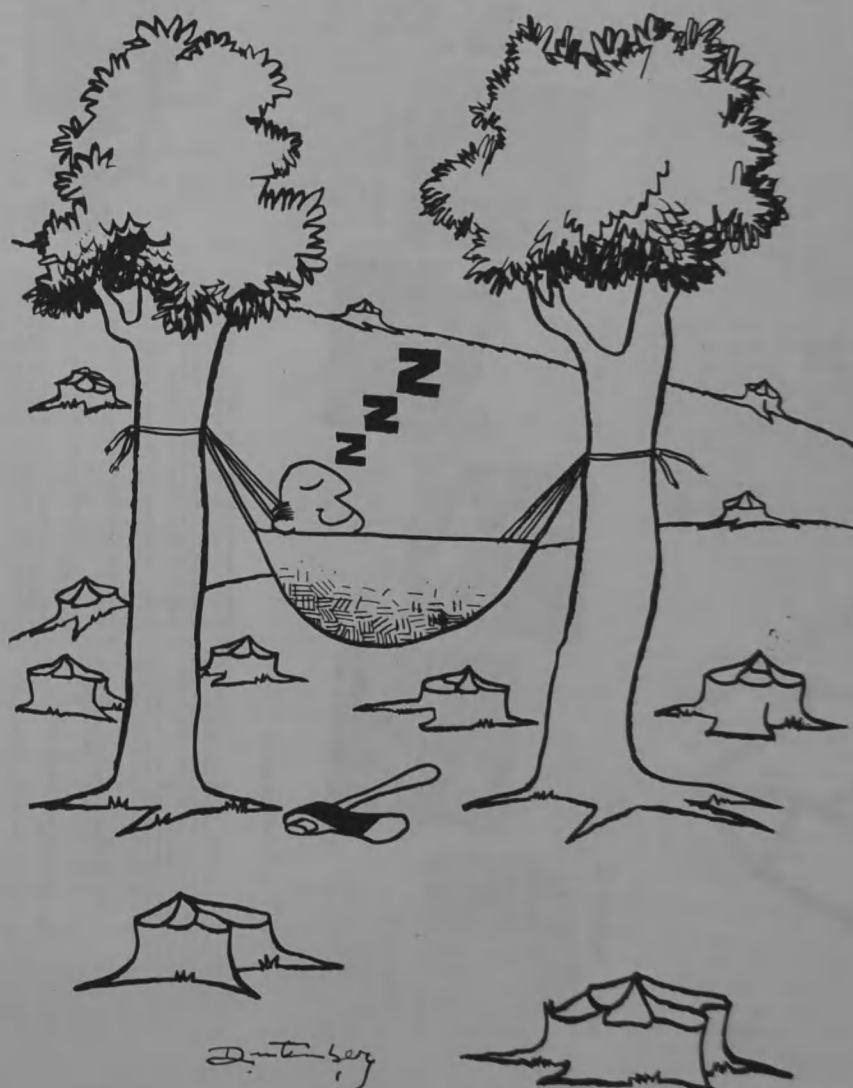
A imagem mais fiel à realidade do Juazeiro, é detectada das motivações profundas doromeiro. Por trás das motivações está a imagem religiosa da **cidade santa do Cariri**, imagem familiar à experiência religiosa. Assim, o Juazeiro é o lugar privilegiado, onde o céu está mais perto (céu = estado de espírito ou, como diz oromeiro, **estado d’alma**, é de experiência comunitária), onde a comunhão com o **santo** é mais fácil e onde **aquilo** que apenas para Deus é possível, se torna **real**.

Reunidos na romaria, fervorosos, esperançosos e criativos, tudo o que os romeiros no fundo querem, é durante esse tempo, escapar da armadura; de ser e viver o **comum pobre do dia-a-dia**. Numa palavra, peregrinar, para o povo é sempre um ato de explorar e conhecer o espaço em que se pode viver e se pode procurar um centro donde a pessoa pode localizar a sua moradia e a dos outros (cf. HORNAERT, Eduardo. "A Verdadeira e Falsa Religião no Nordeste". Beneditina. Salvador, 1973, 42-45).

O significado simbólico e simbólico de Juazeiro só é detectado no perceber que a **romaria** é o modo como o povo procura unificar a região e a religião em termos próprios, e, próprios do povo. É inegável a experiência nova que é criada aí, sobretudo se se estabelece a relação entre a romaria e a vida na comunidade paroquial. Nesta última "quem não se encontra valorizado e engajado na paróquia", lá onde ele pode se expressar, sente-se livre, podendo andar para o lugar onde a religião se articula do jeito que ele acha certo.

Isto o faz muito bem. Tudo isto explicita porque o Juazeiro acontece e acontece como festa coletiva do mundo que envolve a todos sob o mesmo apelativo e indiscriminadamente mesmo apelativo e indiscriminante — **romeiros de Juazeiro**.

Pe. Matusalém Sousa — professor da FUFPI, poeta cordelista e pesquisador da literatura popular.



aprender pelo tempo



PRÉ-ESCOLAR:

Trabalha com o desenvolvimento da linguagem e da motricidade fina. O trabalho é realizado em grupo, com o professor atuando como mediador e facilitador.



1º GRAU:

O trabalho é realizado em grupo, com o professor atuando como mediador e facilitador. O trabalho é realizado em grupo, com o professor atuando como mediador e facilitador.



2º GRAU:

O trabalho é realizado em grupo, com o professor atuando como mediador e facilitador. O trabalho é realizado em grupo, com o professor atuando como mediador e facilitador.



EDUCAÇÃO RURAL:

O trabalho é realizado em grupo, com o professor atuando como mediador e facilitador. O trabalho é realizado em grupo, com o professor atuando como mediador e facilitador.



ENSINO SUPLETIVO:

O trabalho é realizado em grupo, com o professor atuando como mediador e facilitador. O trabalho é realizado em grupo, com o professor atuando como mediador e facilitador.



EDUCAÇÃO FÍSICA:

O trabalho é realizado em grupo, com o professor atuando como mediador e facilitador. O trabalho é realizado em grupo, com o professor atuando como mediador e facilitador.



EDUCAÇÃO ESPECIAL:

O trabalho é realizado em grupo, com o professor atuando como mediador e facilitador. O trabalho é realizado em grupo, com o professor atuando como mediador e facilitador.



de ideológica e, finalmente, de habilitar, social e global, e do que suas dificuldades, destacando os sucessos obtidos. CER quer ser, de seus alunos aprovados e final para o ensino médio.

Com grandes desafios pela frente, o Projeto VENCER segue avançando e explorando a dedicação de sua Equipe - uma quantidade considerável de docentes de todos os municípios, trabalhando de maneira integrada com uma das preocupações do empreendimento, que é obter resultados positivos para a população na campanha da pré-matriculação, visando a inserção de todos os alunos no processo educacional no País.

A Administração do Sistema Estadual de Ensino reconhece que é difícil resolver todos os problemas do Estado, mas acredita que as ações conjuntas para dar o melhor resultado possível, em termos de qualidade de ensino, são necessárias. Entretanto, o que é necessário não será "o que é possível vencer". Buscando, então, o tempo perdido, o Conselho HUGO NAPOLEÃO aponta no VENCER como um marco na história do Estado e expectativas e pessimismo tanto que há de trazer mudanças e fluxos para a educação e para aqueles que necessitam do 1º Grau no País.

Promover a interligação de experiências entre as equipes de outras Unidades Federadas, Escolas Normais e Escolas de 1º e 2º Graus. Implantar o nível esportivo, Escola de arte, como extensão da Escola Normal, como uma alternativa para campo de estágio dos alunos vinculados aos Centros de Desenvolvimento. Capacitar docentes, através da UFPI em articulação com as Escolas Normais, nas modalidades de treinamento, Habilitação e Especialização. Expandir a oferta de habilitação em Estudos Adicionais a nível de Especialização. Implantar gradativamente o acompanhamento de expressão das 13 Escolas Normais.

A importância do Programa de Reabilitação das Escolas Normais será no fato de que o HUGO NAPOLEÃO quer garantir a política e o compromisso de desenvolver um conjunto de ações que assegurem melhor nível de formação pessoal docente e maior participação das Escolas Normais no processo de desenvolvimento do sistema Educacional Piauiense. De acordo com o Projeto HUGO NAPOLEÃO, o Conselho Estadual de Ensino quer se reunir para o sistema.

- Promover a interligação de experiências entre as equipes de outras Unidades Federadas, Escolas Normais e Escolas de 1º e 2º Graus.
- Implantar o nível esportivo, Escola de arte, como extensão da Escola Normal, como uma alternativa para campo de estágio dos alunos vinculados aos Centros de Desenvolvimento.
- Capacitar docentes, através da UFPI em articulação com as Escolas Normais, nas modalidades de treinamento, Habilitação e Especialização.
- Expandir a oferta de habilitação em Estudos Adicionais a nível de Especialização.
- Implantar gradativamente o acompanhamento de expressão das 13 Escolas Normais.
- Promover a articulação das Escolas Normais com o Projeto HUGO NAPOLEÃO, o Conselho Estadual de Ensino quer se reunir para o sistema.

ENSAIO

vés do jogo do texto histórico para-
lelo ao poético, agora se repete pela
intercalação do verso da canção po-
pular, colocado na voz dos próprios
cantores do morro.

Depois, com o poeta, vivemos a
lembrança da paisagem natal nesta
imagem-comparação transposta da
infância, se ouvimos e vemos quan-
do,

"As bananeiras do morro acenam outro
tempo
a outro espaço pertence este capim dos
morros
e nas encostas do Corcovado as cabras
ruminando
são as planícies do Piauí que vêm voltando."

Na cidade Inimiga, "cidade ini-
miga e amada", "de casas assassina-
das", a confusão das falas mistu-
radas, a mistura das línguas na co-
municação, o oposto das caras e das
cores, das mulatas e das damas, dos
cambistas e dos cavalheiros, dos idí-
lios e dos dramas de cada um,

"são tutti nemici a cidade inimiga e amada
a cidade dos opiantes quem te vê
e com seus dias numerados te sabe mobile
mas eterna
desaguados aqui de tantos rios menores
tua solidão aumentados"

São também incompletas as for-
mas da paisagem estrangeira, fixa-
das pelo poeta paiuense. As da
agradável e solitária Londres onde,

"..... nós
em corredores de museus
o tempo estéril exercitamos"

Mais incompleta ainda é a paisa-
gem d'O Campo Inglês,

"..... campo de poucas reses
campo sem casinhas de pobres."

A beleza do estilo de Dobal rea-
ça pela variedade das formas, pela
criatividade das rimas internas, da
aliação, pela sonoridade rítmica
dos versos, pela beleza vocabular. O
poeta cria versos como estes:

"Belanave nave ave do mar
para o amar dos mariscos,
o navio enorme dorme
(Porta Avizes Visto do Ministério
da Fazenda)

"..... O leão familiar
trazia o tempo e o tempo estéril
fazia branco o sonho dos amarelos."
(Red Lion Square)

II. O DIA SEM PRESSÁGIOS

Neste segundo livro de H. Do-
bal, repete-se uma técnica iniciada
n'O Tempo Consequente e que será
continuada n'A Província Deserta.
A divisão, embora apenas sugerida,
do todo da obra. O livro está dividi-
do em três momentos: uma visão do

mundo, uma narrativa épica e suas
"American Scenes".

Fazendo uso dos mesmos recur-
sos já empregados no livro de estré-
ia, dominando a palavra com natu-
ralidade e mestria. Dobal se reno-
va, recriando, ampliando, universa-
alizando o seu mundo, ao tratar, com
a natural agressividade do animal
ferido, os problemas que preocu-
pam o homem de hoje.

O que impressiona em O Dia
Sem Presságios é exatamente uma
nova dimensão alcançada do ponto
de vista do poeta que o faz ultrapasar
o campo essencialmente subjetivo
de O Tempo Consequente e atingir
um campo predominantemente
objetivo neste outro livro. Nesta no-
va perspectiva, as realidades se so-
bressaem às fantasias, a visão con-
creta das coisas e dos fatos domina
as imagens guardadas pela imagi-
nação do mundo maravilhoso da in-
fância.

O autor d'O Dia Sem Presságios
lança na consciência humana as se-
mentes da incerteza, as interroga-
ções maiores sobre o destino da hu-
manidade. Aqui está o MUNDO,
uma face apenas. O mundo e as dú-
vidas que atormentam a razão hu-
mana. Um mundo sem previsões. O
mundo d'A Pílula, d'A Bomba, o
mundo viciado dos entorpecentes e
da propaganda insinuante e domi-
nadora:

"Um gosto rico
confortante e honesto."
(O Cigarra)

"Mais que um passageiro
seja um convidado de honra.
O serviço é uma arte.
Decida-se
Nós o colocamos nas nuvens."
(Linhas Aéreas)

Neste mundo em contínua pre-
paração para a guerra, em busca do
poder, em luta pela paz, pela sobre-
vivência, pela conservação do ser vi-
vo (vida natural, vida artificial que
seja), neste mundo binômio Guer-
ra-Paz, outras deveriam ser as me-
didas a serem adotadas:

"Vamos vender os armamentos

Há mais dinheiro
na paz do que na guerra.
Faça hoje a opção
entre a bomba e o pão."
(III Os Diretores de Vendas e Seus
Publicitários)

E no mundo assim, a necessida-
de de auto afirmação estimula no
homem o desejo do poder, o poder
de criar. Homem-Criador. Ele cria a
bomba que destrói a vida, enquanto
pesquisa uma fórmula de criar a vi-
da. Seja uma vida recriada de outra,
seja uma vida ressurgida da vida
congelada.

"Os corações emparedados vão bebendo
a sua vida incerta. Desajustados
na angústia que lhes transplantaram
pulmão no peito inaceitável!"
(Os Transplantados)

"Nalgum lugar os mortos congelados
Made in USA esperam a palavra da vida!"
(Resurreção)

Obstinado, o Homem-Criador
amplia seus ideais de conquista.
Conquistar o mundo, o universo in-
teiro, tudo conquistar, tudo saber,
tudo entender, tudo vencer, tudo
criar. Ele e sua ciência em busca de
uma vitória definitiva e completa: li-
mitar a vida, oprimir os pequenos,
destruir os fracos, reinar sobre tu-
do.

"Esteres da morte a pílula
forma mais simples os anjos"
(A Pílula)

"Gloriosamente retrante
Faz deste mundo o seu reino seu ninho de
vai bebendo em nós."
(A Bomba)

"Neste remanso as almas apoietem
pedindo a paz ao dia sem presságios."
(LSD)

Vencido pelas incertezas do
amanhã, consciente da incapacida-
de de lutar com o tempo, angustiado
na sua impotência diante do misté-
rio da vida, presença concreta na
Natureza, o homem solta, então,
seu grito de desespero, seu soluço
incontido: "Ai vida vida/ vida co-
moída", e revela seu estado inter-
ior, seus traumas, através da ex-
pressão viva da "Natureza Morta":

"E o tempo caçador que faz do homem
um homem vivo
cumprido
colhido."

"..... A vida
teus monótonos milágricos."

O que levar o tempo duro e dividido
que o astronauta deixou na terra."
(Anticima)

"Leva seu nome sua fome"
(Salmo do Homem Sozinho)

"De muitos fogos se faz uma vida e dividido
se extingue nas esperas"
(Ludens Misterium)

"Desesperado deste lado da morte
o homem conta os seus dias."
(Deste Lado)

"O que resta de um homem vivo nos seus
ossos"
(Os Ossos)

Tolhido pela presença de uma
certeza maior, a certeza da existên-
cia do Verdadeiro Criador, "O que
fez da vida a seiva escondida nos
troncos", "O que fez o verde [e] fez
também"



..... as cabras as formigas
os cupins o homem sóbrio
e os seus dias de mal viver"
(Factus Est)

Aquele que fez os rios e, entre todos, "Os Rios" do Piauí, alegria maior para o pequenino mundo de um grande poeta.

"A rios do Piauí, água rica de peixe,
de couro e de escama

Campo de areia, água viva nos pés,
água pesada na memória."
"dos rios reduzidos a um nome
PARNAÍBA

sobre os rios plenos
os dias consumidos."
(Il Os Dias)

Ele se vê pequeno, descobre que está só e sente o vazio da solidão. Ele estará sempre só, com suas dúvidas, suas dívidas, perdido, sozinho no meio da multidão de homens solitários, ontem, agora, amanhã e sempre.

"O menino minguante
Sem socorro
de remédio
seu transe de fome
do rio do sono
ao rio dos mortos."
(Humanae Vitae)

"Cristão sozinho
no reino da multidão"
(Salmo do Homem Sozinho)

"No domingo da praça o velho se conforma
à solidão."
(O Velho na Praça)

Ele estará sozinho, aqui na sua Pátria, na sua Província; ele estará sozinho lá, do outro lado do mundo, no domingo estrangeiro:

"..... o palpitar
das praças breves, as vitrinas mortas"
(Os Sinos)

Loucura. A Natureza perfeita, deforma-se ante a visão doentia do homem limitado. Para ele nada haverá senão: tristeza, desolação, dor, angústia, desespero só:

"No campo claro, as ovelhas sem lá
vão devorando o sol na relva seca,
e pacientes fiam no vermelho
pó da pastagem uma renda de rastros"
(Ecloga de Verão)

"Um pássaro canta
seu desespero.
Na tarde sem fim
canta a passagem da primavera"
(Cantochão)

EL MATADOR

Outra vez empregando, paralelamente aos versos, fragmentos do texto histórico, o poeta narra a epopeia de um anti-herói, narra as lutas do "Matador de índios./ A fama de seu nome/ a fúria de seu nome./ Sua memória em sangue/ se repete". Na guerra contra os Pimenteiros, os Gueguezes, os Tapuias e Acarozes, em busca do El-dourado, nada detém o aventureiro na sua "sede de ouro",

"A sangue e fogo
a ferro e fogo
um homem líquida
seus semelhantes."

Na luta desigual, ele vai destruindo os índios indefesos, extinguindo uma raça desfazendo a história de muitas vidas e escrevendo, a sangue e fogo, a fama inglória do seu nome — Matador de índios.

O poema conta um episódio da História do Piauí, a guerra contra os índios Pimenteiros, chefiada pelo tenente-coronel João do Rego Castelo Branco (1776-1780), o que foi cognominado EL MATADOR.

OS CORTADORES DE GRAMA "AMERICAN SCENES"

Um passeio pelas cidades estrangeiras e a fixação de fragmentos de fatos que marcam o cotidiano de vida de cada uma dessas cidades,

constituem as cenas americanas. A descoberta de ser estrangeiro, naquelas terras distantes, de ser ignorado e estranho àquela gente, traz ao poeta a consciência de encontrar-se só e perdido no meio dos seus semelhantes:

"Três dias três noites na solidão dos hotéis
e um pensamento solitário
se perde como os passos nos tapetes de sono

Perdido na cidade estrangeira
onde os hotéis se fecham em corredores"
(Sic Transit)

E por toda parte nenhuma ventura, nenhuma alegria, nenhuma palavra amiga, um sorriso sequer:

"..... Nem a alegria
de andar desconhecendo
entre os anúncios de Coca-Cola"
(Baltimore, Md)

Na cidade-capital, o cotidiano. Para cada ato, um autor seguindo a "rotina tranquila". Na cidade dos automóveis, o poder da máquina mecanizando o homem:

"Já o dono do carro
se mecaniza: sem afeto
é um robô humanizado"
(A Feira dos Automóveis)

Para os da cidade estrangeira já não admira a mecanização do homem. A vida é uma máquina de fazer tudo, os seres são máquinas vivas, tudo é máquina, número, código, computador, engrenagem:

"A moça máquina
sabe o seu trabalho
Os computadores
da terceira geração
rápidos retornam
os dados processados.
A mensagem das fitas
decifra a mensagem

ENSAIO

um homem e seus haveres
um homem e seus deveres
seus segredos microfílmados
seus segredos devassados
um homem um nome
um número."

(Covington, KY)

Domingo, dia de esquecer as máquinas, fugir dos números e computadores, dia de re-humanização do homem-máquina. Ele procura, então, reencontrar-se, reconhecer ao seu redor os seus semelhantes, sentir que há uma outra vida fora das máquinas.

"Doce domingo sem nada a fazer.

No silêncio das máquinas
a massa vai aos piqueniques."

(Detroit, Mich)

Mas, ainda quando param as máquinas, a tranquilidade dos domingos é apenas aparente. Paira no ar um medo mal disfarçado que está em toda parte e em parte nenhuma. Uma presença latente, a guerra de nervos, a guerra de raças, a guerra da cor:

"Mais aquém ou além o perigo se faz.
A massa escura prepara a guerrilha urbana.
Troca por armas o reino do gueto,
sopra um fogo dormido,
acende o coração da América negra."

No domingo, no parque, a tré-gua suposta, então, na calma aparente, "A massa vai aos piqueniques":

"Os comedores de sanduíche aprendem no parque a dominar o domingo. Aprendem a clara lição repetida. E de semana a semana vão ganhando e perdendo a natureza e os seus vazios."

(Cincinnati, Ohio)

É somente nos campos, nos pobres e quase extintos campos, que o ar se modifica, se descontrai aos olhos do homem e, embora hoje, apresentam sempre aquele mesmo bucolismo cantado nas antigas élogos dos cancioneros medievais:

"Um põnei pampa compõe a paisagem e come o seu milho num campo de Ohio

No campo feliz
o ar desta paisagem sem chaminés,
que os automóveis vencem num momento"

O bucolismo do domingo campestre se completa com a presença simplicítria de Os Cortadores de Grama:

"No domingo os cortadores de grama põem na relva as suas máquinas

Nada. Ninguém. Nem a brisa do lago de água doce pode perturbá-los."

Neste rápido estudo de O DIA SEM PRESSÁGIOS, apenas mais uma referência ao estilo de Dóbal que se afirma, definido através das linhas projetadas desde logo, na arte poética do autor de O Tempo Consequente. Ele consegue, como ninguém, os mais sugestivos e agradáveis efeitos rítmicos, sonoros e melódicos, trabalhando com aquela simplicidade que lhe é peculiar as figuras de harmonia e o jogo de palavras. O uso da Paronomásia, pelo poeta piauiense, é uma constante sempre renovada, mercê do seu domínio absoluto do uso da palavra. O recurso poético não cansa pela repetição, ao contrário, se enriquece, graças ao valor significativo e sonoro dos vocábulos tão cuidadosamente empregados. O uso do verso branco e da rima solta dá às formas mais tradicionais da épica ou do soneto um sabor de coisa nova, tão atual quanto um dia sem presságios.

Professor de literatura brasileira da FUFPI e membro do Conselho Petrônio Portella.



Louro, de altura mediana, melenas emendadas na barba bem cuidada, Jules Verne, com seus olhos azuis penetrantes, nasceu em Nantes a 8 de fevereiro de 1828.

Tendo vivido na Terra 77 anos, ainda hoje, ao meu ver, não encontrou similar, a não ser Mr. Arthur Conan Doyle, criador do insígne Sherlock Holmes.

TAMBÉM NO BRASIL

Humberto Guimarães — médico, escritor e pesquisador.

POR: Humberto Guimarães

Estudou Direito em Paris, mas não quis nada com as lides forenses. Seu potencial criativo voava muito mais alto, e dirigiu-se para o romance de aventuras, orientado e inspirado em Alexandre Dumas, pai, a quem conhecera pessoalmente; a exemplo de Charles Dickens, não levava muito a sério seus personagens, tratando-os com muito humor e metendo-os nas mais insólitas situações; entretanto, ao falar de casos de amor, empolgava-se como o espanhol Perez Scrich. Das suas palestras com o cientista viajante Jacques Arago, nasceu o interesse de criar enredos futuristas montados na antecipação técnica, tornando-se, assim, o pai da ficção científica.

O gênio para criar precisa de silêncio. Por isto Verne abandonou a capital francesa e foi viver na província, instalando-se em Amiens, onde veio a morrer em 24 de março de 1905. Portanto faz hoje, cento e cinquenta e seis anos de nascido, tendo morrido há setenta e nove anos. Em Amiens, encerrando no mundo da sua biblioteca, percorreu o mundo inteiro sem nunca fazer uma viagem de verdade, descrevendo a geografia e explorando a Física, a Química, a Astronomia e os demais ramos do conheci-

mento humano, como poucos ou como ninguém o havia feito até então.

Seus romances, originais, sempre foram lidos com muita satisfação, fazendo o leitor participar das mais estranhas aventuras, absorvendo o interesse da juventude sedenta de curiosidades e fantasias com sabor de verdade. Antes de 1900 fora levado muito a sério, mas a evolução tecnológica começou a superá-lo a partir dessa época, de modo que os adultos voltaram-se para a realidade que surgia e não estimularam os seus filhos para o gênio ficcionista.

É verdade que suas obras possuem escasso valor literário; é verdade que os enredos, hoje, são tidos como triviais; é verdade que o estilo é medíocre; é verdade que não há profundidade psicológica, mas nada disto vem a empanar a habilidade do narrador, que teve por mérito sobretudo a divulgação graciosa dos conhecimentos científicos do seu tempo. Na opinião dos críticos seus engenhos (submarinos, foguetes, balões, veículos anfíbios...) não demonstram semelhanças físicas com as invenções posteriores; contudo, lendo-se com atenção os princípios físicos que regem tais engenhos, o seu

desempenho, a maneira mais conveniente de construí-los, o estilo da navegação — naval ou aérea —, percebe-se, que de lá para cá houve apenas aperfeiçoamentos, como foram aperfeiçoados inventos de Da Vinci, como foi aperfeiçoado o 14-Bis de Santos Dumont. Lembremos o submarino do Capitão Nemo, o Nautilus, engolido pelo maelstron ou umbigo do oceano, para ressurgir espantosamente sob a Ilha Misteriosa; lembremos o foguete Columbária disparado de um canhão subterrâneo assentado numa planície da Flórida (que coincidência! Vamos ver a margem de erro para a base da NASA; A Colina das Pedras de Júlio Verne tem situação de 27 graus de latitude norte e cinco graus e sete minutos de longitude oeste; Cabo Canaveral ou Kennedy; 45 graus e quatorze minutos de latitude norte e oitenta e um graus e dezoito minutos de longitude oeste).

A espaçonave Albatroz cruzava os céus dando espetáculos de luz e música, provocando polémicas variadas entre os cidadãos de todos os países. Era um OVNI do começo do século, um antecessor dos nossos, a um tempo misteriosos e familiares discos voadores. O estranho vei-

culo do Senhor do Mundo, saído do Grande Ninho, nos Estados Unidos, voava como águia, corria com a velocidade incrível de mais de duzentos quilômetros horários, e deslizava na água como uma lancha, provocando estupefação nas populações dos lugares por onde passava.

Mas Jules Verne, esse mago das máquinas estrambóticas, era também o grande poeta da ecologia, de sorte que grande parte dos seus livros é dedicada a aventuras nas grandes florestas do planeta, que são desfeitas com a soberbia de quem idolatra a natureza selvagem; e suas histórias sempre trazem o desfecho de uma mensagem de confiança no progresso, da vitória pelo amor, chamando a atenção para perigo dos engenhos em mãos malévolas, e difundindo, repito, os conhecimentos da ciência e da geografia, de maneira aprazível e pitoresca.

Como desmerecer os seus veículos extraordinários por não terem sido tão... aerodinâmicos como os atuais? Funcionavam dentro dos princípios científicos corretos, e foram imaginados sem nenhuma percepção anterior para analogia; analogia existe sim, entre eles e os que vieram depois... por certo neles inspirados.

A VEZ DO BRASIL

Ouvimos dizer que os franceses têm por tradição o não preocupar-se em estudar a história de outros povos, nem geografia de regiões que não a do seu país, posto que, do contrário, estariam ocupando a mente com dados ociosos em detrimento de coisas mais importantes na vida prática. Desculpem os franceses se isto não é verdade: fica no anedotário. Não há dúvida contudo, que Júlio Verne, afora o ler e o escrever, era um sedentário e, certamente por isto, dispunha de tanto tempo para abeberar-se de cultura e aplicá-la nos manejos da fantasia encantadora, pois que o pensamento inquieto desse escrito de aventuras mirabolantes explorava palmo a palmo a geografia do planeta à procura de cenários para suas histórias-empolgantes, elegendo para tanto, preferencialmente as ilhas dos mares do sul (por que Hemingway também se encantará), as soberbas florestas tropicais e até mesmo as geleiras dos confins da terra, quando não o espaço sideral — a tudo explorando com minudência, no perfeccionismo de quem, por si, conhece à grande todos esses recantos.

Naquela época em que eram escassas as informações científicas (tendo-se a ciência como conhecimentos relativos de momentos que se sucedem), em particular das peculiaridades naturais desses países sul-americanos, esse desbravador do exótico vem buscar, através dos parcos informes livrescos e sobretudo de palestras entretidas com navegadores que por cá vieram, nas entranhas da Amazônia, o panorama ideal para desenvolver o enredo do seu livro "A JANGADA", assentando a sua pena no rigor dum conhecedor profundo da região abrangida pelo grande rio.

Começa a sua história com um personagem brasileiro perambulando pela floresta que margeia o rio em regiões peruanas, na aldeia de Iquitos, a margem esquerda da parte do Amazonas que é denominada Maranhão, nas fronteiras com o Equador, "à distância de cinquenta e cinco léguas para o oeste da fronteira brasileira".

Esse personagem é um ex-capitão-do-mato chamado Torres, que ronda a fazenda da conceituada família Garral, cujo cabeça, João, é um português que vivera no Brasil em trabalho de minas e que, tendo sido injustamente acusado do chamado "crime do Tijuco", fora obrigado a desterrar-se, tendo conseguido emprego na fazenda do senhor Magalhães, em Iquitos, e ali, angariando muita confiança, termina por casar-se com a filha única do proprietário, senhorita Iaquita, herdando a fazenda.

Torres conhecera o verdadeiro criminoso que, ao morrer, confiara-lhe um documento-criptografado, ensinando-lhe a chave da leitura, no qual inocenta João da Costa — nome verdadeiro de Garral. Porém Torres, vindo a saber que o acusado estava rico, desejou tirar partido da situação, de algum modo. Tomando chegada veio a saber que João da Costa ou Garral tinha uma linda filha chamada Minha, e firmou ideia de desposá-la em troca da revelação.

Embranhado pelos matos nas cercanias da fazenda, estava a dormir ao pé duma árvore, a lata que continha o papel deixada de lado, quando vem um macaco guariba (barbado ou capelão) e, curioso, pega o objeto e foge ligeiro. Torres, sem arma de fogo, despertando, persegue o mono em vão. Quando, já desesperado, lança impróprios ao bicho que, do alto duma árvore lhe faz caretas, ouve um tiro próximo que vem a abater o animal.

É assim que Torres toma conhecimento com dois capadarias de corso: Bento, filho de Garral, e Manoel, um seu amigo, médico do exército brasileiro, que ali está de férias. Esses moços estudaram juntos na escola de Belém do Pará, mas Bento não se formara em nada, tendo, no entanto, obtido vasta cultura. Por eles Torres vem a saber que João Garral está aprontando uma grande jangada (a nossa balsas) para descer o rio com toda família, até Belém, onde Manoel deverá casar-se com Minha.

Pois bem, o drama desenrola-se desde essa fazenda até o porto de Belém, tendo Torres, à custa de artimanhas, obtido passagem até Manaus, embarcando na aldeia de Tabatinga, onde é jangada de dois pavimentos demorara um dia. Durante a viagem João Garral passa os dias encerrado no seu compartimento a escrever algo, enquanto a embarcação avança lentamente sobre as oitocentas léguas de curso, na estimativa de concluir a viagem ao longo de quatro meses. Quanto aos demais viajantes, começam a desconfiar de Torres — do seu silêncio, do seu jeito esquisito de olhar João Garral, dos seus galanteios para com Minha.

O documento que o chefe escrevera fora entregue a um índio que navegava mais depressa na sua piroga, com destino a Manaus. Era uma longa exposição para um certo juiz Ribeiro, de Manaus, amigo de Garral, com quem este entretinha correspondência desde longa data, e que estava disposto a absolvê-lo. Torres, presenciando esse lance, sem saber do que se tratava, chamou Garral a um particular e fez a chantagem que tinha em mente, não obtendo o resultado que esperava, viu-se obrigado a sair da jangada, deixando todos cientes de que João Garral era realmente João da Costa, antigo condenado por latrocínio. Mas a família, os empregados e o vigário acreditaram nas explicações dadas pelo chefe e estavam agora dispostos a provarem sua inocência, arrebatando de qualquer sorte o documento de Torres.

A partir desse momento os fatos se sucedem com rapidez, posto que até aqui a história vinha sendo antecuada de longos diálogos sobre as ilhas, os afluentes e os peixes do rio, bem co-

mo sobre a fauna e a flora da região do "mar doce", e ainda suas habitantes nativas já em processo de civilização branca.

Chegando a Manaus antes da jangada, Torres denuncia João da Costa, tendo o juiz Ribeiro, dias antes, morrido de apoplexia — acidente vascular cerebral ou o popular derrame cerebral; poderia ser também infarto do miocárdio —, estando a substituí-lo um doutor Jarriguez, que sabia do caso do Tijuco e acreditava na culpabilidade de João da Costa. Acontece que esse juiz gostava muito de jogar xadrez, esclarecer charadas e ler cartas enigmáticas...

João da Costa é preso; o juiz pede instrução à corte quanto a execução da pena; Bento mata Torres num duelo, depois de persegui-lo pelas barrancas do rio Negro, já numa encosta do Amazonas, atirando o corpo no rio; depois é preciso pescar o corpo do fundo do leito para retirar a lata com o documento, que fora no bolso do casaco. Que diabo, o documento era enigmático!

Criptólogo amador, Jarriguez esquece praticamente sua magistratura, para, agora, dedi-

car-se de corpo e alma, dia e noite, a estudar aquela série de retras aparentemente sem sentido. A esse tempo, um inquieto passageiro da jangada, andarilho e barbeiro, saíra de Manaus para um agrupamento de capitães-domato que sabia existir próximo, para investigar sobre Torres e o outro capitão que morrera (o verdadeiro criminoso), vindo a saber apenas que esse outro chamava-se Ortega.

Foi o suficiente. Tão logo o barbeiro Fragoço chegara com o nome, o juiz descobriu as combinações das letras e decifrou o documento, horas antes da execução de João Costa.

Dai por diante, a viagem continua num mar de rosas, para terminar em Belém com muita pompa e alegria.

Vale a pena ler esse livro, não pelo drama em si, mas pelo que nele contém de ilustrativo sobre o Amazonas e a Amazônia

— a terra, a flora, a fauna, o homem, seus usos, seus costumes, suas lendas, sua vida... e, além do mais, pelo atrativo telúrico, porque coisa nossa.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — Mirador Internacional — Enciclopédia — Vol. 20
- 2 — Verne, Júlio — Vinte Mil Léguas Submarinas — Obras Completas — Livraria Jácómo
- 3 — Verne, Júlio — A Ilha Misteriosa — Idem — Ibdem
- 4 — Verne, Júlio — Viagem em Redor da Lua — Idem — Ibdem
- 5 — Verne, Júlio — O Senhor do Mundo — Idem — Ibdem
- 6 — Verne, Júlio — O Farol do Fim do Mundo — Idem — Ibdem
- 7 — Verne, Júlio — Robur, o Conquistador — Idem — Ibdem
- 8 — Verne, Júlio — A Jangada — Idem — Ibdem

LEMBRANDO GARCIA LORCA

Verina Castelo Branco
Da Academia Piauiense de Letras

Como um ofuscante relâmpago, algo muito parecido a um lampejo luminoso, do qual ainda temos nos olhos o resplendor inusitado, eis como o dramaturgo Rafael Alberti definiu o poeta Federico Garcia Lorca.

Poeta subtraído do nosso convívio — através, porém, de uma sentida e bem colhida série de observações de lúcida interpretação, o vate espanhol ainda é chorado pela espiritualidade dos tempos, numa comovida homenagem à sua genialidade.

Foi o poeta para a lírica espanhola, algo de esplendor, no cantar das múltiplas facetas da vida, do sofrimento e da tormenta de uma alma sensível às dores do seu povo, de sua gente.

Nasceu em Fuente Vaqueros, povoação perto de Granada e "em fins de século", como costumava dizer. Em princípio, tinha pendoros musicais, que, mais tarde, colocaria em seus poemas, como ritmos melódicos e dramáticos. Mas, foi na linha Madrid, que a juventude do poeta encontrou paisagem e eco, pelos idos de 1919. Descrevem-no seus biógrafos: "Lorca era um eterno escolar em férias, bem humorado e feliz, até regressar à sua Granada ou para o caça compeste de Fuente Vaqueros". E foi desta gente de sua terra, de sua paisagem alegre e trabalhadora, que o poeta evocou sua Musa. Neste período, Lorca trazia sempre uma novidade criativa no plano teatral ou um viçoso ramo de

poemas, perfumados com aquela maravilhosa Andaluzia oriental, onde lhe coubera ver a luz.

E Madrid começou a ler "Peoma del Cante jundo", "Canciones"; "Fiteres de Cachiporra"; "Mariana Pineda", para depois, surgir "Romancero Gitano" (1928) que o revela a uma das vozes mais insígnies de toda uma nova geração de poetas espanhóis que costaria com nomes tão altos como os de Pedro Salinas, Jorge Guillen, Vicente Alexandre, Gerardo Diego, Luis Cermida...

Em "Romancero Gitano", vamos encontrar as raízes populares de sua poesia, a fonte profunda, úmida e terreal de onde procede todo o restante de seu manancial poético.

Na poesia de Lorca, fazendo de passagem um ligeiro estudo, sentimentos aquela negra angústia, a atmosfera de catástrofe, de ferida ampla e profunda, fluindo pena e ódio, em um palpitante de mistérios, uma oculta neblina de drama, dos quais parece que vai desprender-se um acontecimento inédito, entrecortado, difuso, perdido, sem final. Neste sentido, o "Romancero Sonámbulo" e "Romance de la pena negra", são excelentes exemplos.

Segundo Alberti, "o poeta de Granada colocou sobre as pedras do antigo romancero espanhol, com Juan Ramón e Machado, uma outra maior e mais forte, ao tempo em que deu sustentáculo e coroaamento à velha tradição castelhana". Nos

E. E. U. U. Garcia Lorca publica seu "Poeta em Nueva York", onde ele penetra em cheio no teatro. Decorrem daí, outras obras imortais do vate — "Mariana Pineda", "A sapateira prodigiosa", onde a graça da juventude anunciava um grande poeta cênico, o qual haveria de trazer um novo estretecimento ao teatro espanhol.

Eis em rápidas pinceladas, uma evocação ao grande intelectual de nossos tempos, que desde os dias as primeiras de sua iniciação poética, até seu trágico sacrifício, num obscuro amanhecer de agosto de 1936, deve ser seguida não através do anedótico exterior, mas sim, através do prodigioso acervo de sua ardente poesia.

Ora grácil, ora leve, conforme o ondear da aragem, ora triste e profundamente amarga, ainda como os ventos a sopravam — é ali, onde se deve ver sua imagem viva e atormentada para conhecer a grandeza do seu gênio inflamado, comparável tão somente aos daqueles poetas que seguravam as estrelas de luz "inextinguível no céu infinito dos séculos de ouro da Espanha".

Eis Garcia Lorca — o homem, a força, o poder de conquistar o mundo pela palavra que se alicerçou na oculta magia da obra de arte, apesar do mundo pluralista em que viveu e vivemos nós, mitificado por uns, menosprezado por outros, mas que, afinal, segue seu caminho...

Os Estigmas

Os Estigmas, de Francisco Miguel de Moura, Editora do Escritor, São Paulo, 1984, capa de Luz e Silva, 96 páginas. Trata-se de um romance introspectivo, mas a que não falta a fábula ou a estória, que aqui é arrumada em quadros, alguns deles completos, de maneira a constituírem um bom conto. Eu diria que o livro de Miguel de Moura seria um quarto com tijolos de várias cores, mas que formam um desenho bonito, vistoso. É um livro, melhor dizendo, um romance pungente de vida e de sofrimentos, de dores d'alma, muito mais que físicas, tendo o autor se servido do ambiente de sua narrativa mais para melhor situá-la, ou atrair o leitor, que o ambiente aqui não é verdadeiramente fundamental. Não. Aqui vale mais a alma, o homem intrincado consigo mesmo, com seus fantasmas, suas dores e esperanças e sentimentos de gente que sonha em melhorar, criaturas de carne e osso como nós, pessoas que jamais esqueceremos ou olvidaremos, como Ciro, seu Dodô, Dona Biela, Gracinha, o Joca... **Os Estigmas** é um mundo de mundos, recriado com muita força, com muito cuidado, com muita inteligência, com uma linguagem viva e sacudida, reinventada, e com grande poder de sugerir, muito mais que dizendo, ou seja, com grande capacidade de conotação, o que o torna um livro de difícil leitura, porque precisa da maior atenção. Já se vê por aí que não é um modelo simples. Os diálogos são bem amarrados, espontâneos, naturais. Sabe o autor mono logar sem perder o fio de pensamento de seus personagens, o que constitui um trunfo muito bom no romance, dando autenticidade à vida dos tipos arrolados pelo romancista. Nesta parte, o romance do Sr. Francisco Miguel de Moura marca um tento. Seus personagens têm vida própria, individualidade, filoso-

Magalhães da Costa

fia. Enfim, têm comportamento de pessoas vivas mesmo. São reais por força da invenção, o que quer dizer que temos, logo na estréia do gênero, um bom romancista para formar fila com os poucos que contamos na terra, ou para se juntar, ombro a ombro, com os melhores nossos. Uma estréia valiosa, que deixa sinais, marcas, o cheiro de inovação. Ficaré.

O Salto Sem Trapézio

O Salto sem Trapézio, de Paulo José Cunha. Poemas, vol. 5 da Coleção Lima Barreto, Centro Gráfico do Senado, 1984, capa e ilustrações de Albert Plauí. Sem dúvida um dos melhores livros de poesia aparecido aqui, revelando, logo na estréia, um poeta maduro, dominando bem, e muito bem, essa forma de expressar sentimentos, que é a poesia; de exprimir os sentimentos e as visões mais puras; valorizar as coisas mais simples; de fazer do nada um quadro vivo e real, ou de transformar o verdadeiro num lindo sonho. Paulo José conhece o verso. Bola e rebola com ele, faz o que quer. Sim senhor: Pinta o sete! Borda os canecos! Para

o salto sem trapézio

Poemas



ele, o poema é coisa de manejo fácil, instrumento para o salto, mesmo sem trapézio, no equilíbrio de sua mensagem ou visão, das coisas que o poeta vai encontrando pela vida, o medo atravessado no tempo, em meio às palavras e aos versos, na testa dos poemas, nas costas das coisas apanhadas aqui e acolá, nas asas de ricas inspirações ou de um simples recado. Cada poema tem uma forma, cada verso um sentido, cada palavra um universo. Não gasta letras nem forma vocábulo inútil. Quando salta, salta em cima, grita com o verbo bem conjugado, com o tempo certo, e, se atravessa o corpo, é no espaço, para o salto do outro lado. Ritmo e musicalidade fazem de seus poemas peças de arte bem trabalhadas, mas que não mostram experimento e, sim, coisa acabada, definitiva, eterna. Arte pura, Arte pura também a do ilustrador — Albert Plauí, que enriqueceu, de muito, a obra, formando um livro de poemas visuais à parte, fazendo do livro do Sr. Paulo José Cunha um exemplar belíssimo, do melhor acabamento. Um livro rico, este Poesia que fica, vão ver isso. A obra é prefaciada por gente que sabe o que é poesia — o poeta maior, H. Dobaí, — que ressalta a desigualdade do livro, mas não lhe tira à unidade, que aqui reconhecemos como um todo — a obra de arte em si, este salto dentro da vida.

PROJETO

PETRÔNIO PORTELLA

A Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, através do Conselho Editorial do Projeto Petrônio Portella, constituído pelos professores e escritores — Clidenor de Freitas Santos, José Camilo da Silveira Filho, Carlos Evandro Eulálio, M^a. G. Figueiredo dos Reis e Benjamin do Rego Monteiro aprovaram os livros — Um Manicaca — Abdias Neves, Ciclo do Vaqueiro — Moisés Castelo Branco, Curral de Assombrações — Fontes Ibiapina, Poemático — coletânea de autores piauienses — município do Piauí — José Patricio Franco que serão editados por essa secretaria.

PROJETO PIRAJÁ

Com a presença de representantes da Secretaria de Educação, da Universidade Federal do Piauí e do Ministério de Educação e Cultura, realizou-se no dia 25 de setembro uma reunião com o objetivo de discutir os três anos do Projeto Pirajá e sua ampliação nas cidades de Corrente e Amarante. Reunião sob o comando do Secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Jesualdo Cavalcanti Barros.

RESULTADO DO CONCURSO DE CONTOS "JOÃO PINHEIRO"

Os classificados no IV Concurso de Contos "João Pinheiro", promovido pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, através da Fundação Cultural do Piauí, foram os seguintes: 1º lugar — Airton Sampaio (Pacto com a Lua); 2º lugar — José Pereira Bezerra (O Linho na Trilha Traçoieira da Madrugada); 3º lugar — Francisco Miguel de Moura (Não Existe Volta). A comissão julgadora indicou para a publicação, os contos: A Revolução das Almas, de Antonio de Pádua Ribeiro dos Santos, Corte de Palha, de Magalhães da Costa; Aves de Arribação, de Valdeciro Teles Veras; Heróis Anônimos, de Antonio Vasconcelos Pacheco; O Metro, de José de Ribamar de Sousa; O Insone de Elias Paz e Silva. Os trabalhos serão reunidos em livro, a exemplo do que ocorreu com o anterior.

Como membros do júri do Concurso de Contos "João Pinheiro" tivemos a Profa. Ana Maria do Rego Monteiro, Prof. Fabiano de Cristo e o escritor Pedro Celestino.

VENCEDORES DO CONCURSO JÔNATAS BATISTA

Saíram vencedores no I Concurso de Teatro "Jônatas Batista" promovido pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, os teatrologos Aci Campelo com o texto O Auto do Corisco (1º lugar) e Wellington da Silva Sampaio com o texto Magismo Transcendental (2º lugar). Segundo o Secretário Jesualdo Cavalcanti Barros, os dois classificados receberam da Secretaria de Cultura, Desportos e

Turismo, 1 milhão de cruzeiros, como ajuda de custo para a montagem e encenação. A primeira parcela, de 70%, será liberada na ocasião da assinatura do compromisso de montagem e encenação, e a segunda, de 30%, após a primeira apresentação. A comissão julgadora foi formada pelos teatrologos José Afonso de Araújo Lima, Tarciso Prado e José Gomes Campos.



Trecho da antiga rua Rui Barbosa sul

EXPOSIÇÃO DE PINTURA

Foi realizado no período de 14 a 31 de agosto p.p., na galeria do Museu do Piauí, a exposição de pintura que teve como tema — *Teresina Ainda Menina* como parte das comemorações do 132º aniversário de Teresina. A mostra, segundo o artista plástico piauiense Emílio Setubal, restitui uma parte de nossa história passada que o progresso aos poucos corrói, descharacterizando, desrespeitando a harmonia das construções antigas em detrimento dos prédios mais

modernos. Entre as telas se destacaram: — a antiga rua Álvaro Mendes, a antiga rua Simplicio Mendes, a antiga rua Teodoro Pacheco, a antiga Praça da Bandeira que tem o marco de fundação de Teresina, fundada pelo conselheiro Saraiva, em 1852; a enchente de 1926, o antigo largo da Igreja de São Benedito. O evento recebeu o apoio da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, Museu do Piauí, Casa Continental, Sociomol, e Brahma.

2ª Reunião da Comissão do Centenário Da Costa e Silva

No dia 28 de agosto de 1984, no Gabinete do Secretário de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí, esteve reunida pela segunda vez, a COMISSÃO ENCARREGADA DE PROMOVER AS COMEMORAÇÕES ALUSIVAS AO CENTENÁRIO DO NOSSO POETA MAIOR. Estiveram presentes: Deputado Jesualdo Cavalcanti Barros (Secretário de Cultura); Lena Monteiro (Subsecretária de Cultura); Átila de Freitas Lira (Secretário de Educação); Prof. Manoel Paulo Nunes (Crítico e ensaísta); Prof. Arimatéia Tito Filho (Presidente da Academia Piauiense de Letras); Pompílio Santos (escritor); Prof^a Lina Celso da Universidade Federal do Piauí; Ricardo Costa Pinto (Representante do MEC); Francisco Câmara (Prefeito de Amarante), entre outros.

Na oportunidade foram debatidas várias particularidades da vida do grande vate piauiense. Mesmo não comparecendo, o Embaixador e poeta Alberto Da Costa e Silva se fez representar através de suas pesquisas realizadas em Revistas e Jornais do Rio de Janeiro, onde o poeta Da Costa e Silva (para a surpresa de todos) escreveu artigos sobre pintores modernos como Di Cavalcanti e sobre a Economia Nacional (abordando a nossa dívida externa).

No seu pronunciamento, o Secretário de Cultura, falou sobre a Medalha do Mérito Cultural, que, será cunhada em forma de disco de 30 mm de diâmetro e contará no anverso com o Brasão do Estado circundado pela legenda "Com o reconhecimento do Piauí" e no verso a efígie do Antônio Francisco Da Costa e Silva.

Na Reunião foram tomadas as seguintes deliberações:

- Lançamento de um disco do centenário com as poesias de Da Costa e Silva musicadas;
- Lançamento de um Livro de Cordel sobre o Poeta;
- O Departamento de Letras da Universidade Federal do Piauí, na Disciplina Português Mono-

gráfico, no primeiro semestre de 85, será focalizado o poeta Da Costa e Silva. Convém salientar que é o primeiro poeta piauiense a ser estudado na referida disciplina.

- O Departamento de Artes da Universidade Federal do Piauí promoverá concursos de caricaturas de Da Costa e Silva e Retrato Livre sobre o Poeta;
- Os piauienses; Senador Helvídio Nunes e Deputado Flávio Marcílio, se prontificaram a fa-

zer pronunciamentos sobre o CENTENÁRIO e a importância poética de Da Costa e Silva;

- Na oportunidade foi acertado o lançamento da Revista Presença Edição Especial, exclusivamente sobre "Da Costa e Silva", que sairá provavelmente no próximo mês de dezembro;
- Novamente foi discutido o lançamento de um livro didático com as principais poesias do vate amarantino. Este livro será entregue no início do ano letivo de 1985.



Hotel Rimo de Corrente — Governador Hugo Napoleão e Secretário Jesualdo Cavalcanti Barros em ato de inauguração.

INAUGURADO HOTEL RIMO DE CORRENTE

O Setor de Serviços Hoteleiro do Piauí ganhou o Hotel Rimo de Corrente, construído com recursos que totalizam Cr\$ 75 milhões provenientes do Governo do Estado e da Embratur. Com 18 apartamentos e uma piscina, o hotel é parte de um plano que pretende suprir as regiões carentes naquele setor e que apresenta os municípios de

Pedro II, Canto do Buriti, Oeiras, Esperantina e São Raimundo Nonato como prosseguimento de um cronograma de ação que teve ini-

cio com a reforma total do Hotel Atalaia de Luiz Correia.

A inauguração, ocorrida durante a instalação do Governo do Estado naquela cidade, contou com a presença de todo o escalão do Governo, demais autoridades convidadas e a presença maciça da comunidade de Corrente.

Ao Secretário Jesualdo Cavalcanti, que teve a iniciativa, pelo fato da Rede RIMO ser vinculada à Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, coube aplausos pela obra.

HOTEL ATALAIA CRIA O "PACOTE TURÍSTICO"

A distância que une as belas praias e formações naturais do litoral piauiense aos seus turistas agora pode ser diminuída através da utilização do "pacote turístico", iniciativa do Hotel Pousada Atalaia que se propõe a hospedar visitantes com direito a transporte, café da manhã, almoço, jantar e passeios atraentes por Parnaíba e Luiz Correia. Além de usufruir dessas vantagens, o hóspede tem seu final de semana agradávelmente dilatado entre sexta-feira e domingo pagando apenas Cr\$ 50 mil, em

duas parcelas: a metade no momento da reserva e a outra dentro de trinta dias.

O Hotel Pousada Atalaia da cidade de Luiz Correia, pertence à Rede Integrada de Hotéis e Motéis do Piauí S.A.

— RIMO, vinculada à Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo e vem sendo em prática uma política de valorização e difusão do turismo piauiense com empreendimentos que fariam bem mais acessível o intercâmbio cultural e de divisas.

NOVO PERFIL DO TEATRO PIAUIENSE

(III)

POR: Aci Campelo

A troca de nome Festival para Mostra fez-se de uma maneira quase imperceptível, sem uma discussão mais ampla. É tanto que os grupos que participaram do II Festival não perceberam essa mudança, pois mesmo o II Festival já vinha com o rótulo de II Mostra de Teatro Amador do Piauí. As pessoas continuavam com aquele espírito competitivo, peculiar aos festivais, ainda que, fora o auxílio montagem, não houvesse premiação. Acreditamos que a troca de nomes quebrou um pouco aquela euforia anterior. Mas essa, talvez, fosse a intenção. Quebrar o espírito competitivo. O evento seria apenas uma amostragem dos espetáculos produzidos pelos grupos amadores, com análise e debates acerca do fazer teatral do grupo. Nós o consideramos realmente como mostra somente a partir da

realização da III Mostra de Teatro Amador do Piauí, acontecida em Monsenhor Gil.

AS MOSTRAS TEATRAIS

Com o embalo das produções teatrais, o teatro piauiense estava em pleno vapor, em 1979. Eram espetáculos frágeis, é verdade. Porém, existia a vontade de fazer, de mostrar. E isto é essencial para que se possa atingir um amadurecimento maior, ainda mais em se tratando de um processo artístico dinâmico como o teatro, que não sobrevive de teorias, mas do produto, ou seja, a peça mostrada e vivida no palco, por atores, de onde se possa analisar a sua validade como elemento plástico e transformador. É a partir de 1979, também, que começaram a

surgir uma gama de pecinhas infantis invadindo o teatro 4 de Setembro. São espetáculos, se se pode chamá-los assim, produzidos por pessoas ditas independentes, principalmente de educandários pré-escolares, peças que nada dizem à criança, muito pelo contrário, tolem sua capacidade e sua criatividade. Aliás, a Federação do Teatro Amador, na época, alertou os pais, em carta aberta, sobre o efeito desse tipo de peças na formação do gosto da criança. Peças que não passavam de distribuição de bombons e brindes para as crianças, em detrimento de boas peças apresentadas no Teatro, pois deformavam o gosto da criança, que já ia ao teatro em busca de brindes. Coisa seríssima. Afinal, trata-se de formação de plástica, um dos trabalhos mais urgentes que tem que ser feito em Teresi-



TEATRO

nã, porque, infelizmente, as crianças piauienses, culturalmente, estão relegadas.

Quando sai o regulamento da III Mostra, surge o que fora motivo de longos debates do movimento amador, a proposta de levar o evento para o interior do Estado. A cidade escolhida foi Monsenhor Gil, devido a vários fatores, entre os quais o apoio incondicional de pessoas influentes da cidade. Na realidade, não obstante as críticas, a proposta da Federação era por demais interessante, pois os dois últimos eventos realizados em Teresina não tinham atingido o efeito desejado, nem em relação a público, nem à participação efetiva do próprio artista, preocupado em afazeres particulares. Sendo a Mostra no interior, os artistas fariam uma participação mais ativa, pois conviveriam diariamente, seja através dos debates, dos seminários ou das palestras constantes da programação da Mostra. Com esta perspectiva, realizou-se de 1 a 4 de novembro de 1979, na cidade de Monsenhor Gil, Piauí, a III Mostra do Teatro Amador. Fazendo-se uma retrospectiva, esta foi, sem dúvida alguma, a melhor experiência realizada até hoje, em termos de mostra teatral. Além de espetáculos, debates e palestras, houve a interação comunidade-artistas amadores, culminando com um jogo de futebol do time da cidade contra os amadores. Participaram da III Mostra: Grupo Raízes, com "Atribuição", de Aci Campelo; Grupo Pesquisa, com a "Guerra dos Cupins", de Afonso Lima; Grupo Raízes, com "Chiquinha", de Aci Campelo e Williams Martins; Frederico Ozanan, com "Onclida e Zé Busca Pé", de João Jorge Amador; Grupo Nazi Castro, com "A Lenda do Cavalo Piancó", de Virgílio Madeira; Grupo Nazaré, com "Coelhinho da Páscoa", de Wilson Gomes; Grupo Beleza, com "O Natal das Crianças Orfãs", de Wellington Sampaio, e Grumochoa, com "Dramas Populares".

De retorno a Teresina, o Grupo Raízes e o Grutepe viaja para Feira de Santana, Bahia, para o III Festival de Teatro Universitário de Feira de Santana. Em fevereiro de 1980, realiza-se o II Seminário de Teatro Amador do Piauí. Este seminário era uma retomada do primeiro, agora com uma preocupação dos amadores em discutir o espaço ocupado em Teresina, a falta de público para os espetáculos da terra, a questão de uma sede própria, assim como a infra-estrutura dos grupos. Precisa-se procurar alternativas fora dos órgãos públicos oficiais, trabalhar com os recursos de que se dispõe, tanto no campo econômico como humano. E é a partir do conhecimento dessa realidade mostrada pelo Seminário que nasce um grande projeto, a melhor proposta de se

busca uma alternativa capaz de mudar o panorama do teatro local. Trata-se projeto Encontros: Séries Leituras Dramáticas.

As Séries foram propostas pelo Grupo Raízes e Grutepe, com o apoio da Federação e numa concepção de José da Providência. E as "Séries Encontros: Leituras Dramáticas" começaram em março. Era um programa quinzenal e constava de um tema específico escolhido a partir da necessidade do meio e de uma leitura dramática, seguida de debate da peça, dando-se prioridade ao autor local. A coordenação era composta por Afonso Miguel, Aci Campelo, José da Providência, Fábio Costa, tendo como diretor de leitura Williams Martins. Foram realizados 4 encontros. O primeiro, com o tema "Federação do Teatro Amador" e o texto "Armados na Boca", de Augusto Neto; No segundo, deu-se continuidade ao tema. A leitura dramática foi "O circo desmontado", de Raimundo Dias; no terceiro, discutiu-se "Estrutura e Liderança de Grupo", e o texto foi "Pau a Pau" de Aci Campelo. No último, deu-se continuidade ao tema e a leitura dramática foi do texto "Saci-Pererê Contra os Índios Fura-Fura", de Venâncio do Parque, realizado no Parque Piauí. Os encontros não prosseguiram, por falta de interesse dos grupos envolvidos, assim como do próprio meio amador. Mas foi a partir daí que se ficou conhecendo realmente a origem do movimento federativo e a fragilidade em que ele se encontrava, coisa que interessou a pouca gente. Foi quando começou-se a debater, também, o Teatro 4 de Setembro e o seu papel no desenvolvimento do teatro amador, já que os grupos pareciam visar unicamente apresentar-se ali. Para nós é um erro primário, claro, que los grupos devam pensar em se apresentar no Teatro, no entanto, eles fazem espetáculo dirigidas a certas platéias que não frequentam o Teatro 4 de Setembro. Assim, ficam sem público. O que deveria haver era um questionamento maior do grupo, uma auto-crítica, sem censura, mas analisando suas reais condições tanto artística, como econômicas, porque, sem dúvida alguma, o Teatro 4 de Setembro requer produções melhores, de melhor acabamento. E quem está disposto a produzir teatro no Piauí?

Em julho, a Federação participa da 1ª Feira do Povo de Amarante, coordenada por Virgílio Madeira. Vão à Amarante todos os conselheiros de Grupos filiados à FETAPI e, numa Assembléia, acertam a realização da IV Mostra para o interior do Estado, a cidade ainda a escolher. Firmam um documento e encaminham ao Secretário de Cultura, Wilson Brandão, e à Diretora de Assuntos Culturais, Luiza Vitória Tajra. O documento criticava a dire-

ção do Teatro 4 de Setembro e buscava uma reunião com o secretário de Cultura e a classe amadora. Desde reunião resulta, praticamente a saída do terreno Brasileiro da direção do Teatro. Em agosto, o Grutepe participa, em Salvador, juntamente com vários pessoas do meio amador, do I Fórum Nacional de Teatro. Acontecimento grandioso, com a presença de Augusto Bual e do Peter Brook, um dos maiores ditosores de teatro do mundo. Do Piauí, foi como conferenciante o professor Paulo de Tarso Libório, que falou sobre o tema "Técnicas Teatral na Atividade Escolar". Nesse período, dá-se um movimento no movimento teatral local. E só melhora quando retoma, depois de muito silêncio, o Grupo Teste de Espetáculos, com a peça "O Príncipe do Piauí" de Benjamim Santos, sob a direção de Tarácio Prado.

O Grupo Teste trazia uma produção arrojada, bem dirigida e que lotara o Teatro 4 de Setembro no dia de estréia, não se sabe se pela presença da global Regina Duarte ou de outros fatores. A verdade é que Tarácio fez um espetáculo bonito, alegre e bem acabado. O importante, também, é que o Grupo, repleto de muitos elementos, vinha com grande vontade de participar do movimento amador. Começava nova fase de euforia. E como a FETAPI parecia esvaziada e precisava se agilizar a IV Mostra, que seria realizada em Parnaíba, o conselho diretor se reuniu e pediu a demissão do presidente Assaf Campelo e de outros membros da Diretoria. O resultado da reunião do Conselho deu-se em Assembléia Geral da classe, a 5 de dezembro de 1980. Eram afastados, além do presidente, o tesoureiro Raimundo Dias e o 2º Secretário Fábio Costa. Com eleição de novos membros, a diretoria ficou composta por: Afonso Lima, presidente; José da Providência, vice; Aci Campelo, secretário (mantido no cargo); Lari Sales, 2º Secretária; Afonso Miguel, Tesoureiro; Williams Martins, 2º. Com isto, a IV Mostra marcada para o início de dezembro é adiada para o final do mês.

A IV Mostra de Teatro Amador abriu-se com uma grande passeata pelas ruas de Parnaíba. As duras penas, a Federação conseguiu chegar lá. Foram muitas viagens de contatos com órgãos culturais, prefeitura municipal e, até mesmo, um pedido de ajuda ao governo do Estado, para viabilizar o evento. O resultado foi mostrado em espetáculos, debates, oficinas e seminários. Um dos fatores mais importante foi a participação de Tarácio Prado e Santana e Silva que, assim, juntavam-se aos novos que estavam começando a fazer teatro. As apresentações aconteceram nos auditórios do SESI e do São Luiz Gonzaga. Pre-

tipicaram os seguintes Grupos: Santana e Silva ("Eu chovei, Tu Chovei, Ele Chovei", de Sílvia Orloff); Teste ("O Príncipe do Piauí", de Benjamim Santos); Nazaré ("O Chico e a Seca", de Wilson Gomes); Bezele ("A Vida do Serranito", de Wellington Sampaio); Teatro Amador Parnaibano ("Ao Fim da Tempestade", de Paulo de Torsoli); E "Grumochôa com os Salvados", de Ací Campelo).

Numa análise mais apurada, realizada pela diretoria da Federação já em Teresina, onde pouca notícia tinha chegado da Mostra, chegou-se à conclusão do elevado custo de se fazer Mostra no interior do Estado. Além disso, não havia infraestrutura nas cidades, portanto, tratava-se de uma aventura. A única garantia da Federação era a verba do S.N.T., hoje, Instituto Nacional de Artes Cênicas. E o que mais dificulta é o fato de em poucas cidades do Piauí existir movimento teatral e, quando existe, é primitivo e totalmente desarticulado, como é o caso de Parnaíba.

A Federação passa a debater a pauta do II Congresso de Teatro Amador Brasileiro, a realizar-se em São Paulo, de 28 de Janeiro a 1º de fevereiro de 1981. Os delegados do Piauí, eleitos em Assembleia Geral, são: Afonso Miguel, Ací Campelo, Afonso Lima, José da Providência e Williams Martins. Para o Congresso, levamos uma proposta da regionalização da entidade nacional, a fim de descentralizá-la do eixo Rio-São Paulo. As regionais seriam, não por divisão geográficas, mas por afinidades culturais, proposta esta que não foi bem defendida, ficando para ser analisada em outros encontros. Hoje, graças ao Piauí, a Confederação é regionalizada. Na mesma época do Congresso, iria acontecer o I Encontro de Arte Independente, também em São Paulo. Logo se fizeram os contatos e as inscrições para a participação do Piauí: O Grupo Teste, com o "Príncipe do Piauí" e o Grupepe, com "A Guerra dos Cupins". Viajamos para São Paulo 23 pessoas numa aventura tipicamente mambembe, uma maravilha de experiência sob todos os aspectos. De São Paulo, trazíamos Afonso Lima como suplente à Diretoria da Confederação Nacional de Teatro Amador e que, logo depois, passaria para vice-presidente, com a morte do presidente da entidade, José Carlos Bezerra, num desastre aéreo e, também, a certeza que o teatro feito no Piauí era um dos melhores do Brasil. O I Encontro Brasileiro de Arte Independente teve leituras dignas de notas e outros do mais alto repúdio.

Todos de volta à Teresina, o teatro amador tinha muito o que fazer. A Federação convoca todos os grupos para uma comemoração ao dia internacional do teatro, (27 de mar-



Manifesto Pau Baço

ção de 1981). Sai um espetáculo coletivo "Ser ou Não Ser: Eis a Dramática", uma coisa descontraída e de grande energia, uma experiência que levantou o astral de todo mundo. Também, numa promoção da Federação, vem a Teresina o Grupo Ponto de Partida, da Universidade Federal do Espírito Santo, com a peça "No Reino do Rei Reinante".

A Confederação Nacional de Teatro alerta os artistas para a luta em prol da criação da Fundação Nacional de Arte Cênica, uma luta encampada por todos os artistas do Brasil, desde a realização do I Seminário Nacional de Artes Cênicas, acontecido na Aldeia de Arcozelo, Rio de Janeiro, de 19 a 22 de janeiro de 1979. Dessa luta, resultou a transformação do antigo Serviço Nacional de Teatro em Instituto Nacional de Artes Cênicas, englobando teatro, dança, circo e áreas afins. O Grupo Raízes estréia em julho a peça "Mata-Me Com Teus Beljos", de Rubens Lima. O Teatro Parnaibano de Comédia se apresenta em Teresina com "Canção de Fogo", dirigida por José Guido. É um período de euforia. Nessa época acontece o "Manifesto Pau-Baço ou Heliotropista Positivo", do pessoal de música, em que se envolveram pessoas de teatro. Aqui abre espaço para uma pequena explicação, já que o doutor Viriato Campelo, um dos manifestantes, me acusou de ficar contra o manifesto. Acontece que o manifesto não era da classe artística, como se disse, e sim de uma minoria descontente, principalmente, com a desclassificação do músico e cantor Gerardo Brito do primeiro projeto Torquato Neto, coisa que nós também éramos, pois Geraldi-

nho não mereceu ser desclassificado. Segundo, o teatro amador estava abrindo espaços junto aos órgãos oficiais de cultura, visando a realização da V Mostra. E como o manifesto vinha sem o apoio total dos músicos inclusive, recebendo muitas críticas dos próprios músicos envolvidos no projeto Torquato Neto e, também, um tanto desestruturadora, pois não houvera reunião conjunta, nem explicação de objetivos, resolvemos não participar. Lembrou-me que a decisão partiu depois de uma reunião da Federação, de diretoria executiva, onde a maioria resolveu não integrar o Manifesto, isto pouco antes do evento acontecer. Mas também não se impediu ninguém de participar, ficava livre para quem quisesse. E lá estavam Afonso Miguel, Williams Martins (da diretoria executiva), Tarciso Prado e muitos outros de teatro. Aliás, o Manifesto só aconteceu na causa dos artistas amadores. E nós tivemos uma grande decepção quando assistimos ao espetáculo Manifesto. Isto porque estávamos junto ao secretário de cultura Wilson Brandão e, terminada a apresentação, ele se levantou, bateu palmas, disse muito bem e sentou-se novamente. Houve um zum-zum danado. Eu, José da Providência e Santana e Silva não fizemos mais a palestra sobre o aniversário do Teatro, e ficou por isso mesmo. Lembro que um editor de um jornal veio dar uma página para que baixássemos o pau nos manifestantes, coisa que recusamos. Depois houve alguma repressão e ninguém falou no assunto.

Nesse clima todo, estava sendo preparada a realização da V Mostra de Teatro Amador do Piauí.

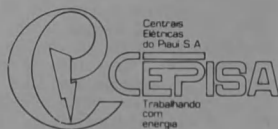
CEPISA

**20 anos trabalhando com
energia**



**ATENDIMENTO AOS CONSUMIDORES
PELO TELEFONE 222-1616**

**Dinamização do atendimento através de
terminais de vídeo ligados aos computador.
Pioneirismo da CEPISA, como Empresa do Governo
do Estado em modernizar o atendimento ao público.**



Bugyja Britto

Vida e Obra



— Não me é fácil a mim dizer algo sobre a minha vida.

— Um medo de cair em exageros ao depor e ainda a pobreza de realces de que possa revestir-se a minha existência levam-me a rabiscar, agora, as linhas que se seguem para figurar nesta *enquette* da Revista *Presença*, que busca, numa difusão de biografias, apurar a formação social e cultural de piauienses vitoriosos nos campos das letras e da função pública.

— Inicialmente tenho a dizer que nasci em Oeiras a 21 de maio de 1907, e da ex-metrópole piauiense guardo inesquecíveis recordações.

A minha primeira meninice decorreu na cidade natal.

Oeirense foi a maior parte dos meus antepassados.

Os Britto têm 200 anos da região, sendo que o meu primeiro ascendente foi João Borges Marinho de Britto, tenente-coronel de cavalaria sediada na cidade de Chaves (norte de Portugal) e donde ele era natural.

— O Coronel Marinho — como era assim conhecido — elemento ligado à Coroa lusitana por serviços prestados à sua Pátria recebera, possivelmente como recompensa, terras para fixar-se, então, na recém-criada Capitania de São José do Piauí.

Era da política sadia e acertada do Governo Português, no tempo da atuação do Conde de Oeiras (depois Marquês de Pombal), Sebastião José de Carvalho e Melo, a preocupação de povoamento da antiga Colônia, razão por que, de uma arrancada ou diferença de pouco tempo, vieram, por exemplo, 4.000 emigrantes para o Brasil, 2.000 para o Pará e 2.000 para o Rio Grande do Sul.

Assim, o antigo Piagohy pudeira receber, também, emigrantes para o povoamento, eis que a respeito da região havia uma tradição, quanto ao criatório, deixada pelo bandeirante Domingos Afonso Mafrense, que, em fim do século XVII, foi possuidor de um imenso rebanho, propagado em virtude da excelência das pastagens.

A tradição provinha igualmente de informações dos jesuítas, que tinham feito aprazíveis referências, como é o exemplo dado pelo Padre José Morais, autor da *História da Companhia de Jesus*, que em 1758, pouco antes da criação da Capitania de São José do Piauí escrevia, referindo-se a Oeiras: "A vila está fundada no meio dos sertões cingida de vastíssimos e abundantes campinas de gado

DEPOIMENTO

vacum e cavalos, de que se provê uma grande parte as Capitâneas do Brasil, podendo abranger muito mais a sua fecundidade, se, como são fáceis no produzir, o possuem as suas conduções" (refere-se a transportes, compreendendo, como é óbvio, a estradas e gente).

— Um neto do Coronel Marinho foi Raymundo de Souza Brito, que faleceu em 1842 e que foi um dos meus bisavós.

Raymundo, como é da tradição piauiense, foi senhor de uma grande fortuna, compreendendo umas 15 mil cabeças de gado vacum, muitos escravos e terras que compunham Datas e Sesmarias, tais como Sussuapara, Riachão, Arroadeiro, Bocaina, etc.

Das terras se destacou a *Bocaina*, que atualmente é município autônomo, e onde se fizeram várias benfeitorias, desde a construção duma capela e de um cemitério até soltas ou cercados de pedras.

— Aos Britto se miscigenaram outras famílias, tais como os Pereira da Silva e Vieira de Sá.

A formação da família Vieira de Sá é originada por uma índia jaicó e por Domingos Vieira de Sá, capitão de cavalaria do exército português, pertencente às tropas de Fidié, as quais se tinham aquartelado em Oeiras no mês de agosto do ano de 1822.

— No meu sangue corre também o sangue de elementos cearenses.

Minha mãe era cearense, nascida que foi no Icó a 24 de novembro de 1886 e falecida em Teresina a 18 de janeiro de 1983, com quase 97 anos de idade.

Professora de música, pianista e compositora e ainda senhora de prendas domésticas, teve ascendentes nestas famílias do Ceará: Monteiro, Bugyja, Cavalcanti e Oliveira Bastos.

Ela viera para Oeiras em 1902 com o seu pai João Hermes Monteiro Bugyja, casara-se em julho de 1906 com o meu pai que se chamou Raymundo de Souza Britto (não confundir os dois Raymundos aqui citados: um é bisavô e o outro é pai).

— O meu avô paterno era Benedito de Souza Britto e a avó Ubelina Pereira da Silva Britto.

O primeiro nasceu a 7 de março de 1835, em Oeiras, e faleceu a 29 de agosto de 1913, também em Oeiras, e a segunda, nascida em Oeiras a 21 de agosto de 1852 e falecida a 20 de março de 1923, em Teresina.

Convivi com ambos recebendo belos exemplos morais e doces aconchegos domésticos.

Com o avô Benedito a convivência foi até quando eu tinha 6

anos e 3 meses de idade; ele gostava, desde que eu completara 5 anos e meio, dar-me explicações de latim; embora eu não entendesse de um modo geral a explicação, nunca saíram de mim, até hoje, sons que dão a pronúncia de várias palavras.

Britto era professor, latinista, advogado e helenista (veja-se sobre ele as opiniões de Higinio Cunha e Abdias Neves, constantes do meu livro *Narrativas Autobiográficas*, de 1977, e ainda de Abimael Clementino, expressa no livro *O Admirável Pedro Britto*, de 1982 — trabalho organizado pela Academia Piauiense de Letras e por membros da família Britto).

— Mas Raymundo de Souza Britto e Benedito de Souza Britto, um meu bisavô e o outro meu avô pelo lado paterno, são duas figuras de devotados piauienses, o primeiro, sertanejo rico e patriota estremado é um dos coadjuvantes das lutas emancipacionistas de 1822/23 do Piauí, porquanto forneceu ao seu amigo e compadre, Brigadeiro Manoel de Souza Martins, o Chefe, altos recursos materiais, expressos em animais dos seus rebanhos, mantimentos da sua lavoura e gente do seu próprio sangue, eis que, cinco dos seus filhos mais velhos, rebentos do seu primeiro matrimônio (ele fora casado 3 vezes), serviram como soldados na campanha da Independência; o segundo, homem de letras e político, tenente-coronel da Guarda Nacional e possuidor de recursos financeiros, uma vez que herdara bastante do seu pai, Raymundo, teve o patriotismo de, às suas próprias, auxiliar a Província piauiense; armando homens e contribuindo para ajudar, com dinheiro, as despesas de preparação para a campanha do Paraguai, fez o seu papel de patriota destemido; ele próprio preparou-se para partir rumo ao sul do país no posto de tenente-coronel, comandando o batalhão que organizara com a permissão do governo provincial; não realizou esse seu desejo porque a primeiro de março de 1870, quando tudo já estava preparado para viajar, a Guerra do Paraguai teve o seu término.

— Os meus avós maternos, o musicista João Hermes Monteiro Bugyja e a professora Francisca Cavalcanti de Oliveira Bastos estão enterrados em Oeiras; o primeiro faleceu, assassinado, a 17 de julho de 1904, e a segunda, que eu conheci pessoalmente, faleceu a 17 de dezembro de 1914.

Em março de 1915 a minha família, na ocasião constituída do meu pai, minha mãe e de 4 irmãos mudou-se para Teresina, aonde já residiam os meus tios Pedro Britto e Benedito Britto Filho.

Em Teresina passei a minha segunda infância e parte da minha adolescência.

Fiz preparatórios no antigo Liceu Piauiense e deixei a Cidade das Acácias Floridas em 1930 rumo à Recife para tomar posse em emprego de Fazenda e continuar a meu curso jurídico, que eu começara em São Luiz do Maranhão, em 1929.

II

Vê-se do apanhado atrás descrito neste Depoimento que tive dois ascendentes dispostos de largos haveres.

Não obstante isso, eu fui um elemento dos Britto de condições pobríssimas.

Até à minha pessoa não chegaram, de herança, recursos pecuniários, de forma que tive de lutar desde cedo, não somente para a minha sobrevivência, como para favorecer a minha mãe e 5 irmãos menores.

Meu pai faleceu em 30 de novembro de 1926, quando eu, o mais velho, tinha 19 anos de idade; ele era muito pobre e não poderia educar, por certo, nenhum dos filhos.

Mesmo antes da morte de meu pai, — este chamou-se Raymundo de Souza Britto, — eu já tinha assumido obrigações domésticas, trabalhando para ajudar a manutenção da casa.

Fui suplente de Carteiro dos Telégrafos (1921), fui empregado de botequim em 1922 (o da Praça Rio Branco, de propriedade de José Coriolano de Castro Lima), fui professor de primeiras letras nos subúrbios de Teresina, em horas vagas que podia obter em 1922/23.

O emprego do botequim era à noite, pois ia de 7 horas até a uma hora da madrugada.

Ao lado desses encargos eu costumava ajudar, em casa, a minha mãe nos afazeres da cozinha e nos cuidados aos irmãos pequenos.

Em 1925, no interior do Estado, fui roceiro e ajudante de vaqueiro.

— Em 1921 eu fiz, em Teresina, exame de admissão para o Liceu Piauiense e matriculei-me no 1º ano, que cursei.

Em 1922, porém, quando teria de cursar o 2º ano, tive de abandonar o Liceu.

E que a madureza obrigaria-me ao comparecimento às aulas, que eu não poderia frequentar dado o tempo que me era exigido.

E por ter abandonado a madureza tive de fazer avulsamente, em anos depois, os preparatórios necessários à complementação do curso de humanidades.

DEPOIMENTO

— De 1º de agosto de 1926 a 5 de novembro de 1930 eu tive as seguintes atividades, além das que já foram descritas: revisor do "O Piauí", órgão dos poderes públicos do Estado (Jornal oficial), 2º escritório interino, por 6 vezes, da Secretaria do Governo, pro-rata da Administração de Correios do Piauí e, em seguida, em virtude de concurso público, Auxiliar de Amanuense.

Fiz, em Teresina, os seguintes concursos: para os Correios, para o Banco do Brasil e para empregos de Fazenda.

— Eu tinha muita vontade de seguir a carreira militar.

A falta absoluta de recursos financeiros para me locomover rumo ao Rio de Janeiro ou mesmo para Fortaleza (Ceará), e ainda por eu ser arrimo de família, não podendo portanto abandonar o Piauí, fui frustrado na minha intenção.

Mas sou reservista do Exército pelo Tiro de Guerra nº 79, de Teresina, tendo jurado bandeira a 21 de abril de 1927.

— Mesmo com os meus esforços, ocupando os cargos e exercendo as funções já referidas, o que eu auferia materialmente era insuficiente para uma normal manutenção; os irmãos eram cinco, de forma que a educação deles e a respectiva subsistência tornavam-se pesadas; houve dias e dias que não tínhamos dinheiro para as refeições comuns.

Minha mãe ajudava as despesas, mas o que ela ganhava era pouco, não dando para que fossem resolvidas as necessidades.

Professora particular de piano, dava aulas em áreas diferenciadas da cidade, isto é, longe umas das outras no que se refere aos endereços, donde um trabalho árduo, para ela, que era também dona-de-casa.

— Convém frisar, nesta altura, que mesmo debaixo da pressão exercida pelos embates para ganhar a vida, eu tentei fazer literatura, pelo que nos momentos tardios das noites teresinenses, eu escrevi, muitas vezes, versos, crônicas e crítica literária — trabalhos esses que serão focalizados no item III deste Depoimento.

— Em meados de março de 1929 ao fazer, em segunda época, os últimos preparatórios que me restavam para completar o curso de humanidades, entendi viajar para São Luís, aproveitando férias regulamentares nos Correios, com o fim de iniciar-me em curso jurídico.

Entre meados e fins de março de 1929 submeti-me (a turma de piauienses concorrentes ao curso jurídico era composta de 8 elementos) ao exame vestibular na



Faculdade de Direito do Maranhão e, aprovado, matriculei-me no 1º ano; regresssei a Teresina para os meus afazeres diários, logo em seguida.

Por uma simples casualidade ou bamburro da sorte, que apareceu eventualmente às pessoas, a minha prova de literatura recebeu comentários dos examinadores da Faculdade, a ponto de ser discutida cordialmente, entre eles, a possibilidade da mesma ser publicada...

Eu devo ter esgotado, na prova, o que fosse possível, dentro da crítica literária, a figura exponencial de Gonçalves Dias, pois o ponto sorteado tinha este título: *Gonçalves Dias e a Escola Romântica*.

Eu teria conhecimento do assunto porquanto não fazia muitos meses que eu tinha lido os seguintes trabalhos: *Pantehon Maranhense*, 3º volume, de Antônio Henrique Leal; *a História da Literatura Brasileira*, de José Veríssimo, e dois livros que diziam respeito ao índio americano, o primeiro sob o título de *Moeurs des Sauvages Américains*, de Joseph François Lafitau, impresso em 1774, e o segundo *L'homme américain*, de Alcides D'Orbigny.

Eu tinha lido também o livro de Gonçalves Dias — *O Brasil e a Oceânia* — e *o Atala*, de Chateaubriand.

Assim, eu devia estar cheio do assunto que envolvesse o indígena, de um modo geral, no qual se compreenderia a parte brasileira, e daí, a minha prova merecer comentários ou um natural interesse.

Aprovaram-me com a nota 10 nos exames finais da Faculdade de Direito do Maranhão; além da prova de literatura havia a de História Geral do Brasil e de Filosofia.

Regressando a Teresina, após a ausência de 23 dias, o assunto do meu exame era conhecido, tendo eu recebido palavras de aplau-

so e incentivos do Mestre Higinio Cunha.

A presente revelação de nota distinta no exame vestibular para a qual revelação peço desculpas ao leitor deste Depoimento, não teve outro objetivo senão eu poder informar o que ocorreu em decorrência da respectiva aprovação: eu ter começado a interessar-me por assuntos jurídicos, — para o que também eu ia atender conselhos do Dr. Christino Castello Branco, então um grande advogado no meio.

Tive a designação em 1929 e por interferência do Mestre Christino, para servir como promotor *ad-hoc* em dois processos criminais e de patrocinar duas questões que envolviam aspectos de Direito Civil.

— Nesta altura do presente Depoimento eu não devo omitir o que ocorreu com a pessoa do sábio Ludovico Schwennhagen, autor do livro publicado em 1928, — *História Antiga do Brasil* —, e para o qual eu ajudei no trabalho de revisão tipográfica.

Schwennhagen tinha sido nomeado em 1927 professor de Latim do Liceu Piauiense, e como as suas aulas eram ministradas em Latim (e não em Português) os liceístas não o apreciavam; mas o professor era formidável pela sua cultura enciclopédica, bastando saber-se que era especialista no conhecimento de línguas antigas ou que existiram na Bacia do Mediterrâneo (a dos Pelasgos, Cipriotas, etc.).

Em virtude da convivência com o autor da *História Antiga* e que proveio, acima de tudo, pelo motivo de eu ter sido revisor do seu livro (e fui revisor a mando do meu chefe na imprensa oficial, que era o ilustre homem de letras — Joel de Andrade Sêrvio) eu fui convidado para aprender alemão; todavia eu não tinha tempo para aprender, e, daí eu não ter estudado o alemão com o Schwennhagen que, entretanto, quando nós nos encontramos, ele quebrava o francês.

Desta língua cheguei a ter, com ele, lições excelentes na ocasião aprendi a falar, um pouco, a língua de Racine.

III

— Embarquei para o Recife, deixando Teresina, no dia 5 de novembro de 1930, com o fim de tomar posse no lugar de 4º escrivão de Alfândega.

No Recife andei fazendo literatura que foi continuada no Rio, de 1932 a 1934.

— Eu não posso afirmar que sou escritor.

DEPOIMENTO

Embora eu tivesse demonstrado inclinação literária desde cedo (1925, quando eu tinha 17 anos) e tivesse escrito em jornais e revistas de Teresina, do Recife e do Rio, eu não pude dedicar-me à carreira das letras.

Fui, sim, um aspirante a escritor ou um amador de letras, mas nunca um profissional.

Escrevi versos e trabalhos em prosa, sem que, por certo, tivesse atingido graus de merecimento.

Em Teresina tomei parte na fundação, com outros colegas do meu tope, em abril de 1926, do jornal *O Lábaro* e ainda na fundação, em julho de 1927, da sociedade literária sob o título de *Cenáculo Piauiense de Letras*, que viveu até dezembro de 1930.

Lá, igualmente colaborei em jornais como o "Piauhy", "A Imprensa", "Gazeta", etc.

No Recife escrevi no *Diário de Pernambuco*, mas fiz pouca vida literária se se pode compará-la com as minhas produções em Teresina.

No Rio, quando cheguei em abril de 1932, eu me interessei mais de perto para com as letras.

Tendo sido convidado por Félix Pacheco para colaborar no *Jornal do Comércio*, que, no tempo, constituiria uma honra para um sertanejo da minha laia, escrevi crítica literária e trabalhos outros sobre assuntos diversos, inclusive os que interessavam, na época, com as coisas piauienses.

Colaborei também em outros jornais, dos quais devo destacar o *Diário Carioca*, e em revistas, de que devo apontar o *Malho* e a *Vida Doméstica*.

Em 1954 publiquei o meu primeiro livro (de versos) sob o título de *Muralhas*, tomei parte em agrêmiações literárias, frequentei meios de intelectuais, compareci a certames de letras e fiz relações de amizade com escritores da época.

O meu nome — é claro — começava a aparecer como um jovem escritor — se assim eu posso dizer.

Em agosto de 1934, logo após a publicação do *Muralhas*, tomei uma resolução que não deixou de ser revolucionária: abandonei a literatura e isso por um período que foi de 26 anos.

Somente em 1960 retornei as lides literárias, porquanto fiz publicar meu primeiro livro em prosa — *Miridan* — uma lenda piauiense que eu tinha rabiscado em 1929, em Teresina.

Durante o período de 26 anos (de agosto de 1934 a agosto de 1960) dediquei-me somente à função pública.

Na Alfândega do Rio de Janeiro para onde tinha vindo como 4º escriturário da de Recife, em 1932, fiz carreira funcional.

Era um lugar técnico que requeria inteira dedicação, de forma que eu tive de optar pela Alfândega; eu tinha concluído que haveria incompatibilidade espiritual entre as belas-artes e o lugar técnico ou de servidor da Administração Pública, por isso decidi dedicar-me primeiramente à repartição fiscal, aonde eu teria de trabalhar com afinco, embora eu tivesse idéia — e o que consegui — de voltar às letras quando tivesse conquistado uma sólida posição burocrática.

— Casei-me em novembro de 1934 com a senhorita Olívia Queiroz e fui, graças a Deus, feliz no casamento.

Dois filhas que eu e Olívia tivemos, de nomes Miridan e Teresina, casaram-se e exercem a profissão de professora.

Tenho 5 netos e dois bisnetos, pois já tenho uma neta casada, faz 5 anos.

A minha neta mais velha (Monique Britto Knox) já faz versos e exerce o professorado secundário, em Brasília.

— Nunca abandonei o Piauí. Em todas as ocasiões o mantive dentro do meu coração.

— Tenho 9 livros publicados: *Muralhas* (versos); *Miridan* e *Jabelé* (duas lendas piauienses); *Itains*, *Quatro Escorços Biográficos* e *A Academia Piauiense de Letras na Cadeira nº 12* (crítica literária); *Desajustes e Desajustados*, 1º volume (novelas); *O Piauí e a Unidade Nacional* (história); *Narrativas Autobiográficas* (memórias).

— Os meus trabalhos jurídicos, em número de 4, estão publicados em revistas especializadas, ou técnicas, não tendo sido, portanto, enfileirados em livro.

— Quanto a traduções, em língua portuguesa: eu fizera duas que publiquei em jornais, na maior parte.

São estas as traduções — do inglês: *The Little Arthur's History of England* (A História da Inglaterra do Pequeno Artur) e *Werther*, de Goethe, numa versão francesa. O livro de inglês é da Professora Lady Calcott.

Agora você pode tirar da gaveta aquele livro que escreveu e não tinha como publicar. O Governo Hugo Napoleão, no sentido de estimular a produção literária, criou o Projeto Petrônio Portella para editar livros que reflitam o Piauí, seu povo, sua cultura.

Av. Miguel Rosa, 3.300/S - Teresina/PI

Secretaria de Cultura,
Desportos e Turismo



**PROJETO
PETRÔNIO
PORTELLA**

FESTEJO DO MIMBÓ

Todos os anos, durante os dias de 06 a 15 de agosto, comemora-se no Povoado Mimbó, o novenário da Padroeira Nossa Senhora da Saúde. Neste ano os mimboanos não estavam felizes, o mais velho da família Rabelo da Paixão, havia falecido. Sem a presença do velho "Dito", parecia que a festa estava sem o brilho dos outros anos. Assim mesmo, a procissão no dia 15 de agosto, com a presença cada vez maior dosromeiros das cidades vizinhas, teve um colorido especial. A Banda de Música de Amarante, pela primeira vez, participou do evento acompanhando os cânticos afinados dos mimboanos, e junto com o pipocar de fogos de artifício e aos gritos de VIVA NOSSA SENHORA DA SAÚDE, davam ao movimento uma conotação inesquecível. A reportagem da Revista Presença acompanhou toda a festa, inclusive os "beneditos" (e vários deles em latim) que foram entoados na Capelinha do Povoado durante os nove dias de festejo.



SANTA CRUZ DOS MILAGRES: SINÔNIMO DE FÉ E ESPERANÇA

A maior concentração deromeiros no Piauí ocorre anualmente entre os dias 05 e 14 de setembro em torno da Cruz milagrosa de Santa Cruz dos Milagres, no município de Aroazes. Para lá convergiu peregrinação, uma multidão de fiéis que leva consigo a fé e esperança ausente no mundo atual.

A história de Santa Cruz dos Milagres, de acordo com o Dr. Aníbal Pereira da Silva, um dos proprietários da região, teve início no século passado, mais ou menos no ano de 1876, quando um vaqueiro de uma fazenda local encontrou uma Cruz natural de arvoreira e, para que todos pudessem vê-la, colocou-a no alto de um morro, onde hoje se encontra a Igreja. Os fazendeiros locais e seus moradores passaram a ver a Cruz como uma mensagem de Deus para a região, iniciando-se assim o mistério que ainda paira até agora.

O Secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Jesualdo Cavalcanti Barros, salientou que Santa Cruz dos Milagres terá de sua parte todo o apoio possível. Este ano, por exemplo, além de um cartaz, a Secretaria utilizou-se dos meios de comunicação do Estado para divulgar o Festejo de Santa Cruz dos Milagres. Segundo ele, Santa Cruz dos Milagres é um momento de muita fé e deve ser de todo incentivado.

CORAIS DE TERESINA

Os corais da capital piauiense conquistaram maior espaço junto à comunidade local com a realização da I Mostra de Corais de Teresina. Segundo o maestro Antônio Gonçalves, organizador da programação, o evento deu início a um trabalho de valorização e divulgação maciça dos nossos corais, até então presentes de forma menos ativa.

Os teresinenses puderam conferir o estágio pelo qual atravessa seus corais ouvindo as mais diversas peças de compositores nacionais, estrangeiros, eruditos e populares interpretadas pelos grupos da Unidade Escolar Meta, da Escola Técnica Federal do Piauí, da Agespisa, do Amparo, do Liceu Piauiense, do Instituto de Educação Antonino Freire, da 1ª Igreja Batista de Teresina e do Cristo Rei.

O concerto foi realizado no Theatro 4 de Setembro, como parte das comemorações do quinto aniversário do coral "Evolusson", da Unidade Escolar Meta e se configura num dos objetivos da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo que, como dessa vez, sempre apoiará os corais em sua integração com a sociedade.

INCENTIVO AO ESPORTE AMADOR

A vestimenta para os árbitros do XIV Campeonato Intermunicipal Piauiense de Futebol pôde ser adquirida com o apoio da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo que, na pessoa do secretário Jesualdo Cavalcanti Barros, compareceu à sede da APCDEP e fez a entrega de um cheque no valor de 1 (hum) milhão de cruzeiros.

Na ocasião, o presidente da APCDEP, Pedro Alcântara, reconheceu o esforço de Jesualdo Cavalcanti em prol de nosso esporte amador. O secretário, por sua vez, transferiu todos os méritos da iniciativa ao governador Hugo Napoleão, quando afirmou que este "é um homem profundamente preocupado com os destinos do esporte piauiense, em particular com o futebol". E justificou: "Por isso, o governador está investindo no amadorismo, porque ele sabe que o Intermunicipal é, na verdade, a fonte reveladora de valores para o profissionalismo do Estado".

BANCO DE EMPRÉSTIMO

O espírito esportivo assumido pelos segmentos sociais em suas horas de lazer agora pode ser materializado com o acesso ao "Banco de Empréstimos", que se propõe a ceder temporariamente o material necessário para a realização de eventos que proporcionem diversão aos piauienses. Bolas, redes, cordas, material esportivo em geral e tudo que estiver ao alcance da Coordenação de Esportes da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, pode ser emprestado mediante o simples preenchimento de um termo de responsabilidade com a programação e o local da manhã de lazer.

MUSEU DE ARTE SACRA DE OEIRAS SERÁ INAUGURADO

Em Oeiras, o dia 10 de outubro marca os 40 anos de criação da Diocese local e representa, 25 anos de ordenação episcopal para Dom Edilberto Dinkelborg. Portanto, a data não seria mais adequada para iniciar o funcionamento do Museu de Arte Sacra, resultado da restauração do Palácio Episcopal pelo Governador do Estado em convênio com a Fundação Nacional Pró-Memória, órgão do Ministério da Educação e Cultura. O museu tem suas instalações sob a responsabilidade da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo e abrigará um rico e variado acervo da diocese de Oeiras e Floriano, aguardando peças de quem as queira emprestar para o enriquecimento do acervo.

II FESTIVAL DE TEATRO AMADOR DE PARNAÍBA

A Federação de Teatro Amador do Piauí (FETAPI) promoveu de 28 de julho a 04 de agosto o II FESTIVAL DE TEATRO AMADOR DE PARNAÍBA, acontecimento que, por ter sido um incentivo às artes cênicas do Estado, recebeu integral apoio da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo. O Festival contou com apresentações de espetáculos adultos e infantis, com realização de cursos, debates e oficinas livres de teatro que, somadas à participação de grupos amadores de outras cidades interioranas, um intercâmbio de tendências e formas teatrais, tornou Parnaíba momentaneamente a Capital do teatro piauiense.

CONVÊNIO CRIA ESCOLA DE DANÇA DE TERESINA

As Secretarias de Cultura, Desportos e Turismo e Educação firmaram um acordo que possibilita o funcionamento da Escola de Dança de Teresina, destinada a alunos da rede oficial de ensino, na faixa etária de 7 a 14 anos. O convênio foi assinado na Galeria de Artes do Teatro 4 de Setembro pelos Secretários Jesualdo Cavalcanti Barros e Átila de Freitas Lima.

A Escola de Dança funcionará nos três turnos e seu principal objetivo será o de desenvolver na juventude o interesse pela expressão corporal como forma de desenvolvimento da mente e integração na sociedade, além de formar futuros valores para a arte da dança no Piauí.



Cena do Balé Sentinela - Grupo Avoante

Balé Sentinela

O espetáculo "Sentinela", do Grupo Avoante, que recentemente apresentou-se no Teatro Santa Isabel, em Recife, como integrante do II Ciclo de Dança foi inspirado nas músicas de Milton Nascimento e Fernando Brant, com coreografias de Eleonora Paiva, assistência de Célia Reufels, figurino de José da Providência, iluminação de Roberto Sabóia e sonoplastia de Eliomar Filho.

Segundo seus integrantes, o trabalho expressa a tentativa do homem em busca do seu espaço, sonhos e emoções. Os desejos contidos na liberdade de ser e a luta pela verdadeira sobrevivência. O personagem Pinduca representa o sentimento puro, a simplicidade da vida, os ideais e a esperança identificando milhões de Pinducas espalhados por aí. O Grupo Avoante de Dança e Teatro foi criado pelos bailarinos

Eleonora Paiva, Nezinho, Lauro Santos, Elizabeth Freitas e Beto Pirilampo, em dezembro de 1980, tendo como nome "Bombaquim".

Em 1982, a professora e coreógrafa Eleonora Paiva, com o objetivo de incentivar os estudantes de dança e valorizar a arte, reuniu 10 bailarinos e trocou o nome do grupo para "Avoante", organizou um roteiro e trabalhou em cima do disco "Sentinela" de Milton Nascimento, adaptando às músicas uma coreografia, no estilo contemporâneo, teatral. E assim, nasceu o Balé "Sentinela", que tem realizado inúmeras apresentações com bastante sucesso desde então.

Participam do Grupo Avoante: Myrna Amélia de Abreu, Wilson Costa, Francisco Almeida, Elmira Semeão, Vanda Mota Pinto, Carmem Célia Machado, Lauro Santos, Cleber de Moura Fe, Célia da Rocha Reufels e Eleonora Paiva.

POÇOS JORRANTES ENRIQUECERÃO ROTEIRO TURÍSTICO PIAUIENSE

Somente uma vazão de 900.000 litros d'água por hora jorrando a 50 metros de altura seriam suficientes para justificar a presença dos poços Violeto I e Violeto II no roteiro turístico piauiense. Agora isso, um simples acesso de 150m à BR-135 e uma área abrangente de excepcional beleza totalizando aproximadamente 14 ha conduziram o Secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Jesualdo Cavalcanti Barros, a propor ao Governador Hugo Napoleão que declare de utilidade pública, para fim de desapropriação, tão admirável fenômeno natural.

Essas e outras características especiais contribuíram para a idéia da

implantação, na referida área, do Complexo Turístico do Gurgulê. Com infraestrutura permitindo ampla diversificação (hotel, parque zoológico, artesanato, hortá/pomar comunitário, etc.), o empreendimento terá execução realizada pela RIMO - Rede Integrada de Hotéis e Motéis do Piauí S.A. e será passagem agradavelmente obrigatória entre duas unidades hoteleiras, a de Corrente, recentemente construída e a de Canto do Buriti, com funcionamento previsto para breve - ambas integrantes do Programa de Implantação de Unidades Hoteleiras em Pontos Estratégicos do Estado.



Aspectos da Força Pública no Governo Zacarias de Góis

Foto: Alcide Filho

Zacarias de Góis e Vasconcelos foi nomeado Presidente do Piauí, por força da Carta Imperial de 4 de abril de 1845. No dia 16 daquele mês o diploma lhe chegaria às mãos, na Bahia, e a 27 de Junho seria recebido em Oeiras para, no dia seguinte, tomar posse da administração desta Província.

Sua vinda apressada à mais deficiente de todas as Províncias do reino, atendia a um imperativo de ordem estratégica do Senador baiano José Carlos Pereira de Almeida Torres, Visconde de Macaé, então ministro do Império, preocupado com as graves ocorrências surgidas no Piauí, depois da queda do Visconde da Parnaíba. Veladamente, atendia a uma pretensão do deputado Francisco Gonçalves Martins, futuro Visconde de São Lourenço, espécie de arregimentador de jovens talentos para o Partido Conservador, que havia assumido a iniciação de Zacarias.

A situação crítica de uma Província, polifacilmente, semi-bárba-

ra, surgira como uma ótima oportunidade para forçar tirocínios naquele jovem baiano de 29 anos de idade, professor de Direito, estreante no labirinto da pública administração e promitente estadista do segundo reinado.

Foi na sessão de instalação da Assembléia Legislativa Provincial, de 1º de agosto de 1845, que Zacarias de Góis expôs, pela primeira vez, a situação do mecanismo de segurança interna do Piauí. Por aqui ainda não havia partidos políticos bem definidos; apenas a luta constante travada entre uma influência decaída, predominante por muito tempo, e aqueles que empenhavam todos os seus esforços para que ela jamais se rehabilitasse.

Neste clima disputara-se a última eleição de deputados gerais. Embora as aparências mostrassem o contrário a quem estivesse alheio às peculiaridades da política na época ou não tivesse conhecimento do que nela se passava, tudo se resumia em agravamentos de ódios e recrudescimento de vinganças.

Naqueles dias os adversários do Visconde da Parnaíba, supondo-o mandante ou cúmplice de um atentado cometido e de outros que se premeditavam, segundo boatos que corriam, reuniram-se, em grande número, nos dias 21 a 23 de maio, uma légua distante de Oeiras, e talvez dispostos a invadi-la se não fossem bem recebidos, dirigiram ao Conde do Rio Pardo uma representação pedindo a saída do Visconde da Parnaíba da cidade e a nomeação do tenente coronel Antônio José de Carvalho, para comandar a Polícia. Consta que o Conde ouviu com muita prudência os pedidos e logo depois os manifestantes se dispersaram persuadidos. A segurança individual estivera como que suspensa em toda a Província, principalmente em Oeiras, nos dois meses anteriores à posse de Zacarias.

No dia 3 de abril mataram, em Campo Maior, o promotor público daquela comarca. Doze dias depois, o padre Manoel Quintino de Brito, vigário de Parnaguá, perderia a vida nas mãos de quatro sicários, às oito horas da noite, em plena rua do Fogo, no centro de Oeiras. Um mês mais tarde seria o próprio Comandante da Polícia, capitão Teodoro Pereira de Castro, fulminado a tiros de pistola, às nove horas da noite. O povo atribuiria os dois últimos assassinatos a soldados do corpo fixo da cidade. Todos, porém, com implicações políticas.

Oeiras, assim, passava por dias de terror, a ponto de os seus habitantes terem de procurar segurança fora da cidade ou se conservarem fechados em suas casas. Zacarias de Góis dominou a situação, logo, com probidade e bom-senso administrativo. Sobre isso chegou a lamentar: "tantos atentados de que há notícia oficial, revelam que a impunidade que parece ameaçar de dissolução a sociedade brasileira em geral, também aqui predomina. Eu garanto empregar os meios que estiverem ao meu alcance para que não fiquem sem punição os autores de tais crimes. Sem punição, um povo, ainda pouco civilizado como o nosso, não conhece freios ao crime".

A Força Pública desta Província compunha-se, então, de um Corpo Fixo de Caçadores de Primeira Linha, da Guarda Nacional, da Polícia Municipal e da Polícia Provincial.

O Presidente Zacarias, na sessão de instalação da Assembléia Legislativa Provincial, de 1º de agosto de 1845, nada propôs quanto ao Corpo Fixo de Caçadores, porque, pertencendo à administração geral, não poderia resolver a seu respeito coisa alguma. Disse somente que aquele corpo continuava prestando destacamentos a diversos municípios, achando-se em Campo Maior um capitão com 35 praças, em São Gonçalo um tenente e quatro pra-

HISTÓRIA

ças, em Príncipe Imperial um sargento com praças e em Jaicós um cabo e duas praças. Tais destacamentos irregulares seriam, o quanto antes, recolhidos a Oeiras para a devida recomposição disciplinar.

O aviso Imperial de 26 de junho de 1843, dirigido a esta Província, declarava tais destacamentos contrários à disciplina militar, e só os permitia em casos imprevistos e, quando fossem insuficientes os recursos da força policial e da Guarda Nacional.

Para Zacarias a Guarda Nacional da Província continuava em estado pouco lisonjeiro, lembrando-nos o seu antecessor bem o dissera do atraso em que se achava na Província aquela instituição. Depois de indicar as medidas que tomara para seu melhoramento, prometera trazer, posteriormente, informações mais gratas sobre ela. Tais melhorias não aconteceriam. Além das causas que, ordinariamente, emperavam o serviço público na Província, surgiram medidas administrativas embaraçosas.

A lei provincial n.º 28, por exemplo, assegurava aos oficiais da Guarda Nacional a vitaliciedade de seus postos; no entanto, o antecessor de Zacarias de Góis, na presidência da Província, o Conde do Rio Pardo, chegou a exonerar 30 oficiais, nomeando outros para os seus lugares, além de remover uns e julgar vagos diversos postos a pretexto de demora na solicitação das patentes. Zacarias não concordou com a ação daquele oficial português e mostrou-se disposto a fazer justiça a quem nela esperasse, preservando o respeito ao direito da vitaliciedade dos guardas nacionais.

O artigo 3.º da lei provincial n.º 173, suspendera a concessão de postos e patentes para os corpos de polícia municipal, até que a Assembleia, sob circunstanciadas informações, mapas da força e oficialidade respectiva apresentadas pela presidência em sua primeira reunião, resolvesse criar nova organização.

Zacarias nada encontrou na secretaria do governo a tal respeito, nem mesmo constava que se tivesse exigido dos diversos municípios os necessários esclarecimentos. Era aquela falta, no entanto, na opinião de Zacarias, pouco importante, porque não somente fora muito discreta a disposição citada que suspendia a concessão de postos e patentes para corpos de polícia municipal, como pensava que não se devia esperar muito de tais corpos para os quais uma das melhores soluções era extinguí-los.

Os corpos de polícia municipal como se achavam organizados na Província, eram de qualificação duvidosa. Segundo a lei n.º 51, de sua criação, aqueles corpos tinham a finalidade de coadjuvar o serviço de Polícia Provincial e da Guarda Na-

cional, ao passo que podiam ser alistados nos corpos os indivíduos que por falta de renda, eram excluídos da Guarda Nacional. Daquela maneira os corpos de polícia municipal compunham-se do rebuscalho da população da Província. A defesa dos direitos do cidadão, observava Zacarias, confiada a eles não ofereceria garantia, nem pela disciplina como a Polícia Provincial, nem pela propriedade como a Guarda Nacional.

A missão dos corpos de polícia municipal era quase a mesma que a da Guarda Nacional, com a diferença, porém, que nesta havia escolha e apuração, naquela não. Também era muito inconveniência por parte dos corpos municipais o extraordinário número de oficiais vitalícios por eles trazidos à Província; tal multiplicidade de postos servia somente para depreciá-los, além de importarem numa espécie de tributo lançado sobre a população; tributo de homenagem e respeito tão difícil de se satisfazer, quanto pago às custas do amor próprio dos piauienses.

Tantos oficiais de polícia municipal juntos aos da Guarda Nacional, da Polícia Provincial e da Força de Linha, davam à Província uma plethora de postos que não podia deixar de ser péssimo, pelo fato de existirem, auferindo as mesmas regalias, oficiais de patentes idênticas, mas disciplinar e culturalmente dispareos.

Em face do Ato Adicional os deputados não estavam autorizados para legislar sobre o assunto, uma vez que o artigo referente à matéria dava às assembleias provinciais somente a atribuição de "fixar", sobre informações do Presidente, a força policial respectiva. Ora, a força dos corpos de polícia municipal, segundo a organização explícita no código das leis piauienses, não era força que admitisse "fixação".

Segundo a lei vigente, a Força Policial da Província devia constar de 176 praças-de-pré e quatro oficiais que formavam uma companhia, composta de um capitão comandante, um tenente, dois alferes, um primeiro e dois segundos sargentos, um furriel, dois cornetas e 170 soldados.

Os esclarecimentos obtidos por Zacarias eram pouco circunstanciados porque o comandante da companhia da Força Policial, que os deveria fornecer, achava-se destacado em Parnaíba, havia mais de um ano. Além disso a polícia estava espalhada por diversos municípios, em consideráveis distâncias, o que dificultava o exato conhecimento do seu estado efetivo. O certo é que faltavam mais de 30 praças para se completar a companhia.

Como o aviso imperial referido proibia destacamentos de corpo fixo

nos casos ordinários e não sendo permitido contar com ele na fixação da força policial, Zacarias achou conveniente fazer algumas alterações, dentro das possibilidades financeiras da Província.

Convinha, de início, elevar a Força do limite de 180, estabelecido por lei, para 225 praças, a fim de que se pudessem fornecer, satisfatoriamente, destacamentos às mais diferentes vilas da Província.

Vendo que a companhia com 225 praças ficaria muito grande para um só comando, Zacarias, propôs desdobrá-la em duas mais regulares, mas alvitrou que, em todo caso, deveria cessar o abuso de o comandante da Polícia permanecer em Parnaíba, em vez de estar em Oeiras, centro das decisões administrativas da Província.

Em muitas Províncias do Império a polícia compunha-se de indivíduos "engajados" para servirem por tempo determinado. Era obrigatório que fossem pessoas de boa conduta, moral e civil, condições, obviamente, indispensáveis a quem se empregasse em manter a segurança interna, amparando a vida e os bens dos cidadãos.

Era costume, dar-se à Força de Polícia, vencimentos diferentes dos da Força de Primeira Linha, sujeitando-a a regulamentos mais brandos, pois que exigindo-se dos indivíduos que a compunham certa moralidade, era justo tratá-la com mais brandura e oferecer maiores vantagens pecuniárias. Significava dizer-se que um soldado de polícia ganhava mais, e tinha mais privilégio do que um soldado do exército.

As leis piauienses nisso não seguiam às demais províncias. Adotavam o recrutamento para formar a Força Policial, o regulamento do Conde de Lippe para discipliná-la e para remunerá-la, os vencimentos da tropa de linha, o que não era correto. Zacarias confiou à Assembleia Provincial a iniciativa de modificar, ou não, aqueles critérios, depois que examinassem, se tais disposições eram ditadas pela necessidade, ou por circunstâncias peculiares da Província, que bem pouco conhecia.

Para ele pareceria melhor uma reforma alentada, porque, particularmente, já mais desajazta que a caridade, como ali se evidenciava, fosse posta em prática, em prejuízo da segurança, inclusive porque aquelas disposições, não lhe pareciam nada coerentes com o espírito da legislação brasileira, quanto à matéria.

Na sessão do dia 19 de agosto de 1845, a Assembleia Legislativa Provincial dirigiu mensagem ao Presidente Zacarias de Góis, destacando:

"Ora e deslembada, permaneceu esta Província por quase quatro lustros de sua vida pública, até que uma sorte mais benigna lhe foi outorgada; e quando, ansiosa, come

HISTÓRIA

çava a apreciar os frutos de uma administração, legítima filha de benéfico sistema que nos reger, eis que do lado adverso, quebrando os elos da doce cadeia de nossas esperanças, de tojo tenta reconduzir-nos à anormal posição que ocupávamos no regime representativo, dando assim, lugar aos fatos fielmente expostos por Vossa Excelência: "E na hora das extremidades, quando entregue aos paroxismos da dor, que mais se cala na alma do moribundo a gratidão pelo auxílio que lhe oferece mão caridosa."

"Esse auxílio, felizmente, acaba a Província de encontrar no benemérito Delegado do Governo Imperial, que ora dirige o leme dos negócios públicos. A lei tem reconhecido seu domínio, os fundamentos em que se firma a ordem social, já não ameaça ruir e o característico, hoje, mais saliente de nossa política é a paz, e a concórdia e uma ilimitada confiança no digno administrador."

Assinaram o documento os deputados provinciais: Dr. Cândido Gil Castello Branco, coronel Silvestre José da Cunha Castello Branco e o major José Maurício da Costa Pestana. Naquela época a Assembléa Provincial compunha-se de quinze parlamentares: um padre, cinco civis e nove oficiais militares.

* * *

Zacarias de Góis compareceu pela segunda vez à Assembléa Provincial, na sessão de 11 de julho de 1846.

Ao discorrer sobre a situação da segurança pública disse que em toda a Província reinava perfeito sossego, ao contrário do que acontecera no início de sua gestão, quando os ânimos se achavam excessivamente irritados com as ocorrências das últimas eleições gerais, que por pouco não atiraram a Província numa rebelião sangrenta.

Nenhum fato sucedeu que tivesse relação com as causas que, em 1845, produziram tal agitação.

No dia 21 de dezembro foram celebradas as eleições provinciais sem maiores confusões. Os mesmos adversários e as mesmas idéias ainda prevaleceram, apenas, limitados aos meios mais brandos e persuasivos entre os contendores.

Essa repentina mudança no espírito público, para Zacarias, abunava o caráter e a índole do povo piauiense, que só a custo e de circunstâncias extraordinárias, se deixava afastar dos objetivos da paz e do sossego. Evidenciava-se, nisso, também, a poderosa influência do governo do Império, que prescrevia, como regra invariável de administração, "governar com energia e prudência, fazendo justiça a todos sem exceção de ninguém."

Quanto à segurança individual, quadro menos agradável foi traçado

por Zacarias. Conforme mapa organizado, com base nas participações oficiais dirigidas à Presidência da Província, do mês de agosto de 1845 até julho de 1846, 34 crimes foram cometidos no Piauí. Foram dezesseis homicídios, uma tentativa de homicídio, oito lesões corporais graves, dois roubos, dois portes ilegais de arma e seis chamados "crimes de responsabilidade".

Do número de crimes de que o governo tinha notícia, ao dos que realmente haviam sido cometidos, mas ficaram impunes, pela má administração da justiça e a grande facilidade encontrada pelos delinquentes para fugirem à averiguação e, conseqüentemente, ao castigo de seus delitos, ia, sem dúvida, uma grande diferença. Isso se podia ver no porte ilegal de arma, abusado em todos os recantos da Província, que aparecia apenas duas vezes nas estatísticas oficiais. Mesmo inexato, o mapa despertava sérias reflexões, pela desproporção que apresentava entre o homicídio, as lesões corporais mais ou menos graves, e os demais crimes.

Dos mapas exigidos por Zacarias, ao Chefe de Polícia, acerca dos julgamentos proferidos recentemente inferia-se a deplorável certeza de serem mais freqüentes na Província, os crimes contra a pessoa e à vida, que quaisquer outros. Só no ano de 1844, 24 crimes constavam como tendo sido submetidos a julgamento; deles, oito foram de homicídio, quinze de lesão corporal e apenas um de furto.

Em 1845, o júri conheceu 58 crimes: um de moeda falsa, um contra a liberdade individual, quatro de ameaças, três de furto, um de estupro, dois de porte ilegal de arma, vinte e três de lesões corporais e vinte e três homicídios.

O homicídio e as lesões corporais, como os crimes mais freqüentes na Província, sintomatizavam o atraso e a corrupção grassantes, que muito importava averiguar e combater.

Examinando à estatística criminal da Província, Zacarias de Góis via que, de 24 réus julgados em 1844, somente dois sabiam ler; de 58, que no ano seguinte foram a júri, apenas 16 haviam recebido instrução primária. O pior foi, que no primeiro ano absolveram 13, e no segundo 44 réus.

A violência movia-se, comodamente, entre a ignorância do povo e a pusilanimidade da justiça, demonstrada na incrível facilidade de absolver criminosos. O fato não se atribuía, apenas, à desmoralização das autoridades, mas, sobremaneira, ao temor da vingança de criminosos, que quase sempre, sob poderosa proteção, zombavam da justiça, animados com a certeza da impunidade.

Em atenção ao aviso imperial de 21 de julho de 1845, Zacarias de Góis colocou à disposição do Maranhão, o Corpo Fixo de Caçadores, substituindo-o por um destacamento de 200 praças, do 5º Batalhão de Fuzileiros daquela Província, sob o comando do Capitão Miguel Ferreira Cabral. Era a única força de primeira linha existente na Província e totalmente aquartelada em Oeiras.

O Corpo Policial Provincial achava-se completo, na forma da lei nº 195, mas não preenchia, satisfatoriamente, às necessidades da Província. Zacarias já havia levado à consideração da Assembléa Provincial, um esquema de distribuição da Força Pública, pelos diversos municípios. Distribuição que não pôde ser racionalizada na forma preestabelecida, em vista da necessidade de socorrer situações de emergência.

O município de São Gonçalo, tido como um dos mais calmos, juntamente com Parnaguá, passara a merecer maiores preocupações do governo. São Gonçalo, afamado pela sua fertilidade, atraía para a sua região muitas levadas de retirantes, oriundos das Províncias vizinhas, premidos pelo flagelo da seca. Foi necessário triplicar sua força policial, por se achar invadida por pessoas indigentes e dispostas ao crime. Por aqueles dias, já haviam ocorrido diversas mortes. Francisca Maria da Rocha, assassinada com onze facadas a mando do próprio

pai, foi a primeira. Mas foi o assassinato do Sargento do Destacamento, Antonio Raimundo de Brito Piauiense e de uma mulher, que revolveu a população; para agravar o clima de apreensão pública, João Antonio de Lavor Paes, foi barbaramente assassinado a mando do Padre Vicente da Silva Brabo, vigário daquela Freguesia.

Em Parnaguá, a afronta era dos índios amalocados na vizinhança do município. Seus habitantes estavam na iminência de serem massacrados pelos silvícolas, quando a Força Pública chegou como reforço, para obrigar o recuo e a contenção dos selvagens.

Zacarias propôs à Assembléa Provincial, nova organização do Corpo Policial, aumentando-o em 45 praças-de-pré e dois oficiais distribuídos em três companhias, para melhor atender às urgentes necessidades de segurança dos lugares críticos da Província.

Em 1845, Zacarias de Góis disse ter encontrado a Guarda Nacional em completa desorganização, pelas causas que ordinariamente entorpeciam o melhoramento daquela instituição, a conseqüência da medida tomada pelo Conde do Rio Pardo, da

qual resultou a duplicação de grande número de patentes, por ter exonerado muitos oficiais e nomeado outros em seus lugares, não obstante o dispositivo legal, que assegurava aos oficiais da Guarda Nacional a vitaliciedade de seus postos. Zacarias que tornara sem efeito a medida de Rio Pardo, readmitiu os oficiais exonerados, intensificou a disciplina dos corpos e melhorou a instrução, na fática de suas armas.

De 14 de outubro e 13 de novembro de 1845, com a falta de oficiais e soldados de primeira linha, 50 praças, um capitão e dois subalternos, sem vencimentos, fizeram a guarnição da Capital. A partir de 14 de novembro daquele ano, continuou o mesmo número de oficiais a suprir a falta de oficiais de primeira linha, em domingos e dias-santos. Era a primeira vez na história de Oeiras, que a Guarda Nacional supria, ou complementava, a força na guarnição da Capital.

Já não era impossível reunir-se a Guarda Nacional, para festas ou cerimônias civis, como se observava no dia 1º de junho de 1846, por ocasião da bênção das bandeiras dos dois batalhões, que compunham a legião da Capital, quando formaram em grande parada os referidos corpos e o Esquadrão de Cavalaria, "sendo sem dúvida, a primeira, digna desse nome, que houve na Província", na apreciação do Presidente Zacarias.

Zacarias de Góis queixava-se, constantemente, da dificuldade de achar pessoas habilitadas, para instruir os batalhões e esquadrões da Guarda, nos diversos municípios. Quando, com excessivo sacrifício, conseguiam melhorar o nível dos oficiais, um fato desagradável concorria para a sua retrocessão. É que, a legislação provincial, concedia aos oficiais da Guarda um direito altamente protetor do ócio, e contrário ao desenvolvimento e progresso da instituição; seus oficiais alcançavam a reserva muito cedo, deixando seus corpos e companhias a mercê de interinos menos hábeis. Houve casos nesta Província, em que companhias ficaram sem capitão, sem tenentes e sem alferes, porque cada um deles, simultaneamente, pediu e obteve reserva.

No sistema da lei de 18 de agosto de 1831, em que os postos eram conferidos por eleição de quatro em quatro anos, a falta de patriotismo e a preguiça de um oficial, que a pretexto de reserva, quisesse esquivar-se às funções do seu posto, encontravam pronto corretivo na recusa de votos e, se não fossem eleitos, ficava o mal remediado. No entanto, dada a vitaliciedade ampla e sem limite estabelecida no artigo 2º, da Lei Provincial nº 28, extinguiu-se todo corretivo ao abuso. Havia oficiais, que depois de receber a paten-

te, pediam logo a reserva, para gozar das regalias do posto, na omissão do trabalho.

A necessidade de dar ao princípio das patentes, algumas restrições, ou exceções, nos casos em que os oficiais as abandonassem, com graves prejuízos ao serviço público, parecia óbvia.

A presidência de Zacarias de Góis, na Província do Piauí, cumpriu-se de 28 de julho de 1845 a 7 de setembro de 1847, isto é, em pouco mais de dois anos. No último relatório dirigido à Assembléa Legislativa Provincial, em 6 de julho de 1847, ele anunciou que a tranquilidade pública, nenhuma alteração havia sofrido. No período das eleições, quando os espíritos turbulentos, aproveitando-se da agitação do povo, costumavam sair, dando vazão aos seus instintos anárquicos, já não aconteciam tais problemas.

Mesmo assim, lamentava-se o Presidente Zacarias, "não tem faltado quem, em cartas escritas daqui para a Corte, em artigos publicados em diversos jornais, e por todos os meios ao seu alcance, tenha apregoado estar esta Província, sob violência e opressão inauditas, e por isso, prestes a buscar meios de salvar-se, na resistência e na desordem".

Tais boatos, com certeza, refletiam um jogo desleal contra a postura firme, descomprometida e iconoclasta de Zacarias de Góis, diante da política aética e improvisada, em proveito restrito de quem sustivesse o poder.

Quanto à segurança individual, subsistiam as reflexões do ano de 1846. No mapa que mostrava o número e a natureza dos crimes conhecidos, oficialmente, cometidos no intervalo de um ano, sobresaliam um parricídio, ocorrido em Valença, em que Martiniano Soares de Sousa, para antecipar a posse da herança, mandara assassinar o próprio pai, tenente coronel Aniceto de Araújo Sousa, e o assassinato do tenente coronel João Rabelo Cardoso, em Barras.

O Corpo de Polícia Provincial, que se achava aumentado e organizado nos termos da Lei nº 206, de 25 de agosto de 1846, ia prestando os serviços que dele se podiam esperar.

A Força Policial, se bem que auxiliada pela força de primeira linha, não chegava para fornecer destacamentos a todos os municípios. Jerumenha, Valença e Marvão não os tinham, naqueles dias. O sossego vivido habitualmente, por esses três municípios, e a necessidade de reforçar, consideravelmente, os des-

tacamentos de Parnaíba, Príncipe Imperial, Campo Maior, Parnaíba e outros pontos indispensáveis, foram a causa da referida distribuição.

Alguma alteração convinha que houvesse no corpo policial, e bem do serviço público, consistindo em criar-se nele uma seção de cavalaria, constante de quinze soldados, dois cabos e um 2º sargento, destinada, essencialmente, a transmitir, com rapidez, aos diversos pontos da Província, avisos e ordens de urgência, assim como a captura de desertores e presos foragidos de Oeiras. Tais diligências ainda eram feitas por policiais a pé.

A medida indicada, poderia efetuar-se, sem aumento da Força de Polícia, decretada pela respectiva lei em vigor, e quase com o mesmo crédito consignado para o pessoal do Corpo, pelo projeto de lei do orçamento organizado na sessão da Assembléa Provincial, em 1846, uma vez que somente com a compra de cavalos e arreios se teria de fazer despesas, então orçadas em 630 mil réis, além de 14 mil réis por anagastos com o soldo de um cabo que teria de passar a 2º sargento.

A Guarda Nacional, que até meado de 1845, achava-se em completa desorganização e atraso, passou a oferecer, ao menos na capital, uma situação melhor. Além de três oficiais, que todos os domingos e dias-santos, prestavam serviço à guarnição da cidade, algumas vezes, Zacarias os requisitava para auxiliar a tropa de linha, no serviço ordinário, mudando-se os guardas de três em três dias, sem perceber nenhum vencimento, na forma da lei.

Nos dias de grande gala, e em certas festas mais importantes, reunia-se a Guarda Nacional com regularidade e ajeito. No dia 7 de setembro de 1846, o Presidente Zacarias de Góis, conseguiu reunir em grande parada 1.193 praças, o que fora, sem dúvida, um grande progresso, porque em outras ocasiões, reunir 50 homens, convenientemente fardados, era tarefa impossível.

Oswaldo Lemos
Piauiense, editor, pesquisador, historiador
e jornalista.

(Excerto do IV Capítulo do livro
inédito, O EIRAS — CAPITAL DA
PROVÍNCIA DO PIAUÍ).

Um piauiense na história do Hino Nacional Brasileiro

POR: A. Tito Filho

Com a Independência do Brasil, em 7 de setembro de 1822, surgiram vários cânticos de louvor à liberdade. Um deles foi o de Francisco Manuel da Silva, que depois se tornou o Hino Nacional Brasileiro. O autor não conseguiu divulgar nem executar oficialmente a música que compusera para saudar a independência da pátria.

CONSAGRAÇÃO

A consagração da música de Francisco Manuel da Silva veio em 1831, com a abdicação de Dom Pedro I. Era grande o descontentamento do povo com relação ao imperador, que havia dissolvido a orquestra da Capela Imperial, suspeitando que os músicos lhe eram infiéis. E estes passaram a reunir-se num armário da rua Senhor dos Passos. Aí foi feita a letra do hino.

A LETRA

O hino de Francisco Manuel da Silva tomou o nome de SETE DE ABRIL, data da abdicação de Dom Pedro I. A primeira letra foi escrita pelo poeta Ovídio Saraiva de Carvalho e Silva, nascido na Parnaíba, Estado do Piauí. Música e letra foram executadas no dia 13 de abril de 1831, quando o ex-imperador deixava o Brasil. Eis os versos do autor piauiense:

Os bronzes da tirania
Já no Brasil não rouquejam
Os monstros que nos escravizavam
Já entre nós não vicejam

Da pátria o grito
Eis se desata
Desde o Amazonas
Até o Prata.

Ferros e grilhões e forcas
De antemão se preparavam;
Mil planos de proscricão
As mãos dos monstros gisavam.

Da Pátria o grito etc.

Amanheceu finalmente
A liberdade no Brasil...
Ahi não desça à sepultura
O dia Sete de Abril.

Da Pátria o grito etc.

Este dia portentoso
Dos dias seja o primeiro;
Chamemos Rio de Abril
O que é Rio de Janeiro.

Da Pátria o grito etc.

Arranquem-se aos nossos filhos
Nomes e idéias dos lusos
Monstros que sempre em traições
Nos envolveram, confusos.

A liberdade no Brasil...
Ahi não desça à sepultura
O dia Sete de Abril.

Da Pátria o grito etc.

Este dia portentoso
Dos dias seja o primeiro;
Chamemos Rio de Abril
O que é Rio de Janeiro.

Da Pátria o grito etc.

Arranquem-se aos nossos filhos
Nomes e idéias dos lusos
Monstros que sempre em traições
Nos envolveram, confusos.

Da Pátria o grito etc.

Ingratos à bizzarria,
Invejosos de talento,
Nossas virtudes, nosso ouro,
foi seu diário alimento.

Da Pátria o grito etc.

Homens bárbaros, gerados
De sangue judaico e mouro,
Desenganal-vos, a pátria
Já não é vosso tesouro.

Da Pátria o grito etc.

Neste solo não viceja
o tronco da escravidão
A quarta parte do mundo
As três dá melhor lição.

Da Pátria o grito etc.

Avante honrados patricios
Não há momento a perder
Se já tendes muito feito
Idem mais resta a fazer.

Da Pátria o grito etc.

Uma prudente regência
Um monarca brasileiro
Nos prometiam venturosos
O porvir mais lisonjeiro.

Da Pátria o grito etc.

E vós donzelas brasileiras
Chegando de mães ao estado
Dai ao Brasil tão bons filhos
Como vossas mães têm dado.

Da Pátria o grito etc.

Novas gerações sustentam
Do povo a soberania
Seja isto a divisa delas
Como foi de abril um dia.

Da Pátria o grito etc.

NOVA LETRA

O hino de Francisco Manuel da Silva voltaria a ser executado por ocasião dos festejos da coroação de Dom Pedro II, em 1841, com novos versos, desta vez de autor anônimo. Ei-los:

Quando vens faustoso dia
Entre nós ralar feliz
Vemos em Pedro II
A ventura do Brasil.

Negar de Pedro as virtudes
Seu talento escurecer
E negar como é sublime
Da bela aurora o romper

Exultai, Brasil e o povo
Chelo de santa alegria
Vendo de Pedro o retrato
Festejado nesse dia.

ESTRIBILHO

Da Pátria o grito
Eis se desala
Do Amazonas
Até o prata.

A MARSELHESA

Com a proclamação da República, foi adotado o hino nacional francês — A MARSELHESA — durante dois meses como HINO PROVISÓRIO, para comemorar o acontecimento. Surgiu a música de Ernesto Fernandes de Sousa, com letra de Medeiros e Albuquerque, enaltecendo o novo regime.

Muito se passou sem novo hino nacional. Para compô-lo foi convidado Carlos Gomes, que não aceitou o convite, alegando que a música de Francisco Manuel da Silva era de exemplar beleza. No dia 22 de novembro de 1889, o governo instituiu concurso para a música destinada ao HINO DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL, que deveria ser adaptada aos versos de Medeiros e Albuquerque. Apresentaram-se vinte e nove compositores. Mas a imprensa fazia campanha em favor da música de Francisco Manuel da Silva.

VITORIA

Em 15 de janeiro de 1890, contingentes da marinha desembarcaram no Rio para saudar o chefe da esquadra Wandenkolk, também ministro da Marinha. Houve grandes passeatas e discursos vibrantes. O orador Serzedelo Correia pediu que o Hino de Francisco Manuel da Silva fosse adotado como Hino Nacional. Houve grandes manifestações do povo favoráveis à idéia. Deodoro da Fonseca, no momento, em nome do governo, declarou que o Hino Nacional de Francisco Manuel da Silva seria conservado como da Nação Brasileira. O concurso foi mantido, já agora para escolher a música do HINO DA PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA. Foi vitoriosa a composição de Leopoldo Miguez, com letra de Medeiros de Albuquerque.

DECRETO

Éis o decreto nº 171, de 20 de janeiro de 1890, assinado por Deodoro da Fonseca, Aristides Lobo, Campos Sales, Benjamim Constant e Demétrio Ribeiro:

"Art. 1º — É conservado como Hino Nacional a composição musical do maestro Francisco Manuel da Silva.

"Art. 2º — É adotado sob o título de Hino da Proclamação da República a composição musical do maestro Leopoldo Miguez, baseada na poesia do cidadão José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque".

O decreto, como se vê, não tratou da letra do Hino Nacional.

PROTESTOS

Contra a falta de letra oficial, houve vários protestos, inclusive do deputado federal Coelho Neto. Foi nomeada uma comissão para rever a música de Francisco Manuel da Silva. Membros: Alberto Nepomuceno, Frederico Nascimento e Francisco Braga. A comissão sugeriu a abertura de concurso público para escolha da letra e apresentou os seguintes versos que serviriam de modelo métrico para o Hino:

Brasil é teu destino oh! Pátria amada,
Pugnar em prol da paz e do direito.
Fazer perante os mesmos respeitadas
Princípios de justiça e de equidade.
Que a razão seja o teu lema
E a tua arma seja o gládio da justiça!
Seja o teu culto a verdade.
E oficinas, campos sejam tua liça.

Oh! Pátria amada! Estremecida! Salve!
Salve!

Brasil! no mundo inteiro terra eleita!
Brasil! da natureza filho amado!
Brasil! teu céu é puro entre os mais

Teus mares verdes-azuis são os mais puros,
Risonhos são teus vales luminosos, belos,
Allivas tuas serras verdejantes,
Teus grandes rios os mais caudalosos,
Teus vastos campos floridos e férteis.
Oh! Brasil! Oh! Pátria amada!
São bem-estar, fortuna são, Brasil!
Pátria amada! Brasil!

PROJETO

Coelho Neto, na Câmara dos Deputados, apresentou projeto, autorizando o governo a criar prêmio de dois contos de réis para a melhor composição poética que se adaptara com todo o rigor do ritmo à música do Hino Nacional Brasileiro. Isto em 1909.

Surgiram várias letras, entre as quais a de Osório Duque Estrada, que caiu rapidamente no domínio do público.

ALTERAÇÕES

Para que o poema fosse perfeitamente encaixado à melodia, Osório Duque Estrada fez várias alterações nos versos originais: Da independência o brado retumbante passou a De um povo heróico o brado retumbante.

Pelo amor da liberdade passou a Em teu seio, ó liberdade
Quando em teu céu azul, risonho e límpido passou a Se em teu formoso céu, risonho e límpido.

Es grande, és belo, impávido colosso passou a És belo, és forte, impávido colosso.

Dos filhos do teu fianco, és mãe gentil passou a Dos filhos deste solo és mãe gentil.

Entre as ondas do mar e o céu profundo passou a Ao som do mar e à luz do céu profundo.

Fulguras, ó Brasil, jóia da América passou a Fulguras, ó Brasil, jóia da América, florão da América.

Brasil seja de amor eterno símbolo passou a Brasil de amor eterno seja símbolo.

O pavilhão que ostentas estrelado passou a O lábaro que ostentas estrelado.

Mas da injustiça erguendo a clava forte passou a Mas se ergue da justiça clava forte.

OFICIALIZAÇÃO

O concurso proposto por Coelho Neto nunca foi realizado. A letra de Osório Duque Estrada permaneceu difundida até 1922, sem oficialização. Mas a 21 de agosto de 1922, Epitácio Pessoa assinou o decreto nº 4.559 autorizando o Poder Executivo a adquirir, pela importância de cinco contos de réis, a letra do Hino Nacional Brasileiro, escrita por Joaquim Osório Duque Estrada. Feita a aquisição, Epitácio Pessoa, em 6 de setembro de 1922, baixou o decreto nº 15.671 declarando oficial a letra do Hino Nacional Brasileiro escrita por Joaquim Osório Duque Estrada.

OS AUTORES

FRANCISCO MANUEL DA SILVA nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 21 de fevereiro de 1795. Era violonista. Compôs principalmente hinos e músicas sacras. Morreu a 18 de dezembro de 1865, na cidade em que nasceu. JOAQUIM OSÓRIO DUQUE ESTRADA nasceu na cidade de Vassouras, Estado do Rio de Janeiro, a 29 de abril de 1870. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras. Poeta, jornalista e crítico literário. Publicou várias obras.

O BOQUEIRÃO

POR: Fabiano de Cristo Rios Nogueira

A produção literária de José Américo (*A Bagaceira*, 1928, *O Boqueirão e Coiteiros*, 1935), foi cercada, no seu surgimento, por circunstâncias determinantes da maior ou menor receptividade de suas obras junto à crítica e ao grande público. Dentre elas, *A Bagaceira* foi a mais feliz, as circunstâncias que a cercaram foram positivas. Surgiu no momento em que a atmosfera literária estava condicionada ao surgimento de alguma coisa no Modernismo e, segundo Wilson Martins, veio preencher tal lacuna: "Isso explica, antes de mais nada, creio eu, pela mudança na conjuntura histórica e social; e, decisivamente, pelo aparecimento 'ao Norte', de um romancista que trazia, enfim as qualidades que os de São Paulo se obstinavam em frustrar. Assim *A BAGACEIRA*: livro afinal de contas, completamente estranho ao Modernismo, tomaria o lugar de João Miramar, de *O Estrangeiro*, de Macunaima, como fonte de grande ficção modernista; mas isso só foi possível, exatamente como aconteceria mais tarde com *Casa Grande & Senzala*, porque a atmosfera literária já estava condicionada pelo Modernismo e esperava alguma coisa nesse gênero"¹.

Já na visão crítica de Alfredo Bosi, temos a convergência de motivos internos e externos com circunstâncias que cercaram o aparecimento d'*A Bagaceira*. O seu comentário crítico à citada obra de José Américo, está de certa forma ligado ao de Wilson Martins, contudo, convém salientá-lo porque nele a ligação ao Modernismo, cinge-se, primordialmente,

à coloração original que vinha tomando, no Nordeste, o gênero modernista, e mais, porque vai além, mostra a convergência de motivos internos e externos que somados, deram à obra a posição destacada que desfruta em nossa historiografia literária. Os motivos externos foram mais importantes que os internos, no sentido de assegurar a valorização do romance.

Segundo Bosi, com efeito, a criação de J. A. não supera o que já havia sido feito no gênero, sob o signo do Naturalismo. Até aponta um elemento que, se usado a contento, poderia ter sido responsável pelo melhor nível da obra: o encontro de uma retirante com o bacharel, a enorme distância psicológica entre ele e o pai, para quem ele acaba perdendo a jovem.

Mas Bosi aponta também os méritos do livro e o que dele ficou para as experiências que se seguiriam, atualizando-se na melhor produção poética da década seguinte: "um tratamento mais coerente da linguagem coloquial, traços impressionistas na técnica da descrição e, no nível dos significados, uma atitude reivindicatória que o clima de decadência da região propiciava"².

Fácil seria continuar o levantamento da crítica às circunstâncias do surgimento d'*A Bagaceira*, porque é farta a bibliografia sobre o romance que, segundo Otto Maria Carpeaux,³ abriu nova fase na história literária do Brasil"³, mas é ele mesmo que acrescenta, "o número de referências bibliográficas não dá idéia suficiente do êxito e da importância do livro"⁴. Contudo, é preciso referirmo-nos

ao trabalho do Professor Juarez da Gama Batista porque é muito mais do que uma bio-bibliografia de José Américo. O trabalho é, na realidade, uma exegese dos motivos interiores que fizeram brotar a obra no autor. Mostra-nos ele um jovem procurador-geral do Estado submerso num mundo de togas pretas, de sisudez, de recolhimento e à distância de todos. Mas esse mundo adverso ao jovem de pouca idade não arrefeceu o ânimo do José Américo, pelo contrário, serviu de força propulsora à busca de uma válvula de escape: *A Bagaceira* 5.

Não poderíamos deixar de registrar aqui o estudo de M. Cavalcanti Proença (*In Estudos Literários*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1974, p. 374-421), por permanecer como o mais completo sobre esta obra ficcional.

A posição impar d'*A Bagaceira* na historiografia literária brasileira não surtiu o efeito mais esperado, ou seja, que as obras subsequentes da produção literária do consagrado autor sofressem exames críticos acurados e não fossem vítimas de críticas apressadas, como a de Alceu Amoroso Lima, que procura fazer do autor paraibano artista de uma obra: "Ia ainda ensaiar de novo nos Coiteiros e no Boqueirão o vôo de vosso avião literário. Mas é uma tendência de nossas letras ao longo dos séculos — de que O Guarani ou Os Primeiros Cantos, Os Sertões ou Canaã foram as provas comprovadas — que os nossos grandes autores dão logo o melhor do seu gênio em suas obras de estréia. Há exceções, sem dúvida, porque a arte é uma eterna surpresa e um

desmentido constante às pretensões dos críticos de verem leis e ritmos onde há apenas a liberdade de espírito.) que sopra sempre onde quer, como o próprio Espírito de Deus, de que aliás, o espírito de cada criador não é mais do que um palido reflexo" 6.

Ora, se o próprio Alceu Amoroso Lima admite exceções, poder-se-ia ficar por aqui. Cabe, no entanto, salientar que a exceção ele pôs na regra: José Américo. Parece-me que o crítico não foi capaz de perceber a liberdade de espírito desse autor que soprou fortemente em duas novas grandes obras: *Coiteiros* e *O Boqueirão*. A primeira foi alvo de um estudo de Jean Orecchioni, professor universitário em Grenoble, na França, que conquistou esse título com uma tese sobre o canção, aprovada pela Sorbonne, e que tinha como um dos capítulos o estudo sobre *Coiteiros*. Quanto a esse trabalho, teríamos a ressaltar, em que pese sua qualidade analítica, a sua presença no prefácio do *Coiteiros*, porque narra o desenvolvimento da trama e, de certa forma, ao leitor menos avisado tira o prazer do contato primeiro que deve ser sempre com a narrativa original, com o texto literário. Contudo, o trabalho merece ser visto, analisado e sobre ele se deve refletir para melhor compreensão de *Coiteiros*. Dele convém ressaltar o último parágrafo porque lá estão amalgamadas as características necessárias à compreensão do homem nordestino que vive, ama e luta em *Coiteiros*. "A minha convicção profunda é que certos romances nordestinos têm valor literário, precisamente, na medida em que nós, leitores estrangeiros a esse meio, reencontramos neles não digo o Homem com letra grande, invenção dos filósofos, mas os homens, nossos irmãos, com a sua fisionomia, a sua mentalidade, os seus costumes, os seus pensamentos e sentimentos, os seus problemas e as suas reações pessoais, tudo isso diferente, é certo, porque cada homem é único, mas tudo isso também de cada um de nós, porque estamos todos a bordo do mesmo barco, nesta grande aventura que é a vida humana" 7.

"O Romance Brasileiro de 30", trabalho de Adonias Filho, traz as palavras de impacto e de colocação certa de Tristão de Ataide ao irromper d'A *Bagaceira* na literatura nacional: "Até minutos antes a literatura brasileira estava vazia desse livro. E de agora em diante já não pode viver sem ele" 8. Mas, ao contrário de Alceu Amoroso Lima, Adonias Filho foi além, soube ver que o autor multiplicou-se em obras de boa qualidade literária: "O maior elo-

"...a arte é uma eterna surpresa e um desmentido constante às pretensões dos críticos de verem leis e ritmos onde há apenas a liberdade de espírito."

gio, porém, para o romance de José Américo de Almeida, é dizer-se que se multiplicou sem sair de si mesmo. Tornou-se muitos, alterando uma ficção, valorizando a literatura de um tempo. Multiplicou-se inclusive na própria obra do autor com *Coiteiros* e *Boqueirão*. Esse romance, *A Bagaceira*" 9.

Infelizmente, mesmo com Adonias Filho ressaltando a multiplicação d'A *Bagaceira* em obras subsequentes, mesmo com Jean Orecchioni estudando *Coiteiros*, vê-se que o estudo sobre *Coiteiros* e *O Boqueirão*, é incipiente ou quase não aconteceu em relação a *A Bagaceira*. Contudo, é preferível a omissão de muitos a crítica, felizmente pouco contundente, de Lúcia Miguel Pereira que se resente de clarividência analítica ao valorar *O Boqueirão* como a obra menor de José Américo. Ora, se atentarmos às palavras do Professor Jurez da Gama Batista, no prefácio de *A Bagaceira*, que fala da "tarde sobrenatural" do autor como "a sugestão óptica que levou um toque inimaginável da vida à sua obra-prima, a obra-prima esquecida da literatura brasileira — *O Boqueirão*" 10, certamente veríamos que seria preciso maior acuidade científica e percepção artística para não incorrer na falha analítica de dizer que "Existe animismo em *Bagaceira*, existe muito em *Coiteiros*, e existe também em *Boqueirão*", mas que "Este último parece-me nitidamente inferior aos dois outros. Não tem a mesma força, e um dos maiores dons do seu autor, quase à sua marca distintiva, é a força" 11 (O grifo é nosso).

Felizmente em nossa historiografia literária há ensaístas de maior acuidade científica. Por exemplo, há um ensaio de Fábio Lucas, em *O Caráter Social da Literatura Brasileira*, São Paulo, Quiron, 1976, em que se percebe ao primeiro contato que o autor não se deteve profundamente na obra estudada, conta porém a seu favor a lucidez de indicar *A Sinfonia Pastoral do Nordeste*, de Jurez da Gama Batista, como uma boa análise dessa obra 12. Parece-nos que a saída justa e honesta para quem não se debruçou a refletir detidamente sobre uma obra de arte é indicar quem o fez.

Levantada a bibliografia sobre a produção literária de José Américo de Almeida, constata-se que *O Boqueirão* foi a obra injustiçada do autor por ter sido relegada ao esquecimento na historiografia literária brasileira. No entanto, por julgá-la muito mais que um romance de pendão reacionário. Na luta entre a tecnologia que penetra no Nordeste e os elementos naturais" 13, procuraremos mostrar que *O Boqueirão* é a constatação, através de uma realidade artística, de que nenhuma mudança se efetivará benéfica ao Nordeste e ao nordestino pela implantação do processo de modernização. Porque somente será válida aquela mudança que se fizer de dentro para fora, do interior para o exterior, pelo processo de desenvolvimento.

"Viviam os dois como irmãos na Universidade de Ohio. O brasileiro exaltava o Brasil.

— Terra onde se dá tudo
E mais isso e mais aquilo.
Mas havia no seu país uma terra diferente de todas as outras
— Terra onde não se brinca com o amor. Terra de palavra dada: sim-sim, não-não
Era seu sertão nordestino" (O Boqueirão, p. 83).

Estas afirmações iniciais de Remo: "Terra onde não se brinca com o amor" e "Terra de palavra dada: sim-sim, não-não" parece serem esquecidas pelo próprio Remo ao tornar-se um sertanejo mesclado de idéias "lanques" isto é: tonar-se cidadão e sertanejo simultaneamente.

"— Estou acostumado a brincar com as girls.
Elsa ria tanto que lhe trêmia todo seu

Remo foi o último a sair fecharam-lhe a porta nas costas. E quando se viu só, no pátio iluminado, reverteu às impressões de menino.

A fogueira, com fome, devorava a lenha verde, ainda viva, que chiava nas brasas, sangrando um sangue escuro. Mas esse fogo ritual tinha-lhe aquecido as ilusões mais deliciosas da infância. A poeira de falcas era uma imagem que ainda lhe alumia os sonhos.

Aspiro o perfume das resinas queimadas, o mesmo incenso que lhe resscendia a alma. Sentiu todo o gosto de um cheiro arfíggi que nunca se esquece. Era mais fácil esquecer um nome.

Quem estava com a razão era Frank White que lhe dizia, Na América você tinha um ar do sertão; no sertão, tem ar estranho" (O Boqueirão, p. 98) (o grifo é nosso).

Essa dualidade interior de Remo na busca constante e insimulante da sua unidade interior, age

ENSAIO

por um mecanismo de transferência em seu pleito de modificar o sertão. "Desde esse dia, o brasileiro só aspirava a uma vida de ação. Queria salvar, quando nada, o seu sertão sacrificado. Descobrir-lhe a alma, curá-lo do mal de amor, criar-lhe a alegria providencial." (O Boqueirão, p. 84)

Desejava afeição à terra da seca a um tipo de civilização prática e feliz" (O Boqueirão, p. 84). Nessa tentativa, ele procurou nivelar por si a terra e as pessoas e implantar seu "amor" difuso e inconsequente na alma das raparigas sertanejas: "Para que aterrares as raparigas?"

E Remo foi positivo: "Para que aprendam a viver na intimidade dos homens sem amá-los. Quero ensinar esse povo triste a ser feliz" (O Boqueirão, p. 97).

Ora, ao primeiro contato com o sertão, Frank White, o americano, exclama: "— Que povo! É preciso criar uma civilização assim" (O Boqueirão, p. 95). Registrando aí seu passo inicial de discordância ou de antevisão da inútil tentativa de Remo de procurar mudar a alma de um povo. E, mais adiante, ao auscultar melhor a alma sertaneja, ratifica sua antevisão numa frase peremptória: "— Tentar mudar a alma de um povo é expô-lo a perdê-la: tudo pode ser artificial, menos a alma" (O Boqueirão, p. 103).

A concordar com o americano estavam os sertanejos mais velhos e experimentados de vida que davam à trela:

"— Ah, meu amigo, isso acaba mal. Não pode endireitar assim."

Eram as últimas expressões de um tempo que se diluiu" (O Boqueirão, p. 106).

"— Que é que o sr. está pensando? A seca faz mal, mas já se sabe o mal que faz. Recebe-se como se pode, como uma doença qualquer. O pior é a gente não saber o que vem" (O Boqueirão, p. 106).

"— O que? De que serve salvar, se o sertão vai ser outro. Eu juro! Antes a seca que vem e passa. E tudo fica como é" (O Boqueirão, p. 106). Sim, porque eles tinham consciência que os benefícios que a barragem trouxesse não suplantariam os males causados à alma do povo com a ruptura do código ético do sertão.

Contudo, são as palavras de um guarda dos costumes do sertão que funcionam como a grande nota musical, desta "sinfonia pastoral do nordeste", que envolverá toda a obra como uma imensa metáfora: "— Acabando com os nossos costumes acabam com a gente: o mais será deles. Diz que vai melhorar. Começa que eu não

acredito. Acredito. Mas queremos antes que fique como está" (O Boqueirão, p. 106). O descrédito envolve a melhoria trazida pela barragem como um todo e o crédito é atribuído aos bens materiais. Daí ele dizer inicialmente, "começa que eu não acredito". E, por último, "acredito". Mas como um não justifica o outro, faz sua opção final: "queremos antes que fique como está". Mas, não fica. Apesar de Remo reconhecer que Frank White está com a razão: "— Para que anexar uma civilização estranha? A terra é pura. Deve manter o seu caráter! A felicidade parece pouca, mas é espontânea e simples. Não cansa. Tudo é natural. Até a infelicidade é natural" (O Boqueirão, p. 108). Contudo, mesmo reconhecendo que anárquicas e malélicas eram a deturpação dos sentimentos e a mistura de influências desconexas que trouxeram ao sertão, Remo não para ou já não podia parar. O certo é que Irma, a crédula, a esperançosa numa mudança efetiva e promissora, paga caro por tudo aquilo em que acreditou. Ela não ouviu o grito sertanejo de dor, de angústia e de descrédito: "começa que eu não acredito". "E Irma despegou-se da serra. Não se fundiram duas almas no sacrifício final. Ela despençou, sozinha, formando, com o corpo despedaçado, a barragem simbólica, amassada em sangue, fechando o boqueirão, num grotesco vingativo de esperanças ludibriadas" (O Boqueirão, p. 164).

Irma conservará desta forma, sua pureza de metáfora, até mesmo quando percebe que o mundo da técnica, a que nunca se ligara, mas que estava ligado a Remo, que era um símbolo do seu amor romântico, vai desaparecer. Por isso é que tomou de um surpreendente apego ao boqueirão abandonado, que lhe havia desfigurado a terra com uma esperança enganosa e a presença incômoda daquelas aves da arribação. E o seu sacrifício vai ser a única reação verdadeira, pessoal, silenciosa à retardada das máquinas que lhe transformaram o destino, e que irão, por fim, arrastar Remo pelas estradas do sertão — estas, só agora apontadas como "arterias do vício". Com uma coragem só de mulher, Irma defende essa pureza que é, sobretudo, um sentimento antigo da terra buscando encontrar-se num antigo amor, que também se escapa. Por isso foi que "despegou-se da serra... despençou sozinha, formando, com o corpo despedaçado, a barragem simbólica" 14. Seu corpo formou a barragem que não foi concluída com os recursos tecnológicos, mas, com a alma do povo do sertão, exposta pela tentativa de mu-

danças que tentaram submetê-la e que acabou por desvirtuar-lhe os sentimentos.

Convém salientar ainda, que, ao final da análise de "o código ético do sertão, em O Boqueirão", concluímos que o sacrifício de Irma que despegou-se da serra, "formando com o corpo despedaçado, a barragem simbólica", significa que o processo de modernização traz em seu bojo o benefício do avanço tecnológico e o malefício da ruptura do código ético. Daí a morte de Irma ultrapassar a simples morte de uma pessoa para simbolizar a violação, a deturpação, a ruptura dos valores éticos de um povo, como elemento necessário à consecução da barragem.

A guisa de conclusão convém salientar que mesmo consciente que "o número de referências bibliográficas dá idéia suficiente do êxito e da importância do livro" esperamos, no entanto, que o brado do professor Juarez da Gama Batista, O Boqueirão é a obra-prima esquecida da literatura brasileira, sirva de alerta aos estudiosos de literatura, não com o objetivo de ampliar o número de referências bibliográficas sobre a obra, mas objetivando propiciar aos estudiosos o prazer intelectual do trabalho analítico sobre O Boqueirão, fora de dúvida, a obra-prima ficcional de José Americo de Almeida.

Fabiano de Cristo Rios Nogueira
Professor de Literatura Brasileira
da FUFPI.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MARTINS, Wilson. "O modernismo". In José Americo de Almeida — *a escritor e o homem público*. João Pessoa: A União, p. 160.
2. BOSH, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo, Cultura, 1974, p. 444.
3. PROENÇA, M. Cavalcanti. *Estudos literários*. 2. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1974, p. 274.
4. Op. cit., p. 374.
5. BATISTA, Juarez da Gama. "José Americo — a legendada e a vida". In *A bagaceira*. 13. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1974, p. 118.
6. LIMA, Alceu Amoroso. "O criador de um novo sertão". In José Americo — *a escritor e o homem público*. João Pessoa: A União, 1977, p. 27.
7. ORECCHIONI, Jean. In preface de Colletier, João Pessoa, Aquarius, Coleção Canção-1, s.d., p. 25.
8. ADONIAS FILHO. "O romance brasileiro de 30". In José Americo — *a escritor e o homem público*. João Pessoa: A União, 1977, p. 83.
9. Op. cit., p. 83.
10. BATISTA, Juarez da Gama. op. cit., p. xviii.
11. PEREIRA, Lucio Miguel. "José Americo de Almeida — Critérios Biográficos". In José Americo — *a escritor e o homem público*. João Pessoa: A União, 1977, p. 164.
12. LUCAS, Fabiano. *O caráter social da literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo, Quiron, 1976, p. 79.
13. Op. cit., p. 74.
14. BATISTA, Juarez da Gama. *A sinfonia pastoral do Nordeste*. 2. ed. João Pessoa: UFPI, 1978, p. 48.

I Encontro de Compositores e Intérpretes Piauienses

O I Encontro de Intérpretes e Compositores do Piauí, promovido pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, Secretaria de Educação e pela Prefeitura de Teresina, foi encerrado dia 25 de setembro à noite, no Ginásio de Esportes Verdão, com a escolha das 12 músicas que serão incluídas no Lp patrocinado pelo Governo do Estado e com um show dos cantores Jorge Ben, Pepeu Gomes e Baby Consuelo.

Com um público estimado em mais de cinco mil pessoas, houve

apresentação das 16 músicas selecionadas nas duas semifinais realizadas, quando foram escolhidas as 12 melhores.

As músicas selecionadas pela comissão julgadora e consideradas vencedoras do festival foram "Repente", de Cruz Neto; "Nós", de Garibaldi Ramos; "Meu Frevo", de Elder Jales de Carvalho; "Zeus", de Geraldo Brito; "Toda Rosa sabe-se a cor", de Abraão Lincoln; "Mágica serpente", de Geraldo Brito e Paulo José Cunha; "Estrada de Carroçal", de Clímério Ferreira;

"Pedra do Sal", de Zezé Fonteles; "Desejo", de Ronaldo Bringel; "O mundo que eu venci deu-me um amor", de Nonato Medeiros; "Consequência", de Ronaldo Bringel; e "Segredos do prazer", de Alcântara

Ana Miranda foi escolhida pela comissão julgadora como a melhor intérprete feminina, enquanto que Ronaldo Bringel ficou com o título de melhor intérprete masculino. O melhor arranjo foi para a música "Nós".



Secretário Jesualdo Cavalcanti Barros, Subsecretária Lena Monteiro de Carvalho e o presidente da APL A. Tito Filho na abertura do Seminário "Cultura nos meios de Comunicação".

Seminário a cultura nos meios de Comunicação

O Seminário A Cultura Nos Meios de Comunicação do Estado, realizado no período de 29 a 31 de agosto, no auditório Herbert Parentes Fortes, alcançou em todos os aspectos o êxito desejado. Durante três dias escritores, jornalistas, estudantes de jornalismo e pessoas outras interessadas estiveram reunidos para questionar assuntos os mais importantes para a compreensão da nossa cultura e do nosso jornalismo.

Dividido em seis painéis, o Seminário nos apresentou temas como

O Jornalismo de Ontem e de Hoje, O Papel da Assessoria de Imprensa nos Meios de Comunicação do Estado, Os Caminhos da Cultura Piauiense, A Colaboração Literária em Face da Lei, A TV e a Crise do Homem Moderno e O Papel do Empresariado na Cultura Piauiense.

Estiveram debatendo estes temas A. Tito Filho, Lena Monteiro de Carvalho, Herculano Moraes, Alberoni Lemos Filho, José Eduardo Pereira, Rubervan du Nascimento, Edmundo Moreira, Padre Matusalém, Paulo Machado, Cinéas Santos, Ademar Bastos, Clidenor de

Freitas Santos, Luiz Alberto Falcão, Waldei Manoel Rodrigues, Pompílio Santos, Josino Ribeiro Neto, Jesualdo Cavalcanti Barros, Jesus Elias Tajra, Ferdinand Silveira e João Freitas.

De acordo com Jesualdo Cavalcanti Barros, o "Seminário emergiu do entendimento de que nossas manifestações culturais são expressões de nossa criatividade, de nosso gênio, devendo, por isso mesmo, ocupar maiores espaços na imprensa falada, escrita e televisada sob pena de, ao invés da grandeza, evidenciar a indigência de nosso espírito".

Estilo simbolista de Félix Pacheco

POR: Carlos Evandro Eulálio

FÉLIX PACHECO:
O poeta simbolista

José FELIX Alves PACHECO nasceu em Teresina, no dia 02 de agosto de 1879. Jornalista, Deputado Federal pelo Piauí em três legislaturas, Senador da República em 1921. Ministro das Relações Exteriores no governo do Presidente Arthur Bernardes, de 1922 a 1926; Diretor do "Jornal do Comércio" do Rio de Janeiro e Diretor do Gabinete de Identificação e Estatística do antigo Distrito Federal, tendo ali introduzido novos métodos de datiloscopia. Em sua homenagem, aquele órgão recebe atualmente a denominação de Instituto Félix Pacheco.

Afora todas essas atividades, Félix Pacheco também destacou-se como poeta. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira nº 16, na vaga de Tristão de Alencar Araripe Júnior. Na ABL exerceu os cargos de Bibliotecário, 2º Secretário e de Secretário Geral.

Faleceu no Rio de Janeiro, no dia 6 de dezembro de 1935, aos 56 anos de idade.

1897 foi o ano de publicação de seu primeiro livro de poemas: "CHICOTADAS". Trata-se de uma produção de menor importância, considerando-se a tardia manifestação romântica que nela se esboçava. Com relação a essa obra, Félix Pacheco julgava-a fora de suas pretensões poéticas, pois a ela nunca se referia, descartando-a do conjunto das demais.

Carlos Evandro M. Eulálio

Piauiense, Mestrado em Literatura Brasileira. Professor da FUFPI, crítico literário e membro do Conselho Editorial da revista *Presença*.



Desaparecido Cruz e Sousa (1861-1898), surgiram no Brasil dois importantes grupos de poetas simbolistas fiéis à memória do autor de Broquéis. O primeiro era constituído de velhos amigos pessoais do nosso Dante Negro, a saber: Nestor Vitor, Gustavo Santiago, Carlos Fróis e outros. O segundo reunia autores jovens como Saturnino Meireles, FÉLIX PACHECO, Pereira da Silva, Rocha Pombo, Carlos D. Fernandes e outros. O grupo de Félix Pacheco foi mais atuante, tanto assim que dele partiu a iniciativa da criação da mais importante revista de divulgação da Escola de Moréas, denominada ROSA CRUZ. Na Academia Brasileira de Letras, FÉLIX PACHECO foi oficialmente o primeiro poeta simbolista a ser recebido. Ali, fez a primeira apologia do movimento, por ocasião de sua posse, no dia 14 de agosto de 1913. A partir de então a Escola foi mais divulgada e o nome de Cruz e Sousa tornou-se mais vivo e difundido nos meios literários do país.

A melhor produção poética de Félix Pacheco é sem dúvida a Simbolista. Seus versos revelam influências do estilo de Cruz e Sousa e de autores franceses como Verlaine, Rimbaud, Mallarmé e mais precisamente Baudelaire de quem foi in-

térprete e tradutor, POESIAS é talvez a sua melhor obra, porque compreende as mais célebres composições do poeta: Tentação, Espelhos, Via Crucis, Flor Florum, Lírio Roxo, A voz das estrelas que amavam, Estranhas Lágrimas, Imaculada, O Batismo da Eleita, Naufrago, Pudor e outras. A primeira edição de POESIAS surgiu em 1914. A segunda data de 1920. A edição definitiva é de 1932. Nesta última o poeta reuniu poemas publicados anteriormente.

Através do verso, FÉLIX PACHECO soube manifestar verdadeiros interiores, utilizando vocabulário fértil, numa linguagem predominantemente emotiva. Foi poeta correto. Apresentou técnica de composição depurada como no soneto ESTRANHAS LÁGRIMAS, em que usa rimas ricas, evidenciando perfeição de forma através da harmonia e da musicalidade:

"Lágrimas... Noutras épocas verti-as.
Não tinha o olhar enxuto como agora.
Eu próprio então me aconselhava: "Chora,
Que o pranto é um refrigério às agonias".

Ah! quantas vezes, pelas faces frias,
Melancolicamente, hora atrás hora,
Gota a gota rolando, elas outrora,
Marcaram noites e marcaram dias!

Vinham do oceano da alma, estranho e fundo,
Quentes, num debulhar sincero e franco,
Mal reprimindo a minha angústia louca.

Nos olhos, hoje, as climino e estanco,
Jorraram, no entanto, sem que as veja o mundo,
Sob a forma de risos, pela boca!

A autêntica poesia simbolista, no entanto, comparece no soneto NAUFRAGO, cujas características como a sensação de isolamento, a busca do espiritual, a presença do transcendental, da musicalidade, enfim de imagens sugestivas confirmam os vínculos do poeta a esse estilo de época:

Sozinho, . . . O mar e o céu. . . nenhuma vela
Na curva extrema do horizonte avisto
Ao lento caminhar da morte assisto,
E é tudo um vendaval que se encapela!
Perdido no ruído que me flagela,
Nem sei da terra firme quanto disto.
Misericórdia, céus, Piedade, Cristo!
Piedade! O coração se me esfaca.

Por que me foges, sol, ocaso em fôr?
É uma noite sem Luar. . . Estruge agora
O soturno trovão nas densas trevas.

O temporal é cada vez mais forte.
Onde é que estou? Para que lado é o norte?
Onde é que estou? Destino, aonde me levás?

Se Cruz e Sousa tinha obsessão pelo branco, a linguagem colorida de Félix Pacheco, possivelmente por influência de Baudelaire, acolhia como imagem constante em seus poemas "a grande face do mar", numa identificação com a própria sensibilidade de poeta, ao manifestar uma poesia interior de profunda reflexão sobre o seu estado de espírito:

"... E entrando em cheio o oceano imenso e amargo
(O rio entrando o mar)

"... E no oceano de angústias que te oprime
Deixa seguir o teu baúzel de vime. . .
(Lira solitária)

"... Lágrimas. . . Noutras épocas verti-as.

Vinham do oceano imenso e fundo. . .
(Estranhas lágrimas)

"... Flores, que é do perfume, Estrelas, que é do
brilho?
Quem acabou de vez com o teu poder, oceano. . .
(Almas irmãs)

A exemplo de todo poeta simbolista, Félix Pacheco Também pagou tributo ao parnasianismo. Nesta fase, o poeta produziu poemas descritivos, declarando-se adepto fervoroso do soneto:

"... Há quem prefira os poemas dilatados
Eu, porém, a outros moldes me remeto
E nunca tive entre os meus gozos
Que não soubesse dentro de um soneto".
(Em louvor do soneto)

Assim, como parnasiano, afastava-se do sonho e dos mundos misteriosos, para penetrar na essência humana, procurando traduzir o drama existencial dos mortais. Nesse sentido, Félix Pacheco aproximava-se de Raimundo Correia, ao produzir uma poesia de profundidade, impregnada de conceitos e reflexões sobre a vida:

"... O tempo é um só e a vida inteira é apenas
simples motivo eterno da incerteza. . .
(Ano bom, Ano Mau, III)

Agudo sentimento de transitoriedade das coisas é traduzido nestes versos pessimistas:

"A vida é sempre atárrax: nasce, desaparece,
E nunca o ser humano a governa ou a deslinda.

Tudo que é graça e amor apaga-se, fenece,
E o que impers amará são sempre as mágoas
ainda
(A lição da vida)

A sensualidade de Bilac também presente na poesia de Félix Pacheco:

"Travesuras do sonho. . . Fantasia,
Mas se, acaso, uma vez te visse nu.

...
Mas o vento protege ao devaneio
E se ele se imiscui nesse momento,
Convém que cada mão resguarde um arto. . .
(Padar)

Outro aspecto que merece destaque na obra de FÉLIX PACHECO é a preocupação formal, que revela o trabalho artístico associado à inspiração. Numa busca constante de perfeição, o poeta de Mors-Amor modificou por diversas vezes as suas poesias. À guisa de exemplo, eis as alterações efetuadas no soneto "Estranhas Lágrimas" — apenas no 1º quarteto:

... Alma, dizia então comigo, chora,
Que o pranto diminui as agonias.
... Alma, dizia então comigo, chora,
Que assim minorarias as agonias.
... Alma, dizia então comigo, chora,
Que o pranto afoga e acalma as agonias.

Finalmente, na edição definitiva de Poesias assim escreveu:

"... Eu próprio então me aconselhava: Chora,
Que o pranto é um refrigério às agonias."

OBRAS DO AUTOR.

Chicoradas — estrofa, 1897, Via Crucis — 1900.
Mors-Amor — 1904, Poesia — três edições 1914,
1923 e 1932; Inesita — 1915; Maria — 1917; Tu
só tu. . . — 1917; No limiar do outono — 1928; O
Penho de Taça Verde — 1919; Lirios brancos —
1919; Eros e Paixão — 1920; Aliança de Poesia —
1932. Publicou ainda: O Publicista da República —
biografia e análise crítica da obra de Raimundo da
Veiga, além de outros livros sobre história, monu-
mento, conferências, discursos parlamentares e biblio-
grafias.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.

Bosi, Alfredo — História Concisa da Literatura
Brasileira, Cultura, São Paulo 1962.
Coutinho, Afrânio, A Literatura no Brasil vol. II
Sal Americana 1969 Rio
Mossé, Massaud, O Simbolismo, Cultura, São
Paulo, 1976
Murat, Luis, Félix Pacheco, Editora Nacional, São
Paulo, Rio 1915
Pacheco, Félix — Na limiar do outono, Eros e
Paixão, Poesia (edição def. de 1932)
Pequeno Dicionário de Literaturas Brasileiras, Cul-
tura, São Paulo 1969.

INUTILIDADES

Sentir a terra áspera, antigamente benfazeja,
e ter nas mãos nada mais
que um punhado de pó estéril.
Sentir o sol nos ombros lacerados,
como fogo a cozer a carne raquítica.
Ficar exânime, mas latejante de vida
e impotente diante do inútil.
Ter a áspera visão, espectral e monolítica
de quem descrê da própria força interior.
Mas lutar, mesmo com fome e sede,
sem o descanso vespéral da rede;
Mas lutar, seja lá com que arma for.
Até que se extinga a chama libertária.
E retornar ao pó, como um átomo perdido,
homem inútil, agonizante e vencido,
que desce ao chão como porção de terra vária.

Herculano Moraes

TERESINA

Teresina:
contornos sensuais, anatômicas formas;
árvores que balouçam, máquinas que trafegam;
firmamento verde, cáustica chapada;
teu anoitecer é como um tapete d'ouro,
linhas energéticas, relâmpago tece...
festival etéreo, canto de pardais.

Teresina:
posto avançado, indórmita sentinela;
silo d'esperança, invencível guerreira;
artérias multicores, luminárias vivas;
teus edifícios erguidos, projetos ao vento,
são como velas, ao desafio do tempo,
de velozes jangadas. . . navegando céus.

Teresina:
(Metálica Ponté, Poti, Parnaíba. . .);
celeiro de bardos, sinfônica orquestra;
fagueiros meneios, viçosa menina;
teus olhos verdes, no irromper d'aurora,
são como casais que, unidos, oram. . .
sinos retumbantes, catedrais de fé.

V. de Araújo

NÃO AMAR(AM), AMAR

Não amar (gare), amar
sem partir-se ao meio,
corpo inteiro e tocar-se
na confusão do enleio.

Significa amargar,
sentir alguns frissons?
Precisa-se de chão
até alma encontrar.

Quem ama bate forte
na luz do outro olhar,
emenda carne com sangue,
suor, catarro e lágrima.

Sente-se mais despido
beijo de amor, feitiço
no bolo temperado
de amargos, doces, ácidos.

De vidas, outras vidas
vermelhas e escondidas.
Amor, se bicho do mato,
bonito! E chato, chato!...

Francisco Miguel de Moura

A FACA

A faca que me fere
que me corta
que me acorda
que me faz sonhar
a faca que me ilumina
que me engana
que me faz viver...
a faca que me ajuda
que me traga
que me faz amar...
a faca que me enrugou
que tortura
que me faz sofrer...
a faca que me feriu
que me cortou
me iluminou
me enganou
me ajudou
me tragou
me enrugou
me torturou
A faca também me acordou
A faca também me fez feliz
A faca também será tua faca

Arthur Filho

BEPOUPAR

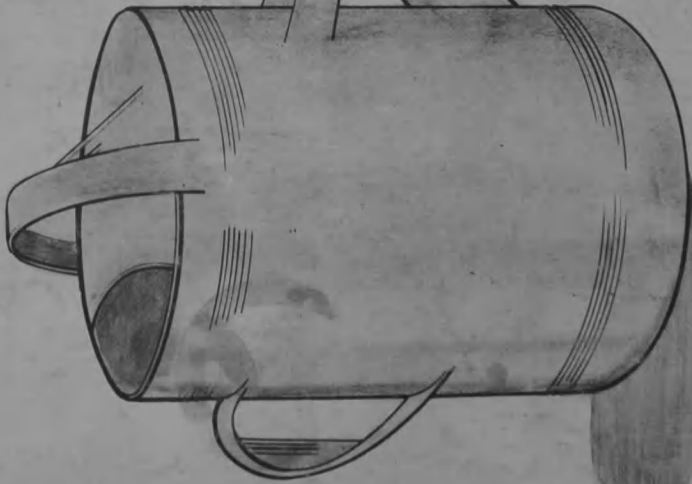
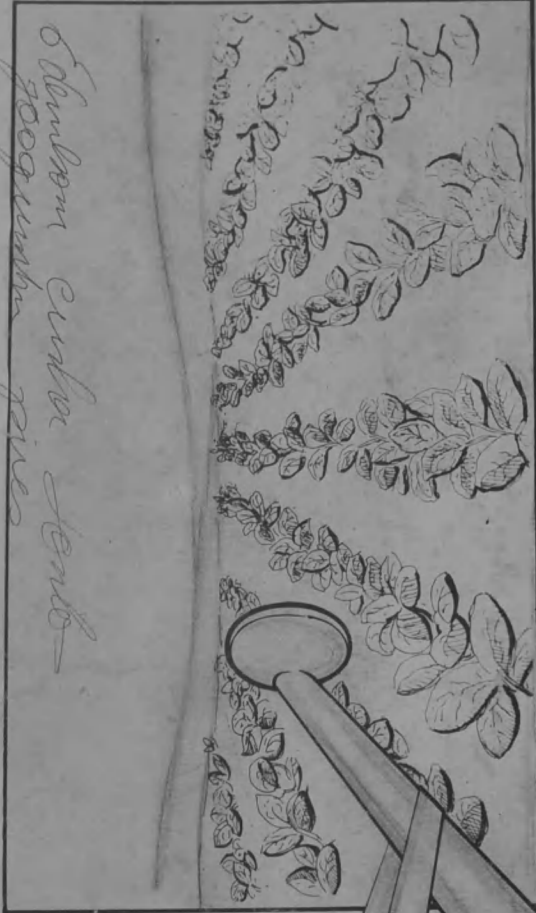
Conjugué o verbo certo para ganhar.



Governo
**HUGO
NAPOLEÃO**

BEPOUPANDO TODOS NÓS ESTAMOS GANHANDO.

*Embram curbor fent
pooqunha pive*



**UM MILHÃO DE GRÃOS
DE TONELADAS DE SAFRA**

ONDE HOUVER ÁGUA E TERRA
O PIAUI IRÁ SE TORNAR O
CONSTRUTOR DE UM GRANDE
CELEIRO DE ALIMENTOS COM
A PALAVRA O POVO PIAUIENSE.

SECRETARIA DE AGRICULTURA



A META É

NESTA SAFRA